

analu gonçalves

# pindorama carioca





Comissão de acompanhamento permanente

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Aline Coelho Sanches

Prof. Dr. David Sperlin [orientador]

Prof. Dr. Joubert José Lancha

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana Schenk

Coordenador do grupo de trabalho:

Prof. Dr. Tomás Antonio Moreira

Instituto de Arquitetura e Urbanismo da  
Universidade de São Paulo | IAU.USP

Trabalho de Graduação Integrado II

ana luiza gonçalves

# pindorama carioca

utopia e emancipação social na  
zona portuária do Rio de Janeiro

São Carlos, 2021

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL  
DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVEN-  
CIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO  
E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

folha de aprovação

# pindorama carioca

## utopia e emancipação social na zona portuária do rio de janeiro

Trabalho de Graduação Integrado apresentado ao  
Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade  
de São Paulo | IAU.USP | Campus São Carlos

ana luiza vieira gonçalves

banca examinadora

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do  
Instituto de Arquitetura e Urbanismo com os dados  
fornecidos pelo(a) autor(a)

G643p  
Gonçalves, Ana Luiza  
Pindorama carioca: utopia e emancipação social na  
zona portuária do Rio de Janeiro / Ana Luiza  
Gonçalves. -- São Carlos, 2021.  
129 p.

Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em  
Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura  
e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2021.

1. emancipação social. 2. moradia. 3. cultura  
popular. 4. Rio de Janeiro. I. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de ca-  
talogação da publicação de acordo com a AACR2:  
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229



---

David Spelin

Instituto de Arquitetura e Urbanismo |  
USP São Carlos

---

Tomás Antonio Moreira

Instituto de Arquitetura e Urbanismo |  
USP São Carlos

---

Paulo Sérgio Teixeira

Centro Universitário Belas Artes  
Universidade Metodista de Piracicaba

aprovada em :

# resumo

Essa e as demais obras aqui presentes são painéis pintados pelo artista carioca Wallace Pato. O uso das obras foi autorizado pelo artista. A obra de Pato transmite com beleza e sensibilidade as dinâmicas sociais populares da cidade do Rio de Janeiro.



As reflexões e questionamentos que motivaram o presente trabalho partem de uma questão central: a emancipação social a partir do morar. Ao longo da trajetória de trabalho, essa questão passa a se ancorar progressivamente no território da zona portuária do Rio de Janeiro, agregando aspectos culturais, sociais, históricos, físicos e de sociabilidade local à uma proposta de habitação que busca construir um espaço onde é possível pensar outras formas de morar.

Esse trabalho pode e deve ser entendido mais como um ensaio projetual do que como uma proposta de intervenção. A escolha do espaço para o desenvolvimento dele parte da análise do Rio de Janeiro como espelho, como território síntese do Brasil. Parece lógico localizar uma proposição utópica que busca consolidar nossos paradigmas de sociabilidade no âmbito doméstico - mudanças nas relações familiares, priorização dos espaços coletivos em detrimento dos individuais, incorporação de práticas populares de sociabilidade, coletivização das atividades de reprodução social etc. - e, talvez mais importante, uma nova relação com o passado, uma redescoberta do passado e da história do Brasil em seu espaço síntese. Se, nas palavras de Carlos Lessa, "o Rio é o Brasil, e o futuro do Brasil está comprometido!"<sup>1</sup>, talvez seja o momento de recontar a história do Rio, de redescobrir seu passado para pensar em outros futuros possíveis.

A partir dessas chaves de leitura, o presente trabalho lê a emancipação como prática coletiva e universal de libertação humana, considerando que não existe liberdade parcial. Pensando a emancipação a partir do ambiente doméstico, as questões de raça, classe e gênero são colocadas em foco, com uma proposta emancipatória que parte não apenas da questão do trabalho, mas considerando também dinâmicas e práticas de sociabilidade cotidianas.

<sup>1</sup> LESSA, Carlos. O Rio de todos os Brasis: uma reflexão em busca de autoestima. Rio de Janeiro: Record, 2000.

# índice

10



introdução

64



pindorama carioca

22



escovar a história a  
contrapelo

104



percurso e narrativa

42



rio de janeiro

120



a encruzilhada

54



leituras do território

124



referências



# introdução

branquitude: eu mulher branca	12
orientações para a leitura do trabalho	15
pindorama carioca	16

Edição sobre a obra de Wallace Pato

*Reencantar a cidade, subverter o território em terreiro, entender a cidade como lugar de encontro, comer pelas beiradas, driblando os perrengues, malendrando entre o horror e o gozo, é seguir vivendo e sobrevivendo para fazer o gol na partida que não termina: num lance rápido e certo do contra-ataque que nos resta para salvar a rua.*

Luiz Antonio Simas

# branquitude: eu mulher branca

Ismália

Emicida part. Larissa Luz  
& Fernanda Montenegro

Antes que o presente Trabalho de Graduação seja apresentado, é importante destacar uma questão que influi de forma direta em sua elaboração: ele foi produzido por uma mulher branca e orientado por dois homens brancos, no contexto da pandemia de Covid-19, que impossibilitou visitas à campo e contato direto com as práticas sociais e culturais aqui abordadas. Não se pretende aqui desenvolver algum tipo de desculpa sobre sua elaboração, suas falhas ou problemáticas, apenas expôr esse como um elemento determinante das discussões. Como mulher branca, paulista e de classe média em uma sociedade construída para a manutenção dos poderes da branquitude e, portanto, carregada de preconceitos e de tentativas de apagamentos, marginalização e destruição das populações e práticas culturais afro-brasileiras não tive uma vivência concreta com esses espaços.

Ainda que esse trabalho não seja sobre a questão racial brasileira, ao longo do processo de leitura do território e da formação da cidade do Rio de Janeiro o racismo como elemento estruturante da sociedade carioca - não apenas, obviamente - e do sistema capitalista e as constantes tentativas de sufocamento ou de embranquecimento das práticas culturais e religiosas afro brasileiras foram se destacando como elementos centrais para o entendimento da área de projeto.

O questionamento do meu papel enquanto branca frente à esse cenário e na luta antirracista foi algo que me acompanhou desde os primeiros meses de trabalho, fazendo com que houvesse um esforço da minha parte em construir leituras e propostas me colocando contra práticas colonizadoras, de apropriação e embranquecimento dessas dinâmicas e buscando sempre me tirar de um espaço de protagonismo com relação ao trabalho. Não creio que eu possa atingir esse objetivo plenamente, mas me afastar das questões de raça me parecia - e foi colocado também por amigos com os quais conversei - como a produção de um novo apagamento e a confirmação da atitude da branquitude de agir como se o racismo fosse uma questão para ser pensada pelo outro. "É preciso dar nome às coisas", uma delas me disse. É isso que

busco fazer, assumindo que, enquanto branca, o racismo é sim uma questão que me cabe pensar e combater.

Não procuro, através deste trabalho, trazer soluções ou ensinamentos sobre o território, as formas de morar e de valorizar a cultura e a produção local. Ele foi uma tentativa minha - do meu lugar de branquitude - de acender histórias apagadas, valorizar práticas populares e criar uma proposta habitacional na qual a diversidade - de pessoas, de famílias, de dinâmicas e modelos familiares, de demandas etc. - pudessem se manifestar e florescer, construindo um palco no qual a emancipação social fosse possível.

A partir disso, entende-se que a noção de emancipação é, novamente, bastante importante para entender a proposta aqui colocada, bem como o conceito de utopia - que será melhor explicado ao longo do trabalho.

A branquitude é, de acordo com Denise Carreira, o local confortável do qual pessoas brancas olham o mundo e mantêm os privilégios materiais, subjetivos e simbólicos na sociedade<sup>2</sup>. A branquitude é um processo de construção de um outro; é o ponto central na construção da noção de raça - características externas que determinam características sociais e/ou internas. Um primeiro passo para a compreensão da branquitude é, como coloca a pesquisadora Lia Vainer Schucman<sup>3</sup>, reconhecer que cada um de nós, brancos, carrega a bandeira de ser um só, ao mesmo tempo que colocamos nos negros e negras, indígenas e outras populações racializadas, o peso de representar todo o grupo, ignorando pluralidades, especificidades e diferenças de visões, subjetividades dos diferentes grupos e indivíduos.

A branquitude se constitui como um grupo sem identidade, uma vez que essa se identifica como a norma, colocando tudo que é fora da norma como exótico. A branquitude é a base fundadora da estrutura de raça e da constituição do racismo. Sendo assim, o reconhecimento da branquitude e o entendimento desta como base fundadora da estrutura racial é essencial para a sua superação.

O professor Silvio Almeida afirma que o racismo não pode ser entendido como uma continuação do período escravocrata. Ao contrário, "o racismo é resultado de uma reconfiguração das relações sociais no período pós-abolição"<sup>4</sup>. É importante entender o caráter estrutural do racismo no Brasil, ou seja, entender que o racismo é um elemento que estrutura as relações sociais, econômicas e de poder na sociedade brasileira. Se tomarmos como exemplo o trabalho doméstico, é possível observar que a grande maioria dos(as) trabalhadores(as) domésticos(as) no Brasil são mulheres pretas. Sendo assim, a mulher branca só pode adentrar o mercado de trabalho porque há uma mulher preta exercendo as atividades domésticas que antes lhe cabiam.

Afirmar que o racismo é estrutural é reconhecer que seus impactos vão muito além da discriminação racial - aliás é essencial que se faça essa distinção de terminologia. É compreender que a subordinação racial exercida pela branquitude determina todas as relações da sociedade brasileira: quem tem ou não acesso às universidades; quem vai ou não morrer de bala perdida na favela; quem vai ou não morar em territórios marginalizados; como é a cara do sujeito lido como bandido; quais corpos são objetificados e quais não; qual música é cultura e qual não; quem merece ir pra cadeia e quem não; quem tem direito à vida e quem não.

Almeida destaca também que não existe racismo sem teoria. Isso implica a necessidade de todo um aparato institucional de produção e manutenção da estrutura racial - escolas, museus, livros de história, teorias e práticas jurídicas, estátuas e heróis nacionais... Sendo assim, a superação da estrutura racial passa, necessariamente, pela desconstrução - ou destruição - desse aparato institucional.

“A luta contra o racismo é a luta por um mundo emancipado”, afirma Almeida. E é pelo Brasil emancipado, um Brasil que é “muito mais aquilo que ele pode ser do que o que ele efetivamente é” que estamos lutando<sup>5</sup>.

2 CARREIRA, Denise. O lugar dos sujeitos brancos na luta antirracista. Revista Internacional dos direitos humanos, SUR 28 - v.15 n.28, 127 - 137, 2018. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2019/05/sur-28-portugues-denise-carreira.pdf>

3 SCHUCMAN, Lia Vainer. Qual o lugar do branco na luta antirracista?. TEDxFloripa, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q6tSIHzpFTc>

4 SCHWARCZ, Lilia. Lilia Schwarcz entrevista Silvio Almeida. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0TpS2PjLprM&list=TLPQMjUwMTIwMjFW-69GsNhcATQ&index=1>

5 ALMEIDA, Silvio Em rede e roda - um encontro com Teresa Cristina. Entrelinhas, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LZ8MTOXdXnA>

# orientações para leitura do trabalho

O amanhã  
Simone

Esse trabalho foi inteiramente elaborado durante a pandemia de Covid-19. Isso significa que não foi possível realizar visitas à área de projeto, que não houve atendimentos presenciais e que, diferente do que vem ocorrendo nos últimos anos, os cadernos não foram impressos. Considerando esse cenário, busquei explorar a dimensão digital ao máximo, no sentido de possibilitar uma experiência de leitura considerando a oralidade, a música e práticas artístico culturais locais e as falas e visões daqueles que são de fato os protagonistas das leituras aqui feitas.

Cada item deste caderno conta com uma indicação de música que eu acredito que dialoga de forma direta com as discussões que busco fazer. Todas as músicas indicadas e canções adicionais estão concentradas em uma playlist no Spotify - disponível a partir do QR Code abaixo. Recomendo que as músicas sejam ouvidas como forma de ouvir as vozes que há tempos narram essa história e pensam em outros futuros através da arte, da religiosidade e da cultura.

Ao fim do caderno, organizei algumas indicações de livros, podcasts, vídeos e filmes que foram importantes referências ao trabalho apresentado e que podem ser acessados caso seja do interesse em se aprofundar nas discussões aqui iniciadas.



pindorama carioca por anacomuna

# pindorama carioca

Ya ya massemba  
Maria Bethania

## Emancipação

Esse trabalho de graduação começa a se desenhar a partir de um complicado conceito que integra as discussões da esquerda, ainda que partindo de diferentes arca-bouços teóricos: a emancipação social. Aqui se pensa em emancipação a partir das proposições da teoria crítica da escola de Frankfurt, em uma análise marxista da sociedade, pautada no materialismo histórico.

O materialismo histórico é o método a partir do qual o marxismo interpreta e propõe transformar o mundo. De forma resumida e esquemática, o materialismo propõe enxergar a realidade entendendo a existência dos seres humanos inserida dentro de um contexto histórico e de acordo com as relações materiais da sociedade. Sendo assim, qualquer mudança nas estruturas sociais deve considerar essas condições históricas e materiais.

Entende-se aqui, adicionalmente, que essas transformações nas condições materiais precisam se colocar no sentido de uma ruptura com o sistema capitalista, pautado em estruturas de poder e opressão que se opõem, em essência, a perspectiva aqui assumida de emancipação - liberdade universal e fim de qualquer forma de opressão ou dominação.

A necessidade de se pensar o projeto para além de demandas imediatas começa a se desenhar com a análise de aspectos de emancipação social que foram elencados para o trabalho ainda na etapa de Introdução ao TGI, sendo eles: os regimes fundiários, os modos de morar, as formas de gestão e organização social e o processo produtivo da habitação. Ainda que tendo partido de um objetivo - e objeto - concreto e bem definido, as fronteiras entre o factível e o utópico começam a se nublar cada vez mais quando começa-se a buscar uma forma de materialização do projeto no território. O caráter utópico dessa proposta se assenta principalmente nessa mudança nas condições materiais e da leitura que é feita da história.

Inicialmente, a proposição tinha como foco a questão da moradia popular. Com o avanço nas pesquisas, seus equipamentos adjacentes e a sobreposição de camadas de raça, classe e gênero, além de uma produção cultural e imagética ligada ao território foram ganhando cada vez mais força. Nesse sentido, a obra de

Lélia Gonzalez, Angela Davis e Silvia Federici se colocam como centrais para entender não apenas os papéis de gênero, como a questão de interseccionalidade, colocando como ponto focal as perspectivas de emancipação de populações negligenciadas, marginalizadas e/ou invisibilizadas.

## Lugar

A escolha do Rio de Janeiro como área de intervenção, em especial das zonas central e portuária, parte de uma série de características dessa região e de aspectos pessoais que esse espaço desperta, se desdobrando, a princípio, de uma análise mais focada na Avenida Presidente Vargas.

Trazendo inicialmente o aspecto pessoal, em meu primeiro ano de graduação - em 2015 - eu fiz parte do grupo de apoio para a realização do XXXIX Encontro Nacional dos Estudantes de Arquitetura - ENEA RIO - na cidade do Rio de Janeiro. Esse encontro teve papel central na minha formação como arquiteta e militante. Foi nele que entrei em contato com as discussões de outros cursos de arquitetura e urbanismo, de outras cidades e de outras formas de atuar como arquiteta e urbanista para além da mesa de projeto. Foi nesse encontro também que conheci pessoas incríveis, que ainda me são muito queridas e que tiveram papel central na elaboração deste trabalho, seja me ouvindo, revisando minhas propostas ou como meu essencial google carioca. Quando o Rio de Janeiro começou a aparecer nas minhas pesquisas como um espaço que poderia preencher o que ainda estava apenas na minha cabeça, achei que seria simbólico concluir minha graduação no espaço onde ela começou de fato.

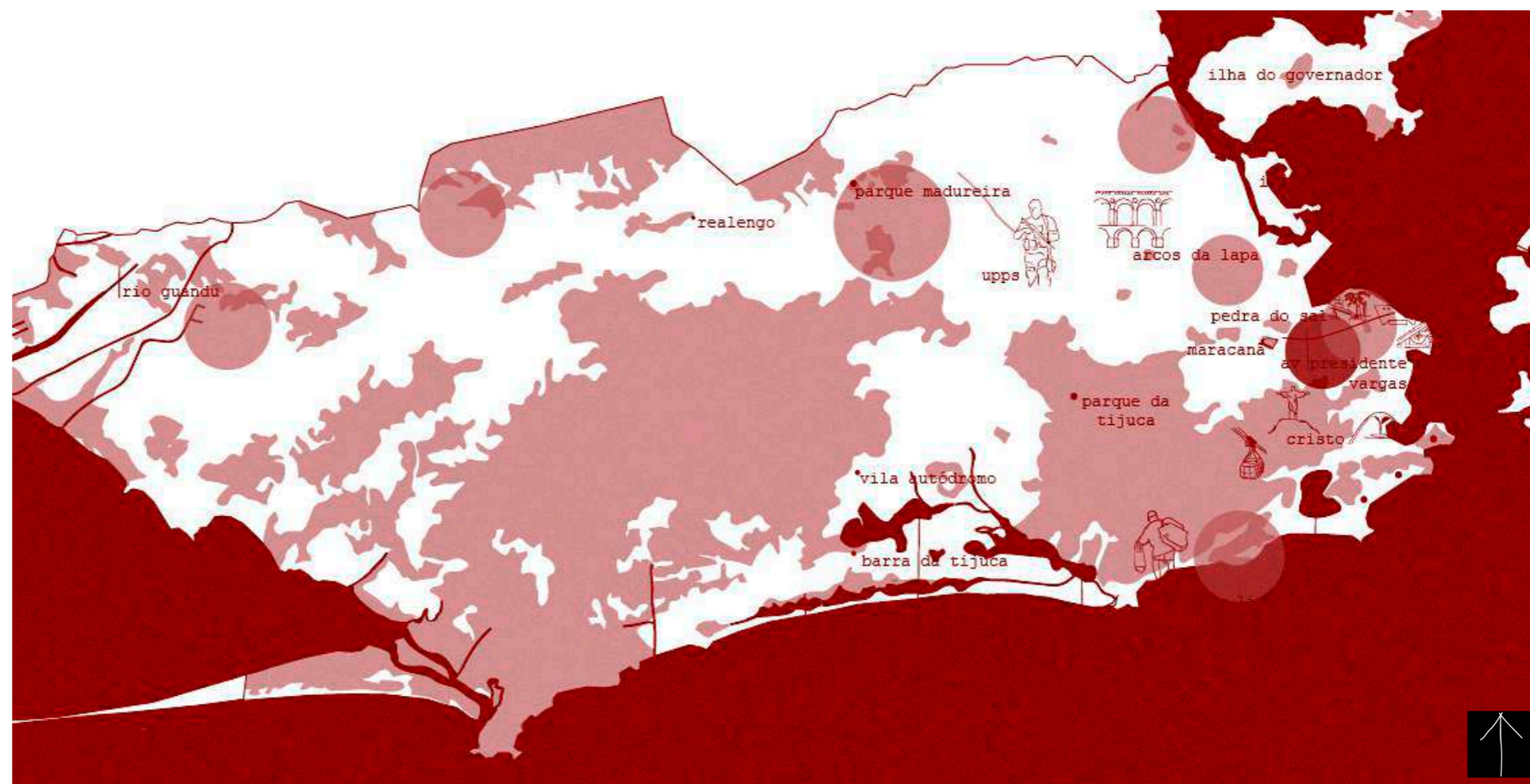
A princípio, o trabalho começou a ser pensado como uma intervenção na Avenida Presidente Vargas, a partir de uma análise de seu papel não apenas como palco de diversos e importantes processos e momentos históricos, sobrepondo também importantes camadas de apagamentos na cidade do Rio de Janeiro, mas entendendo-a como uma das mais importantes fissuras no Rio. Em "Cidade Porosa: dois séculos de história cultural do Rio de Janeiro" - uma das principais referências bibliográficas para a elaboração desse trabalho -, Bruno Carvalho coloca a avenida como parte de um processo de consolidação do modelo rodoviarista e excludente da cidade do Rio de Janeiro, marcando uma série de apagamentos que se constroem nesse que é um dos primeiros e mais importantes núcleos urbanos brasileiros, desde a colonização portuguesa até os dias de hoje.

Gradativamente o espaço do ensaio projetual foi se deslocando para cima dos trilhos de trem que se concentram na estação Central do Brasil, entendendo esse terreno como um lugara

ser disputado para construir um espaço de sociabilidade alternativo, que interligue os morros da zona portuária, a Avenida Presidente Vargas e o restante da cidade do Rio de Janeiro. O processo de isolamento da zona portuária não foi ocasional, sendo, na realidade, bastante vinculado à presença histórica de populações africanas e afro-brasileiras, judeus, ciganos e diversas outras populações marginalizadas pela branquitude. Romper com esse isolamento é essencial para a construção dessa proposta emancipatória. É construir uma ponte que liga as duas margens de um mesmo Rio.

A zona portuária é marcada pelo tráfico de negros escravizados, por ser o berço do samba, como campo de disputa entre classes, raças e religiões, como centro do poder institucional, como espaço de prostituição e de espetacularização, pelo Porto Maravilha e os polêmicos projetos culturais, como o Museu do Amanhã e o MAR. A região soma camadas da cultura popular carioca e processos de intervenção urbana e política que contribuíram, em grande medida, para a construção não apenas da imagem do Rio de Janeiro mas do Brasil da "miscigenação" cultural e do mito da democracia racial. Em Cidade Porosa, Carvalho traz a imagem do palimpsesto como analogia ao espaço urbano:

Cartografia de elaboração própria, realizada ainda nos primeiros momentos de leitura, buscando encontrar referências no território para a escola da área de projeto. Os critérios para os pontos destacados não possuem um caráter metodológico muito claro e nem uma grande precisão com relação à localização. Muito mais, foi um esforço de encontrar signos e referências no espaço, buscando lidar com a impossibilidade de visitas à cidade em decorrência da pandemia de covid-19.



"[...] os espaços urbanos não apenas se assemelham a um palimpsesto, eles são um palimpsesto: pela capacidade de absorver elementos do passado em meio às transformações, pelos mecanismos de registro e pela memória involuntária que permeia as práticas e linguagens do cotidiano." (CARVALHO, 2013, p. 34)

Partindo desta perspectiva, buscou-se estruturar a proposta de projeto nutrindo-se das formas de habitação já consolidadas como os quilombos urbanos, as comunidades instituídas nas favelas e os cortiços, como formas de morar, cujas dinâmicas e espaços devem ser considerados e incorporados ao projeto. É importante que a essa análise se somem elementos utópicos, não no sentido de algo inalcançável, mas que tenha em seu cerne um desejo de transformação da realidade concreta e, novamente, das condições materiais da sociedade.

## Utopia

Sendo assim, é um projeto que se coloca não como uma estrutura fim, mas como um meio de habitar e olhar para o passado, instigando os habitantes a construir essa nova cidade sem exploração de uns pelos outros; ou seja, uma revisita ao presente

e ao passado que nutrem um outro futuro possível, partindo da realidade concreta. Vale, no entanto reiterar que o central não é uma glamourização das formas pauperizadas de habitação ou um saudosismo: “A questão não é o lamento por passados perdidos, e sim uma reelaboração de futuros deixados pelo caminho.” (CARVALHO, 2013, p. 22).

O entendimento de utopia aqui empregado bebe muito das produções teóricas de Rodrigo Lefèvre, em especial de sua dissertação de mestrado; é uma proposta que busca ir além do capitalismo, superando-o, exercendo a capacidade de pensar e questionar o sistema e entendendo a utopia como um algo passível de ser colocado em prática, a partir da transformação das condições materiais. O projeto se coloca, portanto, em um momento de transição entre a sociedade capitalista, desigual e predatória de hoje e uma nova forma de organização social, política e econômica que não tenha a exploração - do trabalhador, das mulheres e da natureza - ou a supressão da humanidade dos indivíduos - por características que lhes são externas, como raça, religião ou orientação sexual - como bases fundantes.

Ao se discutir a questão da moradia, o gênero se coloca como aspecto central para se pensar o ambiente doméstico. Historicamente marcado pela presença e pelo trabalho não valorizado e não remunerado das mulheres na reprodução social, a reestruturação do ambiente e das atividades domésticas se mostram como essencial para a emancipação feminina. É importante destacar também o caráter de raça desse trabalho doméstico, elemento que será melhor abordado adiante. A partir disso é feita uma retomada da noção de matriarcado, usando da citação como metodologia.

Revisitando a ideia de Pindorama - Nação, país, território das palmeiras; “Pindorama é o Brasil antes de Cabral” - que remonta esse Brasil pré colonização e citando o Manifesto Antropofágico de 1928 (Oswald de Andrade), recoloca-se o matriarcado de Pindorama como utopia brasileira, feminina e de ruptura com a supremacia da branquitude.

“Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud - a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama”. (ANDRADE, 1928)

A retomada dessas formas de habitar - quilombos, cortiços e favelas - que já tem em seu cotidiano a coletivização das atividades de cuidado e dos espaços de lazer se coloca como potência de apreensão e aprendizado. Ao se analisar o território a partir de suas camadas de apagamento e invisibilidade, é central que se tenha o cuidado de não produzir um novo apagamento, a partir de uma postura de superioridade com relação às formas de sociabilidade que já se colocam na região. Esse é, na ver-

dade, o maior desafio dessa proposta. É abdicar a uma postura colonizadora e de portador do conhecimento; é ter uma postura oposta a de ensinar como morar, é aprender como incorporar práticas sociais populares a um ensaio projetual emancipatório, o que não se desenha como tarefa fácil.

Uma utopia pautada em emancipação social vai além de uma proposta projetual. É um questionamento do papel do arquiteto e da arquitetura e urbanismo. É uma retomada de seu potencial de transformação social. É um reconhecimento de seus limites, mas uma insistência para que se chegue até eles. Em adaptação da tese onze de Marx - Teses sobre Feuerbach -, os arquitetos, bem como os filósofos, têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes e trabalhado, no caso dos arquitetos, para a manutenção das lógicas estabelecidas. A questão, porém, é transformar o mundo. É disso que se trata, a meu ver, a ideia de utopia. Como é reforçado por Sérgio Ferro:

“O erro embutido no velho conceito de utopia é confundi-la com fantasia sobre uma futura sociedade absolutamente nova e perfeita. Mas a utopia é, sobretudo, negação determinada da sociedade que a vê nascer, ou seja, o que é colocado na sociedade utópica é o inverso do que queremos rejeitar na sociedade em que vivemos” (FERRO, 2020)





# escovar a história a contrapelo

glossário de conceitos

24

referências projetuais

26

a utopia do passado

36

mulheres, raça e reprodução social

39

Edição sobre a obra de Wallace Pato

*Exu faz o erro virar acerto e o acerto virar erro. É numa peneira que ele transporta o azeite que ele comprou no mercado; o azeite não escorre dessa peneira. Ele matou um pássaro ontem com uma pedra que só hoje atirou. Se ele se zanga, ele pisa nessa pedra e ela põe-se a sangrar. Aborrecido ele senta sobre a pele de uma formiga. Sentado, bate a cabeça no teto, de pé não atinge nem mesmo a altura de um fogareiro.*

Oriki de Exu

# glossário de conceitos

Liberdade! Liberdade!  
Imperatriz Leopoldinense

“Queremos pôr em prática um pensamento utópico, entendido como energia e força de insurreição, como presença e como convite para sonhos emancipatórios, como gesto de ruptura: ousar pensar para além do que se apresenta como ‘natural’, ‘pragmático’, ‘razoável’. Não queremos construir uma comunidade utópica, mas restaurar toda a sua força criativa em sonhos de insubmissão e resistência, justiça e liberdade, felicidade e bondade, amizade e encantamento.” (Manifeste de L’Atelier IV, performance, curadoria de Françoise Vergès. Paris, La Colonie, 12 jun. 2017. In VERGÈS, Françoise. Um feminismo decolonial. São Paulo: Ubu Editora, 2020.)

## utopia

Em adaptação da tese onze de Marx, os arquitetos, bem como os filósofos, têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes e trabalhado, no caso dos arquitetos, para a manutenção das lógicas estabelecidas. A questão, porém, é transformar o mundo.

## práxis

Não existe processo revolucionário sem práxis. Noção pautada, aqui, em Paulo Freire, como unidade dialética entre teoria e prática. De acordo com Sabrina Fernandes, “práxis é uma atuação que é informada pela teoria e impacta a realidade de modo a informar a teoria.” Ou seja, é uma atuação pautada em teoria, mas cuja teoria se alimenta das contradições que se colocam pela prática.

## emancipação

A emancipação enquanto ação individual se torna empoderamento e perde sua força, no sentido de que não existe ação efetiva que parta e sirva ao indivíduo. A emancipação somente se concretiza quando feita por uma classe e para a própria classe. Centralidade da teoria crítica e da escola de Frankfurt como principal chave de análise, a partir do materialismo histórico, de uma perspectiva marxista do mundo.

## família

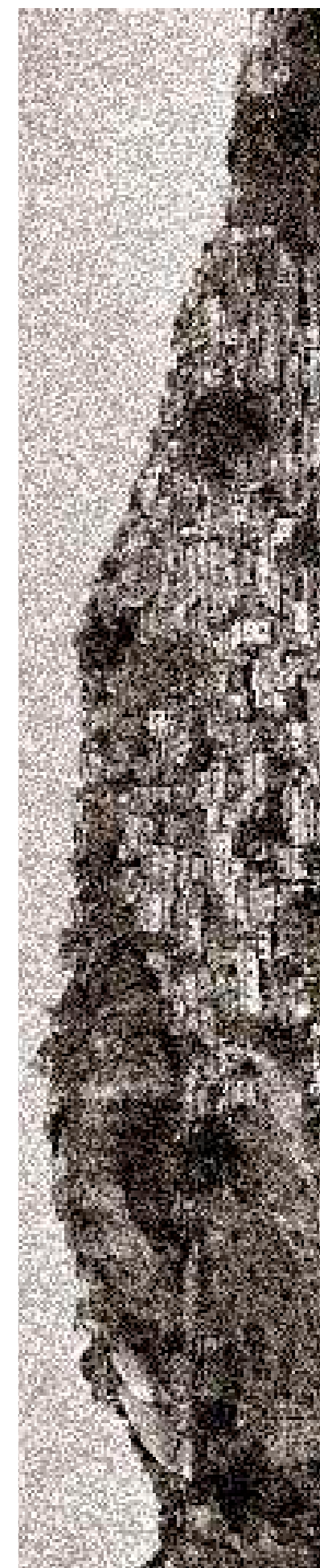
Retomando o idioma nguni, do grupo linguístico zulu - trazido por Simas - no qual não existe uma palavra que denomina a relação de parentesco pelo sangue. A relação de parentesco é definida pela palavra ubudlelane: os que comem juntos.

## pindorama

Nação, país, território das palmeiras. Pindorama é o Brasil antes de Cabral. No manifesto antropofágico (1928), a palavra é trazida por Oswald de Andrade - matriarcado de pindorama - através da ideia de uma utopia brasileira. O Brasil que se desprende das amarras da colonialidade e do patriarcado.

## encruzilhada

É o lugar em que as ruas se cruzam e os corpos se encontram. Nas palavras de Simas, “as encruzilhadas falam ainda de um modo de relacionamento com o real ancorado na crença em uma energia vital que reside em cada um, na coletividade, em objetos sagrados, alimentos, elementos da natureza, práticas rituais, na sacralização do corpo pela dança e no diálogo do corpo com o tambor.”

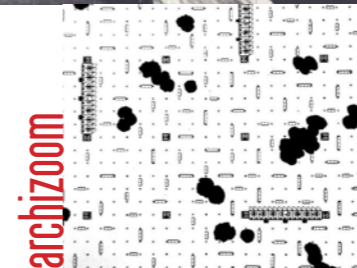
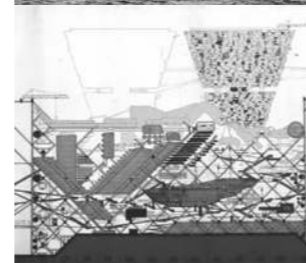
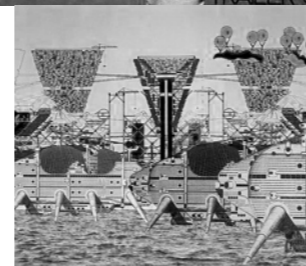


# referências projetuais

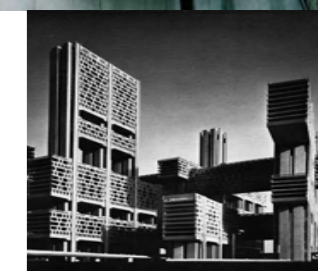
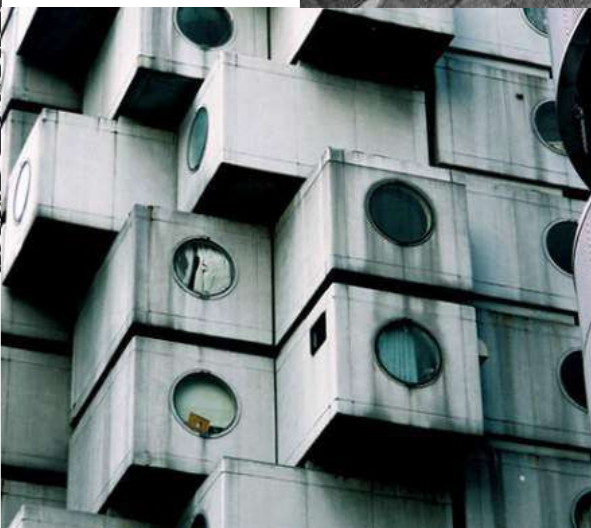
As referências aqui colocadas representam um amplo levantamento de projetos de arquitetura e/ou de formas de organização social. O primeiro deles, de projetos do mundo todo - ainda muito centrado na Europa, verdade seja dita, representa uma primeira etapa do projeto, de entendimento de qual seria o formato e os objetivos da proposta. A segunda etapa, dos projetos e experiências que tem o Rio de Janeiro como palco, está muito mais ancorada no território. Esse segundo levantamento foi bastante importante no sentido de entender o que já foi feito e proposta para uma cidade tão complexa e da qual tenho tão pouco conhecimento.

Dentro do quadro reforço a importância da Vila Autódromo, da ocupação Ouvidor 63 e do quilombo urbano da Pedra do Sal como importantes espaços de resistência, construindo cotidianamente utopias e projetos de cidade que não cabem na sociedade capitalista neoliberal que vivemos. A prova de que não cabem são as inúmeras tentativas de remoção, esvaziamento político e embranquecimento desses espaços.

os projetos do archigram, seja este em destaque, que se trata de uma "cidade" estacionamento de trailer se pautam muito na desvinculação do homem com o espaço e no potencial do tempo livre como potencializador das capacidades humanas. são consideradas importantes referências uma vez que propoem novas formas de habitar a cidade, de entender a cidade e de se relacionar com o espaço.



o superstudio traz propostas de intervenção urbana de grande escala, em uma ruptura com a cidade e as formas de sociabilidade existentes. esses projetos se colocam como importantes referências uma vez que a adoção de megaestruturas para a realização das intervenções é um dos principais caminhos em análise.



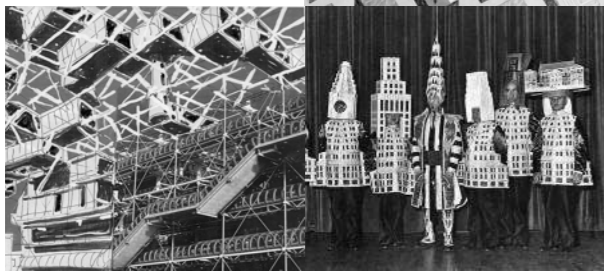
os metabolistas são uma das mais importantes referências de arquitetura para a concepção da intervenção. os projetos são, em geral, compostos de megaestruturas modulares e capazes de se expandir "infinitamente". em alguns casos são instaladas em ambientes "não habitados", como na água, possibilitando uma expansão da malha urbana sobre outros territórios.



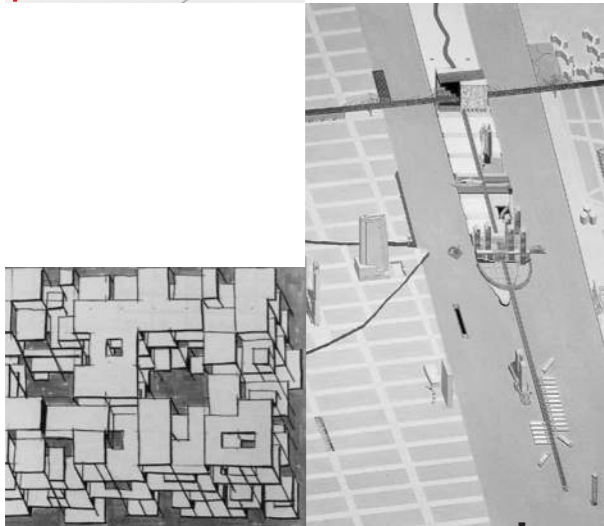
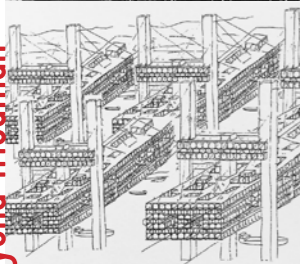
koolhaas



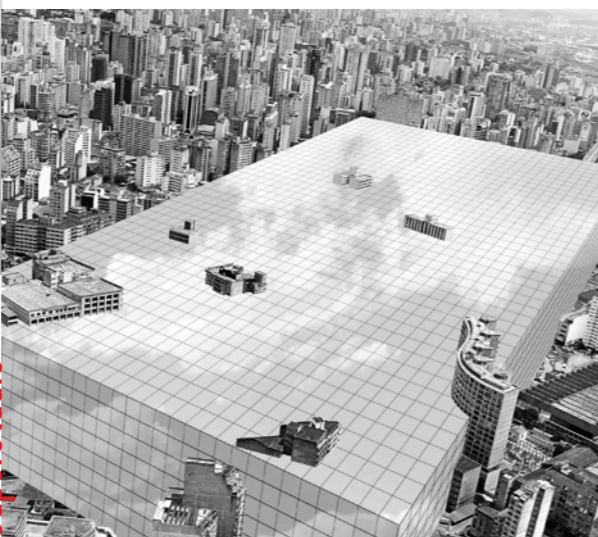
as proposições de Koolhaas vão além de meras referências projetuais. Koolhaas tem todo um trabalho sobre as formas de ver a cidade que adicionam uma enorme riqueza ao seu trabalho como arquiteto. Nesse sentido, a obra "Nova York delirante" também se apresenta como uma importante referência de projeto.



yona friedman



superstudio



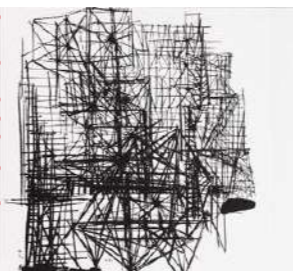
as proposições de Koolhaas vão além de meras referências projetuais. Koolhaas tem todo um trabalho sobre as formas de ver a cidade que adicionam uma enorme riqueza ao seu trabalho como arquiteto. Nesse sentido, a obra "Nova York delirante" também se apresenta como uma importante referência de projeto.



construtivismo russo



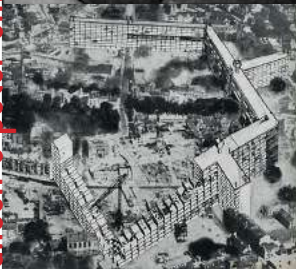
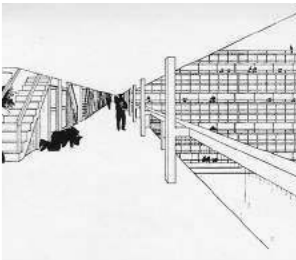
nova babilônia



situacionistas



alison e peter smithson



o construtivismo russo foi um movimento artístico do período anterior e inicial da revolução soviética. a partir de abstrações da forma, os artistas e arquitetos propunham uma nova estética formal para a nova sociedade. o período também é marcado por novas proposições habitacionais, a partir de espaços individuais mínimos e a ampliação e valorização dos espaços coletivos.

o situacionismo foi um movimento europeu de crítica social, cultural e política que reuniu poetas, arquitetos, cineastas, artistas plásticos e outros profissionais. O grupo se definia como uma "vanguarda artística e política", apoiada em teorias críticas à sociedade de consumo e à cultura mercantilizada. Forte relação com a Escola de Frankfurt.

esse conjunto de referências traz questões interessantes para se discutir a habitação multifamiliar, em especial no que diz respeito à coletivização das atividades domésticas e a uma perspectiva feminina com relação ao morar. no caso de van eyck a esfera lúdica do homem com relação ao mundo se coloca de maneira mais forte, com destaque especial para a relação ativa com a água. a presença de crianças como atores também é central.

como experiência contrahegemônica, o caso do karl marx hoff e toda viena vermelha são paradigmáticos para se pensar um habitar revolucionário.

aldo van eyck



viena vermelha



cooperativas uruguaias

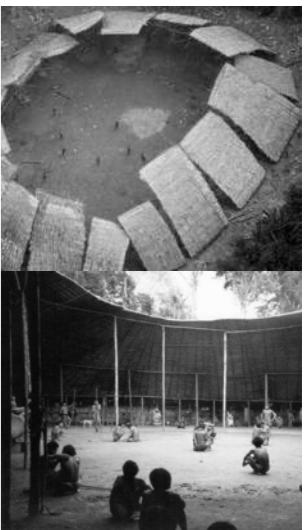
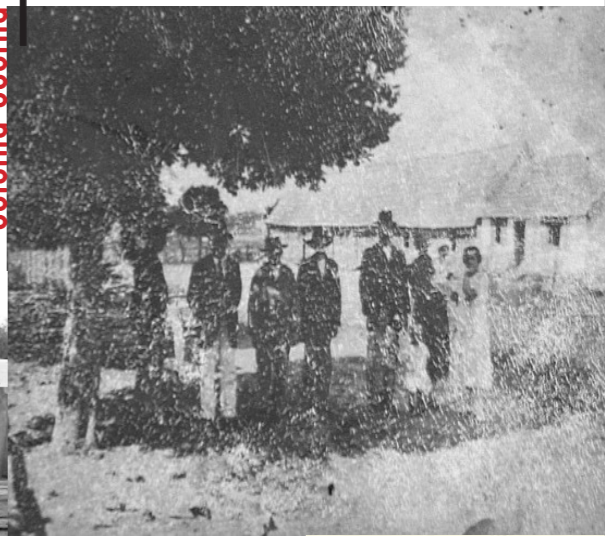


semillas



francis kéré

colônia cecília



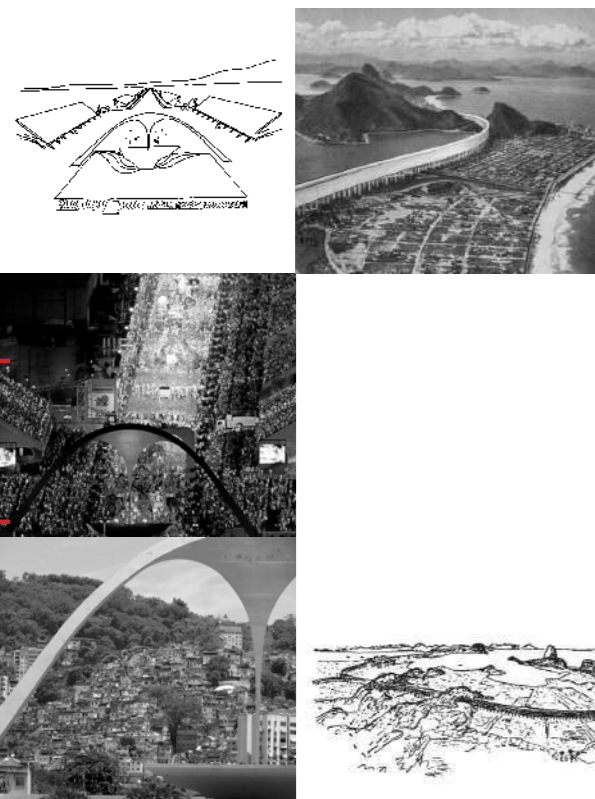
vanomamis

Primeira experiência anarquista no Brasil, a colônia Cecília foi uma pequena comunidade, formada por imigrantes italianos no sul do Brasil. A experiência é relatada em alguns livros e documentários e superficialmente em *Anarquistas Galas a Deus*, obra de Zélia Gatai, cujo avô foi um dos membros da colônia.

as formas de organização social e física das tribos indígenas, podem trazer importantes elementos de análise e referência. interessante a tese de relação entre o contato com os indígenas e o processo de realização da revolução francesa.

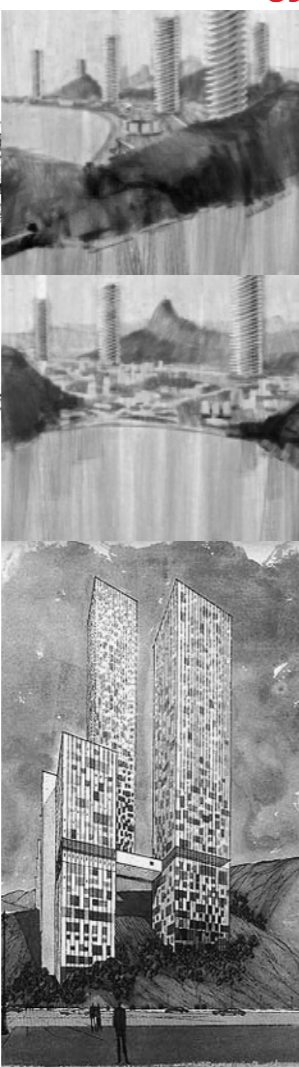
# referências projetuais rio de janeiro

sambódromo marques de sapucaia



le corbusier

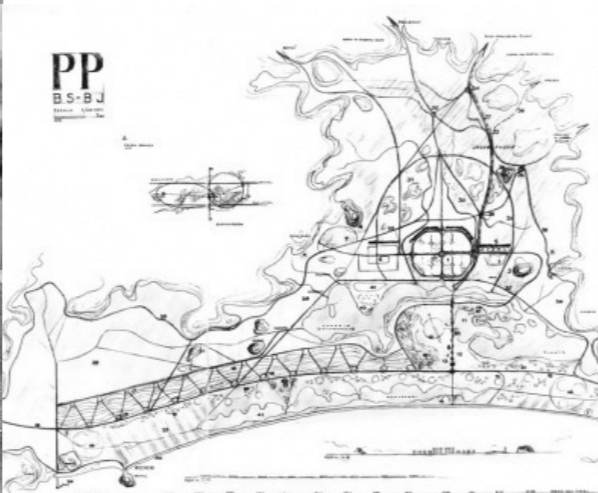
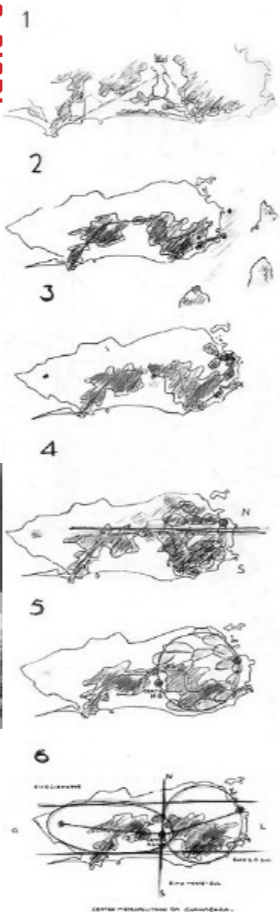
esse conjunto figura uma série de projetos utópicos que tem o rio de janeiro como palco. em escala local, como é o caso dos projetos de bernardes e do sambódromo; um projeto amplo e de ruptura como é o de corbusier ou um grande projeto urbano como o de costa mostram as diferentes possibilidades de intervenção em uma cidade de diferentes camadas como é o rio.



sérgio bernardes



lucio costa



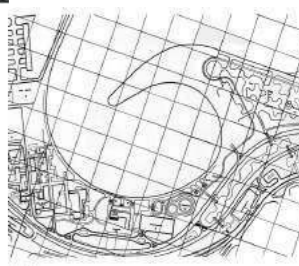
mec



carmem portinho



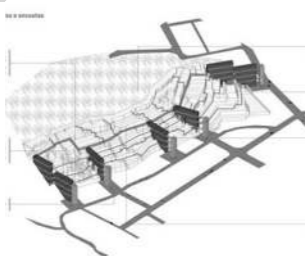
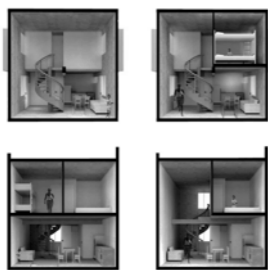
pedregulho



aterro do flamengo

portinho e reidy apresentam um projeto - o pedregulho - que é uma referência em todos os sentidos que são buscados aqui: é uma proposição inovadora no que diz respeito ao regime de propriedade, à escala de projeto, à lógica de coletivização de atividades e dos equipamentos que acompanham uma proposição em grande escala de habitação de caráter popular.

morar carioca



residencial realengo



apesar do recente processo de turistificação pelo qual passa, o quilombo urbano da pedra do sal continua sendo um dos mais importantes redutos da cultura e da população afro-brasileira no rio de janeiro.

quilombo da pedra do sal



VIVA A VILA AUTÓDROMO RIO SEM REMOÇÕES



vila autódromo



a vila autódromo e o projeto favela bairro são duas possibilidades de urbanização de áreas de baixa renda por vias totalmente diferentes. de um lado o premiado plano popular de requalificação da vila autódromo e de outro o projeto favela bairro, feito pelo poder público para a reurbanização e inserção urbana das favelas cariocas. ambos se colocam como referências centrais para proposição popular da habitação coletiva. no caso do quilombo da pedra do sal, busca-se recuperar a ideia dos territórios negros e das formas tradicionais de ocupação do território.

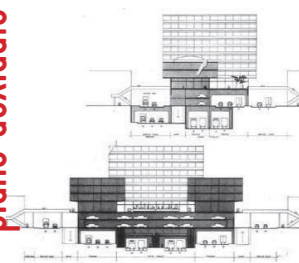
favela bairro



ouvidor 63



plano doxiadis



humanidade 2012



o plano doxiadis se colcoa como referência interessante no sentido de desenhar um plano de estruturação da cidade através de grandes eixos. além disso, o projeto de doxiadis para o bairro de copacabana traz a proposição de mega estruturas urbanas que levantam a cidade, liberando o espaço de circulação no nível do chão, fazendo clara referência ao modernismo e à carta de atenas.

# a utopia do passado

Tambor, o senhor da alegria  
Marcelo D2 e Criolo

Em “Teses sobre o conceito de história”, Walter Benjamin<sup>6</sup> discute e conceitua a forma de leitura do mundo a partir do método do materialismo histórico. Benjamin coloca, após fazer o questionamento de “com quem o investigador historicista estabelece uma relação de empatia” que:

“A resposta é inequívoca: com o vencedor. Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. Isso diz tudo para o materialista histórico. Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais. [...] Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo.” (BENJAMIN, 1940)

A questão central que busco analisar é que, pensar em acontecimentos históricos do passado ignorando suas consequências é cair em uma narrativa de empatia com as classes dominantes, pois é essa a voz que narra o passado. Essa narrativa beneficia apenas essas classes e, portanto, fortalece a manutenção dos sistemas de exploração e dominação. Como é colocado pelo personagem principal de *Uma história de amor e fúria* “meus heróis não viraram estátuas, mas morreram lutando contra aqueles que viraram”.<sup>7</sup>

Somando esses elementos da filosofia ocidental à elementos da cosmogonia das religiões de matriz africana, trago a mitologia Iorubá de Exu como forma de ler o passado e pensar o futuro. “Exu matou um pássaro ontem com a pedra que só lançou hoje”. Exu

<sup>6</sup> BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história, 1940.

<sup>7</sup> Uma história de amor e fúria. Direção de Luciano Bolognesi. Brasil; Buriti Filmes; Gullane Cinemation Studios; Lightstar Studios, 2013 (74 min)

é o orixá capaz de reinventar a memória, reinterpretar o passado, subverter o tempo. “Divindade que simboliza o movimento, Exu é retratado na mitologia como o último orixá e o primeiro humano. Está encarregado de levar pedidos e oferendas às divindades do orum (o “céu” iorubá) e trazer dádivas e punições aos aiê (o mundo físico).”<sup>8</sup>

Exu é o protetor do espaço incriado, espaço esse que é o vazio absoluto não porque as coisas não existem, mas porque é lá que elas existem em abundância. É o contrário do que acontece na metafísica cristã, na qual o vazio é o nada, a ausência; Deus cria o mundo e tudo que há nele a partir do nada. Exu é o mensageiro que leva o caos para que novas coisas sejam criadas. Na metafísica de matriz africana a criação - feita por Oxalá, orixá que tem o papel de conceder forma ao que só existe como potência - extrai continuamente elementos do espaço incriado, para que ela, a criação, se torne possível.<sup>9</sup>

A retomada do Itã de Exu é essencial para redescobrir o passado do Brasil, visto por outros olhos, a partir de outras narrativas e para, com isso, ser possível explorar toda a potência daquilo que o Brasil foi e do que ele pode ser. Nas palavras de Simas<sup>10</sup>: “Não se disputa construção de futuro se o passado não for disputado.”

Em entrevista ao professor Guilherme Wisnik, o historiador, escritor e babalaô Luiz Antônio Simas afirma que muito mais do que projetar um futuro, a grande tarefa da sociedade brasileira é construir seu passado; esse passado imenso, intenso, subversivo e soterrado por séculos de exploração, doutrinação e dominação.

E essa disputa do passado é essencial para a construção desse futuro que se busca desenhar com Pindorama. A proposta projetual é utópica não apenas por elementos da arquitetura em si, das

<sup>8</sup> OLIVEIRA, Flávia. Tribunal encenado inocenta Tiradentes no 21 de abril. História reescrita remete ao mito de Exu, orixá que reinventa a memória. Portal Geledès, 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-voltas-que-o-mundo-da/>

<sup>9</sup> Reflexões feitas por Orlando Calheiros e Stefane Borges, no episódio dedicado à Exu do podcast Benzi-na. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/24xx3rIh1vuLVwaCMUuWZq?si=3vWpgN86Rbe3VDmtlkeqxA>

<sup>10</sup> WISNIK, Guilherme. O corpo encantado das ruas - entrevista com Luiz Antonio Simas. Seminário de Cultura e Realidade Contemporânea, Escola da Cidade, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7-YaLUd0vrQ&t=662s>

formas de organização e divisão dos espaços e das atividades, mas, talvez principalmente, porque parte de condições materiais que só existem como potência no passado. Porque pensa um sistema urbano no qual não faz sentido pensar em distinções entre espaços públicos e privados.

Pindorama é uma proposta de subversão do passado a partir de uma metafísica que se mistura com elementos da filosofia canônica para a implantação de pequenos caos, no qual novos elementos podem ser criados. É uma proposta que busca incorporar dissensos e pluralidades, rompendo com a ideia de uma história única contada pelas vozes dos dominadores.

“Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como salvador; ele vem também como o vencedor do Anticristo. O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.” (BENJAMIN, 1940)



## mulheres, raça e reprodução social

Sonho meu  
Clementina de Jesus e  
Dona Ivone Lara

Na obra “Mulheres, Raça e Classe”, a filósofa estadunidense Angela Davis, que integrou o Partidos dos Panteras Negras e o Partido Comunista dos Estados Unidos faz uma ampla análise histórica da luta por emancipação das mulheres negras no país, discutindo com muita riqueza a questão interseccionalidade. Davis coloca a centralidade da pauta racial para a construção de um projeto de nação, mostrando, a partir da análise dos movimentos sociais de libertação feminina e pelo fim da escravidão, a necessidade de entender a emancipação como luta conjunta, que não pode ser conquistada por partes.

É preciso notar que as questões raciais nos Estados Unidos são muito diferentes das que são enfrentadas por negras e negros no Brasil e esse é um elemento que não pode ser desconsiderado ao tentar rebater as análises feitas pela autora para a realidade brasileira. Ainda assim, os relatos trazidos por Davis são exemplos concretos dos obstáculos para a consolidação do fim da opressão, em especial quando a branquitude - que detém maior poder e portanto melhores condições materiais para lutar por mudanças concretas - se concentra em pautar interesses de parcelas da sociedade ao invés de uma luta global pela emancipação humana e o fim das formas de dominação.

A situação que mais me chamou atenção foi a luta pela libertação feminina, que ignorava completamente a situação da mulher negra - suas condições de trabalho e moradia ou suas duplas (e por vezes triplas) jornadas de trabalho -, as dinâmicas sociais dos povos negros e estruturas de poder entre homens e mulheres negros, a relação das mulheres negras com a maternidade - elas tiveram o poder sobre seus corpos e seus filhos privados durante todo período da escravidão -, e o direito de homens e mulheres negros ao voto<sup>11</sup>.

Outro elemento importante trazido por Davis diz respeito ao trabalho doméstico e sua relação com o desenvolvimento das estruturas do capitalismo.

“essa revalorização da produção econômica revelou, para além da separação física entre casa e fábrica, uma separação estru-

tural entre a economia familiar doméstica e a economia voltada ao lucro do capitalismo. Como as tarefas domésticas não geram lucros, o trabalho doméstico foi naturalmente definido como uma forma inferior de trabalho, em comparação com a atividade assalariada do capitalismo.” (DAVIS, 2016, pág. 230)

Rebatendo isso para a realidade do Brasil, isso implica que esse trabalho inferior, foi, desde o período escravocrata, destinado a mulheres negras. No período mais recente, com a maior inserção das mulheres brancas no mercado de trabalho, deixando de ser “donas de casa”, o trabalho doméstico passou a se tornar ainda mais frequente. É muito sintomático que a chamada PEC das domésticas, que garante direitos trabalhistas às empregadas domésticas no Brasil, só tenha se tornado lei em 2013 e que, desde sua aprovação, seja um ponto em disputa, uma vez que poderia reduzir a empregabilidade dessas mulheres.

Essa situação remonta ao que já foi mencionado ao discutir o racismo estrutural (página 14 deste caderno); ou seja, a estrutura racial do capitalismo no Brasil determina que para que uma mulher branca tenha uma empregada doméstica em sua casa ela deve receber um salário muito maior do que sua funcionária, garantindo a manutenção das estruturas de poder da branquitude.

É importante ressaltar que ainda que as atividades de reprodução social não sejam exercidas apenas por mulheres negras no lugar de empregadas domésticas, não é possível ignorar a centralidade da questão racial, em sua intersecção com questões de gênero e classe no debate sobre o trabalho doméstico. Silvia Federici define como atividades de reprodução social as tarefas de limpeza, alimentação e cuidado, fundamentalmente exercidas por mulheres, que são necessárias para a manutenção e a renovação da força de trabalho do capitalismo. Em suas obras, Federici faz uma análise mais centrada nessas atividades que são exercidas na própria casa, ou seja, as tarefas que uma mãe e/ou esposa tem dentro do seu ambiente doméstico. Federici destaca que essas tarefas, ainda que fundamentais para o sistema capitalista, não são valorizadas ou remuneradas.

Entretanto, gostaria de focar a análise nas mulheres que precisam deixar seus filhos em casa, muitas vezes sozinhos, para exercer as atividades de reprodução social de outras famílias e, depois de um dia de trabalho, fazer as suas próprias. É a partir da condição dessas mulheres - ou mais, dessas famílias - que o projeto Pindorama vai se debruçar.

A proposta se pauta na coletivização das atividades de reprodução social entre todos os membros da comunidade, homens e mulheres, desde as tarefas de limpeza e alimentação, até o cuidado de crianças e idosos, constituindo o espaço físico no qual essas atividades podem ser coletivizadas, remuneradas e valorizadas pelos membros da *ubudlelane*, da família.

11 É importante destacar que, no livro, a autora analisa cada uma dessas dinâmicas de forma separada, entendendo também as demandas que eram colocadas pelo feminismo branco dos Estados Unidos ao longo da história. Não houve, portanto, um momento de sobreposição de todas essas exigências, elas foram sendo gradualmente colocadas em disputa pelas feministas brancas nos Estados Unidos.



## rio de janeiro

Edição sobre a obra de Wallace Pato

*"E aqui repito: o mar não era farto e mais fartíssimo se tornou ao receber as lágrimas dos povos aprisionados nos negreiros. Tanta gente chorando sobre Kalunga! Mulheres, crianças e homens não mediram seus prantos. As águas de Kalunga foram aumentando, aumentando, aumentando! As mulheres chorando por elas e por todas as outras pessoas. Elas perceberam uma confusão de corpos e de mortos; uma confusão de línguas... só o choro era compreensível. [...] Na abundância de Kalunga, as nossas lágrimas".*

Conceição Evaristo

rio de imagens  
transformações

44  
51

# rio de imagens

A carne  
Elza Soares

Em "Um porto no capitalismo global", Gonçalves e Costa ilustram, através da zona portuária do Rio de Janeiro o conceito de acumulação entrelaçada e como a antiga capital brasileira esteve desde sua origem atrelada ao capitalismo, em diferentes momentos, tendo o porto - e portanto também o que se denomina de zona portuária - como ponto focal da análise. Na obra, os autores exploram quatro momentos principais para propor uma análise sobre o papel do porto no capitalismo brasileiro: as primeiras ocupações do Rio de Janeiro durante o período colonial; a inserção do porto do Rio no tráfico de escravos; o período da industrialização e o mais recente processo de financeirização bastante materializado nas obras do Porto Maravilha.

De forma resumida, o conceito de acumulação entrelaçada pode ser entendido como uma adaptação do conceito de acumulação primitiva em Marx, entendendo que o processo de acumulação não como a capitalização de territórios externos ao capitalismo, mas sim de elementos ainda não capitalizados de territórios já inseridos no capitalismo global. Sendo assim, é possível analisar as dinâmicas de exploração e violência das quais a zona portuária do Rio é palco histórico como processos inerentes à expansão do capitalismo, que se manifesta nesse território em constante disputa.

Ao longo do processo de urbanização do Rio, as populações de baixa renda - e em especial as negras e negros - tiveram o espaço que poderiam ocupar na cidade determinados pela branquitude. Com as reformas Pereira Passos, marcadas pela derrubada de quarteirões inteiros e a destruição de cortiços, as populações mais pobres tiveram que, mais um vez, se refugiar nos morros para dar espaço à grande avenida Rio Branco, cartão postal da cidade maravilhosa haussmaniana de Pereira Passos.

De forma análoga, a construção da avenida presidente Vargas, destruindo de forma proposital a Praça Onze e diversos espaços de sociabilidade dos negros, judeus, anarquistas, comunistas e

ciganos da cidade do Rio de Janeiro, criou quase que um muro de isolamento entre a zona portuária e a região central da cidade.

Nessa mesma lógica, o já extinto viaduto da Perimetral, isolava a região da Baía de Guanabara e foi um dos importantes marcos da soberania do rodoviário no Rio. A destruição da Perimetral só aconteceu com o início das obras do Porto Maravilha e a necessidade de de valorização da região, vinculado ao modelo de modernização através dos CEPACs - Certificado de Potencial Adicional de Construção - , criando uma nova onda de remoção dessas populações, vinculado aos megaeventos esportivos dos quais o Rio de Janeiro foi palco.

O porto do Rio de Janeiro teve um papel central durante o período escravocrata, sendo o porto que recebeu o maior número de pessoas escravizadas da América e sendo o maior mercado de escravos da história. De acordo com o Gonçalves e Costa:

"Estima-se que, apenas durante o século XVIII, cerca de 850 mil e, no século XIX, em torno de 700 mil pessoas escravizadas desembarcaram no porto do Rio de Janeiro que, além das próprias necessidades da cidade e das plantations da região, funcionava como entreposto da revenda de pessoas às demais províncias do Sudeste e do Sul do Brasil." (GONÇALVES, COSTA, 2020. pág. 47)

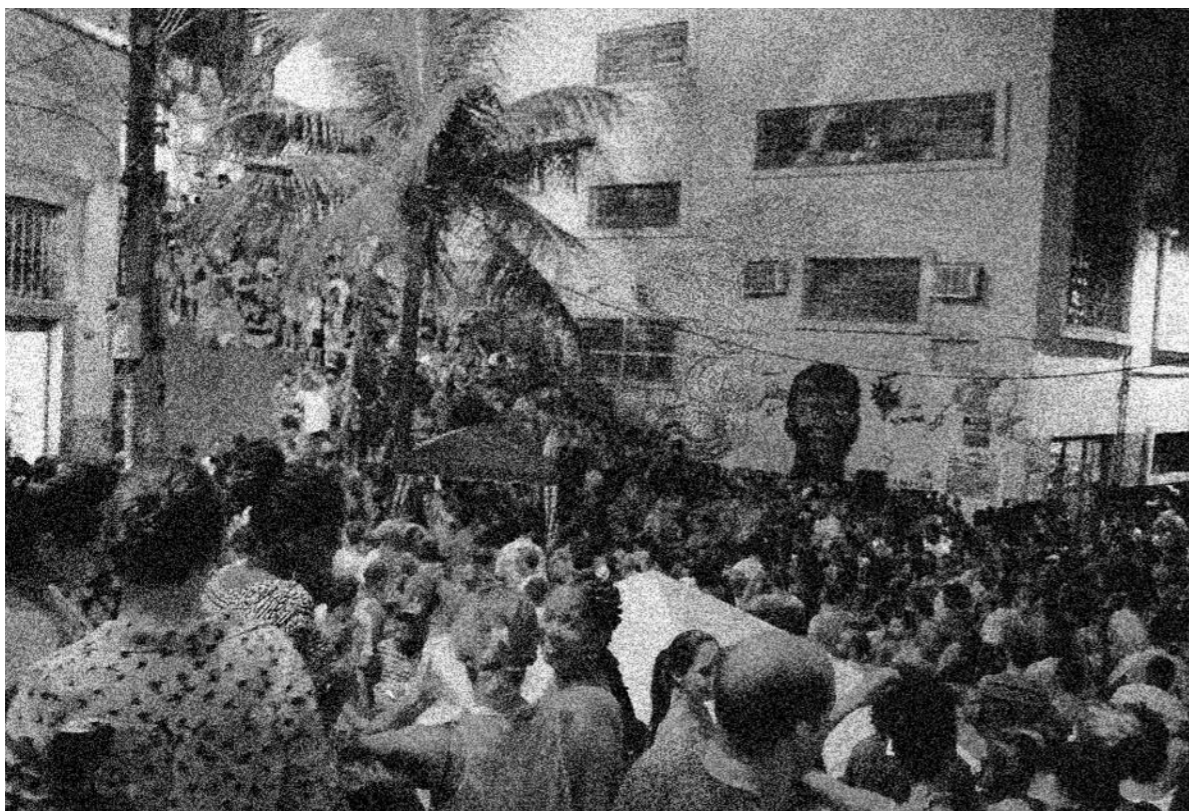
Com a vinda da família real portuguesa para o Rio de Janeiro e a transferência do porto para a região do Valongo, em 1758 o marquês do Lavradio determina também a transferência do Ce-



mitério dos Pretos Novos para a região do Valongo e afirma que “os escravos que não forem vendidos não sairão do Valongo nem depois de mortos.”<sup>12</sup> Após as recentes escavações realizadas no âmbito das obras de construção do VLT para o Projeto do Porto Maravilha, estima-se que mais de 20 mil corpos se encontrem enterrados na região.

Durante o período em que o Cais do Valongo esteve em atividade, uma série de outros espaços eram mobilizados para consolidar o sistema escravocrata e de comercialização de negros e negras. Para além do Cais, dos mercados e armazéns e do Cemitério dos Pretos Novos, havia uma prisão destinada ao encarceramento de negros que fugiam do trabalho forçado e um hospício, onde eram colocadas pessoas consideradas loucas por suas práticas culturais e religiosas. A região era associada com a população negra, em sua dimensão cultural, religiosa e política que dominava o território ocupado por negros e negras.

Processo semelhante a esse que se deu a ocupação do Morro da Providência, primeira favela do Rio de Janeiro, ocupada por veteranos da Guerra de Canudos e pela população pobre sem alternativa de moradia como forma de resistência ao não cumprimento das promessas de moradia e dignidade que lhes haviam sido feitas. Foi também a zona portuária do Rio que mais resistiu durante a Revolta da Vacina e os despejos e políticas higienistas de Pereira Passos. Como é colocado pela Plataforma Rio on Watch: relatos das favelas cariocas, ao expor a situação da zona portuária devido ao projeto do Porto Maravilha:



“não é de hoje que a Zona Portuária é palco de remoções, desapropriações, demolições e soterramento de memória, cultura e presença negra em nome do ‘progresso’ e do ‘embelezamento’ da cidade. Um dos primeiros documentos de planejamento urbano do Rio de Janeiro – o Relatório Beaurepaire – deixa isso bem claro. Escrito pelo engenheiro militar Henrique de Beaurepaire Rohan em 1843, o relatório visava ‘sanear moralmente e esteticamente’ a cidade. Enquanto o relatório recomendava que essa missão fosse cumprida nos distritos onde morava a elite através do calçamento e nivelamento das ruas, na região portuária ele sugeria a ‘reconstrução completa’ de tudo o que estivesse entre a Praça da Aclamação e o mar – que hoje corresponderia com a área entre a Praça da República e a Rua Sacadura Cabral.” (ARAÚJO, 2014)

O discurso da Zona Portuária como porta de entrada do Rio Olímpico, que permeia as narrativas em torno do Projeto do Porto Maravilha, reforça a dimensão dos apagamentos das populações que habitam a região, escolhendo quais histórias merecem ser contadas, qual o Rio de Janeiro que se coloca na Zona Portuária e qual a relação desta cidade com o Rio que permeia o imaginário popular.

Os processos de segregação socioespacial e racial que se desenham no Rio fazem parte da dinâmica de produção da cidade, se acirrando, ainda no período colonial, com a vinda da família real portuguesa, a partir de grandes obras de infraestrutura urbana, destinadas às elites, enquanto que a população marginalizada era renegada aos territórios mais precários.

Apesar de terem sido vítimas do mais cruel crime da história brasileira, as populações afro-brasileiras sediadas no Rio de Janeiro foram capazes de resistir, na luta e na festa, produzindo encantamento. “O grande mistério da festa na cidade e do samba inserido na festa, é a capacidade que ele teve de transformar a chibata que dá no corpo, na baqueta que dá no couro do tambor para reinventar a vida a partir da música e da dança” (SIMAS, 2020)<sup>13</sup>

A partir disso, busca-se pensar a dimensão do encantamento a partir das formas de sociabilidade desse território e trazer a

<sup>12</sup> Júlio César Medeiros da Silva Pereira, *À flor da terra*, cit. pág. 74 APUD GONÇALVES, COSTA. Um porto no capitalismo global. São Paulo: Boitempo, 2020. Pág. 60.

<sup>13</sup> Luiz Antonio Simas, em entrevista a Guilherme Wisnik. Seminário de Cultura e Realidade Contemporânea, Escola da Cidade, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7-YaLUd0vrQ&t=662s>

importância da cultura popular carioca, como prática de resistência e transgressão e parte constituinte do que é o Rio hoje. O funk, o samba, as religiões de matriz africana foram práticas historicamente criminalizadas e marginalizadas pela branquitude ou submetidas a um processo de embranquecimento e esvaziamento de sentidos para serem aceitas nos espaços de poder, em relação direta com o mito da democracia racial

Essa narrativa é bastante visível quando se pensa na história do samba, por exemplo, cuja prática era ilegal e combatida - sendo enquadrada na lei da Vadiagem -, até que passa a ser cooptada pelas elites e o sistema capitalista, num processo de esvaziamento simbólico e embranquecimento do samba. Quando se pensa na dinâmica do carnaval institucional carioca - localizado espacialmente no sambódromo da marquês de Sapucaí - são visíveis as contradições entre esse espaço de camarotes caros e atrizes globais como rainhas de bateria e a produção cultural de negros libertos, sediados na Praça Onze e que tinham na festa uma prática de resistência. É bastante simbólica a localização do sambódromo na região da Cidade Nova, berço do samba - em especial a Praça Onze, destruída para a construção da Avenida Presidente Vargas e da qual, tudo que existe hoje é o nome da estação de metrô.

Um processo semelhante se dá quando se pensa no funk das favelas cariocas e do rap. As produções culturais brasileiras que narram uma realidade da periferia, que surgem desse território só passam a ser aceitas e valorizadas quando do esvaziamento de seu sentido simbólico. Entretanto, é importante que se destaque a força das escolas de samba em afirmação de seu valor simbólico, construindo sambas-enredo que remontam a memória de sua origem. Vale destacar o emblemático samba enredo de 2019 da campeã Estação Primeira de Mangueira - História para ninar gente grande - que já trazia em seu refrão "é na luta que a gente se encontra". Mais do que na luta, destaco aqui a importância do encontro na rua. A análise de Luiz Antonio Simas em "O corpo encantado das ruas", em clara referência a João do Rio, remonta a importância de se olhar para as práticas cotidianas, das ruas, do samba de roda, do território de Exu, do futebol de rua como espaços não colonizados pelo capital cultural e financeiro global.

"O filósofo alemão Walter Benjamin falava em escovar a história a contrapelo. A importância de atentar para os fazeres cotidianos como caminho para escutar e compreender as outras vozes, além da perspectiva do fragmento como miniatura capaz de desvelar o mundo, é a chave da desamarração do ponto." (SIMAS, 2020. pág. 10)

É isso que faz Carvalho, em certa medida, ao entender a história cultural do Rio de Janeiro a partir da Cidade Nova, um

território de mistura de povos e culturas, que era ao mesmo tempo Pequena África e bairro judeu. A noção do Rio de Janeiro como cidade porosa que é trazida por Carvalho parte da visão a partir desses poros, desses espaços de contato que são, necessariamente, resultado da resistência e da busca por fissuras na segregação socioespacial da cidade. No prefácio da edição brasileira de Cidade Porosa, Carvalho coloca que:

"A questão não é o lamento por passados perdidos, e sim a reelaboração de futuros deixados pelo caminho - no caminho que a cidade tomou durante a Era Vargas, a Cidade Nova e sua Praça Onze eram uma pedra. Mas também havia ali um outro caminho, uma geografia alternativa." (CARVALHO, 2019. pág. 22)

A partir disso, busca-se entender os elementos por trás dos apagamentos e fissuras que foram produzidas na cidade, buscando alternativas a esse processo. Sem que se pretenda simplificar situações complexas em nome de um falso didatismo<sup>14</sup>, coloca-se no sistema capitalista global e, em menor escala, no modelo rodoviário de produção da cidade, os elementos que produzem a segregação e os apagamentos. Ao longo da história do Rio de Janeiro, não são poucos os exemplos de territórios populares que foram destruídos em nome de um suposto desenvolvimento e embelezamento da cidade que nunca chegou a essas pessoas.

A lei de terras de 1850, ao declarar que a única forma de aquisição da propriedade era através da compra, sem considerar a grande massa de negros libertos sem qualquer fonte de renda ou formalidade que pudesse proporcionar a compra de terras - ou melhor, considerando e deliberadamente negando a essa população o direito a habitar - fez com que a população pobre e em especial o povo negro carioca, fosse renegado aos espaços residuais da cidade, produzindo um momento importante de adensamento dos morros. Entretanto, os projetos de construção de infraestrutura urbana - em especial os projetos urbanos de construção de grandes avenidas - foram sendo usados como ferramentas de arrasamentodos morros cariocas.

Destaca-se um dos casos mais emblemáticos, o da demolição do Morro do Castelo, que em um momento inicial da formação urbana da cidade, foi um ponto estratégico de assentamento no século XVI, posteriormente abandonado pelas elites e ocupado pela população mais pobre. Em 1922 foi posto abaixo pelo prefeito Carlos Sampaio, por entender o morro como um espaço proletário, repleto de cortiços. Em seu lugar seriam instalados os pavilhões e palácios da Exposição Internacional do Centenário da Independência de 1922, como forma de representação do ideal de modernidade já buscada pelas reformas haussmanianas de Pereira Passos.

<sup>14</sup> Como afirmou o professor Silvio Almeida em entrevista ao programa Roda Viva em 2020.

É sob essa mesma égide de progresso que é construída a Avenida Presidente Vargas, como espaço de escoamento de tráfego e pensando na realização de desfiles militares. Com quase 80 metros de largura e mais de 8km de comprimento, a avenida corta a região central do Rio ao meio, partindo a cidade em duas: a zona portuária e o centro. O grande projeto rodoviário também destrói parte do que é conhecido como Pequena África e do que já foi o bairro judeu, onde nasce o samba, local de refúgio das classes marginalizadas - dos negros libertos aos ciganos - como é relatado em obras clássicas como Memórias de um Sargento de Milícias (amplamente discutido por Carvalho para analisar as formas de representação da Cidade Nova na cultura popular).

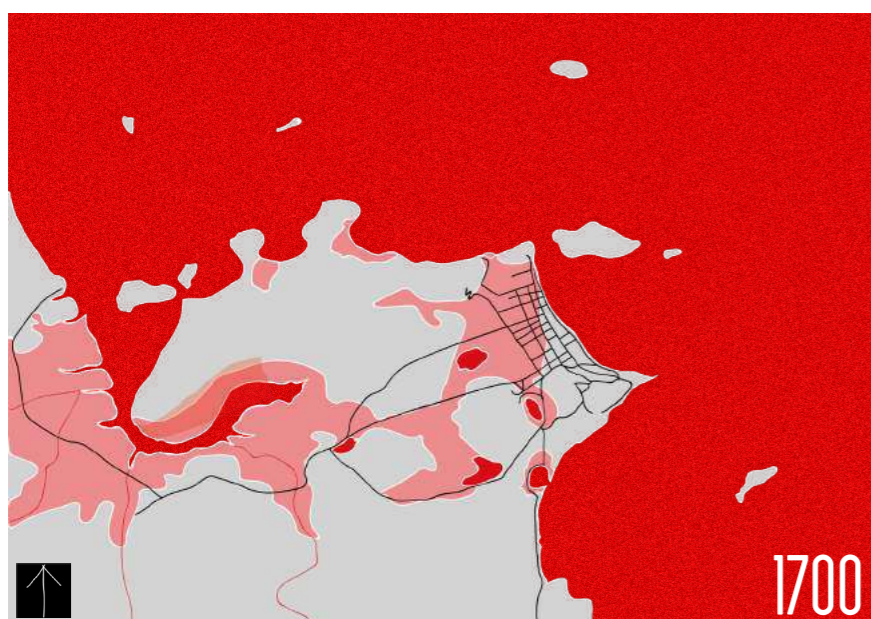
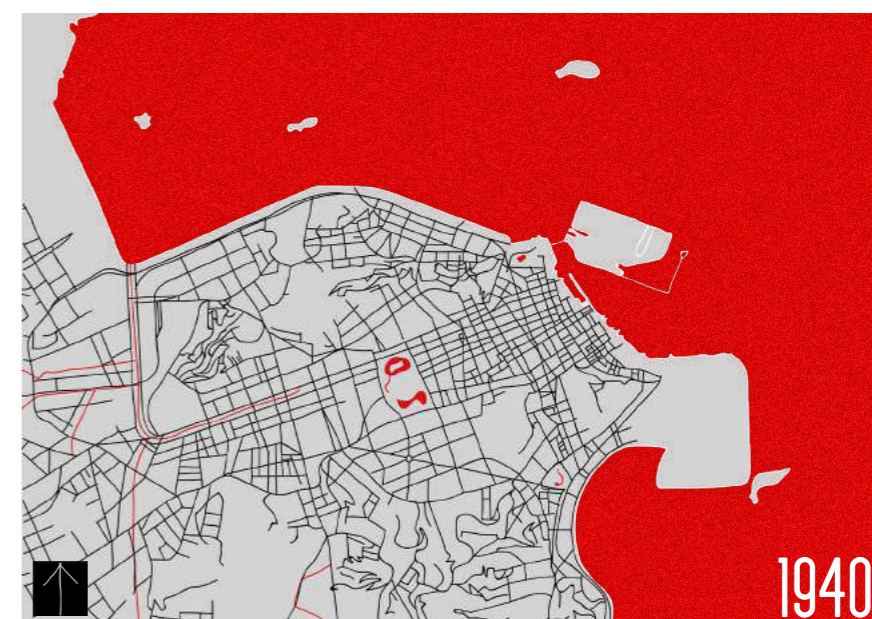
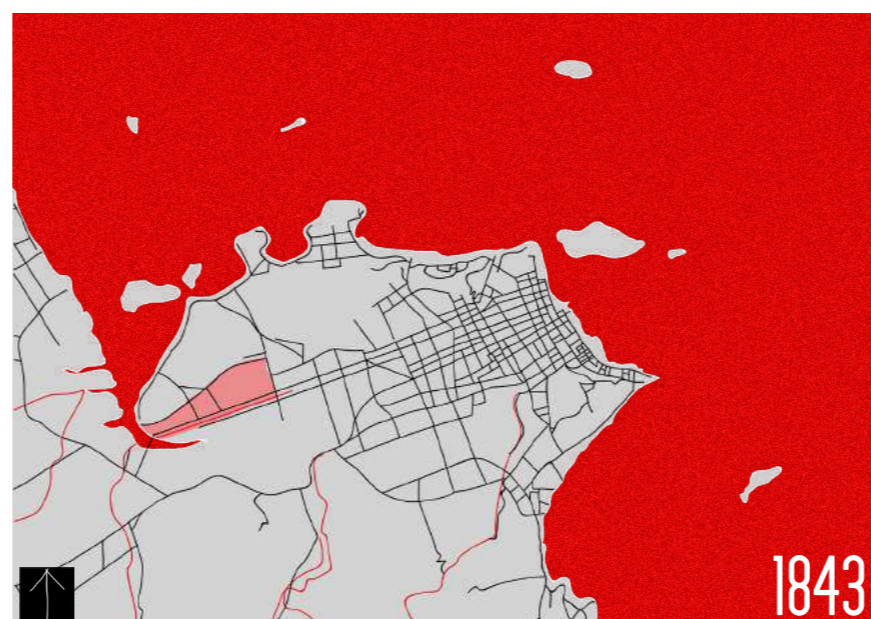
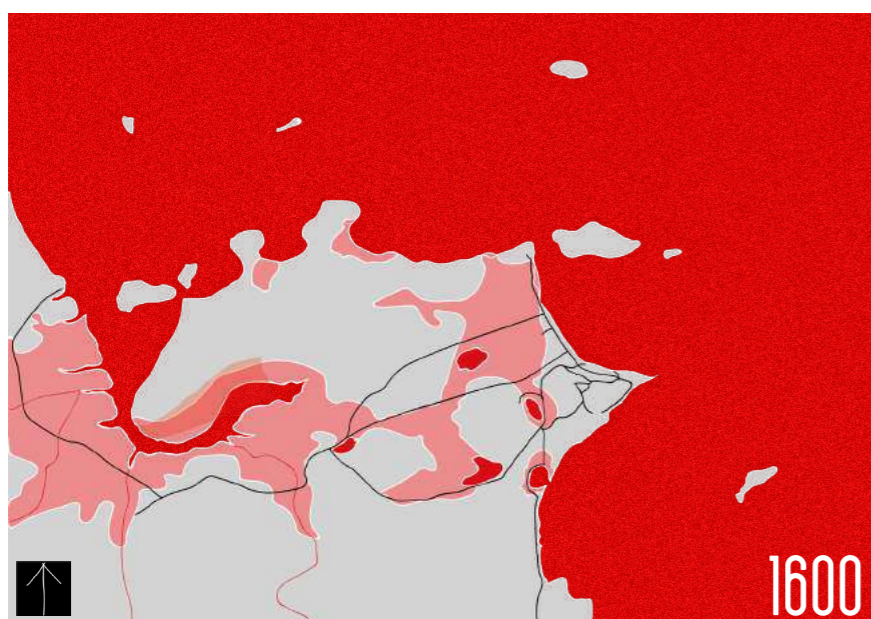
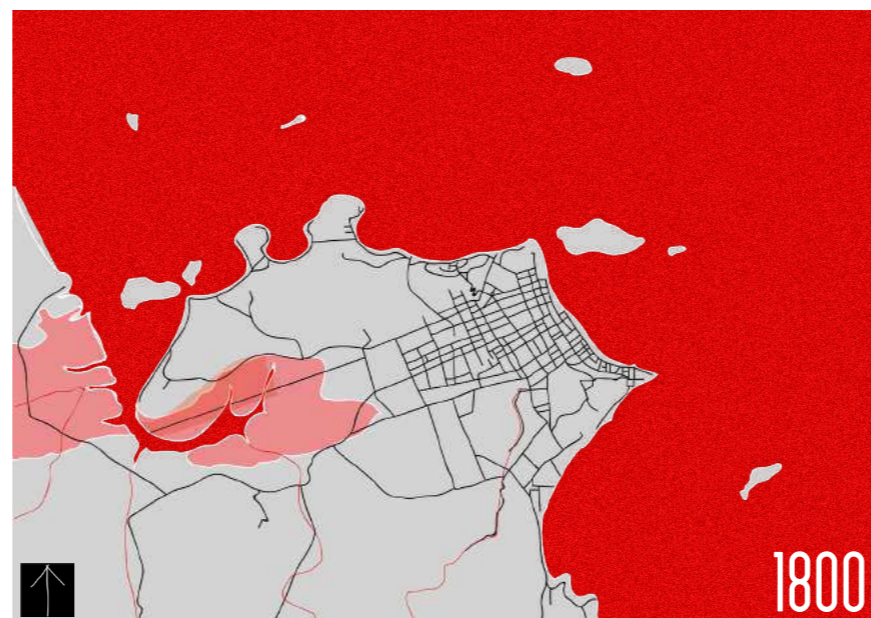
É partindo dessas chaves de leitura do território que se busca fazer um ensaio projetual que parte da noção de emancipação social. Parte-se do entendimento da margem como potencial, das ruas como campo de descoberta e encontro, do cotidiano e das lógicas de sociabilidade mais corriqueiras como elementos que devem ser apropriados para uma proposição projetual que possa se assentar no território, de forma a romper com as lógicas de exploração de uns por outros e subvertendo as narrativas da história.



## transformações

Movimento  
BK'

A cidade do Rio de Janeiro passou por uma série de transformações, sejam elas sociais, políticas ou morfológicas. Essas transformações contribuíram grandemente com a reprodução da lógica rodoviária. Os mapas a seguir foram produzidos a partir das cartografias produzidas pela plataforma ImagineRio, reunindo nove mapas das transformações do sistema viário, da presença do mangue e de corpos d'água na região de observação para a elaboração do projeto.





# leituras do território

Edição sobre a obra de Wallace Pato

mobilidade e segregação	56
enchentes, autonomia e política	58
modos de morar	61

*Poderíamos dizer que, na cidade deste livro, os vínculos de pertencimento são tão territoriais e espaciais quanto identitários. Ou, trocando em miúdos, as identidades e vivências se ancoram em geografias culturais e lugares físicos - casas salões de dança, pequenos comércios, bancos de praça, esquinas, terreiros - até mais do que em categorias abstratizantes ou comunidades imaginadas como a nação.*

Bruno Carvalho

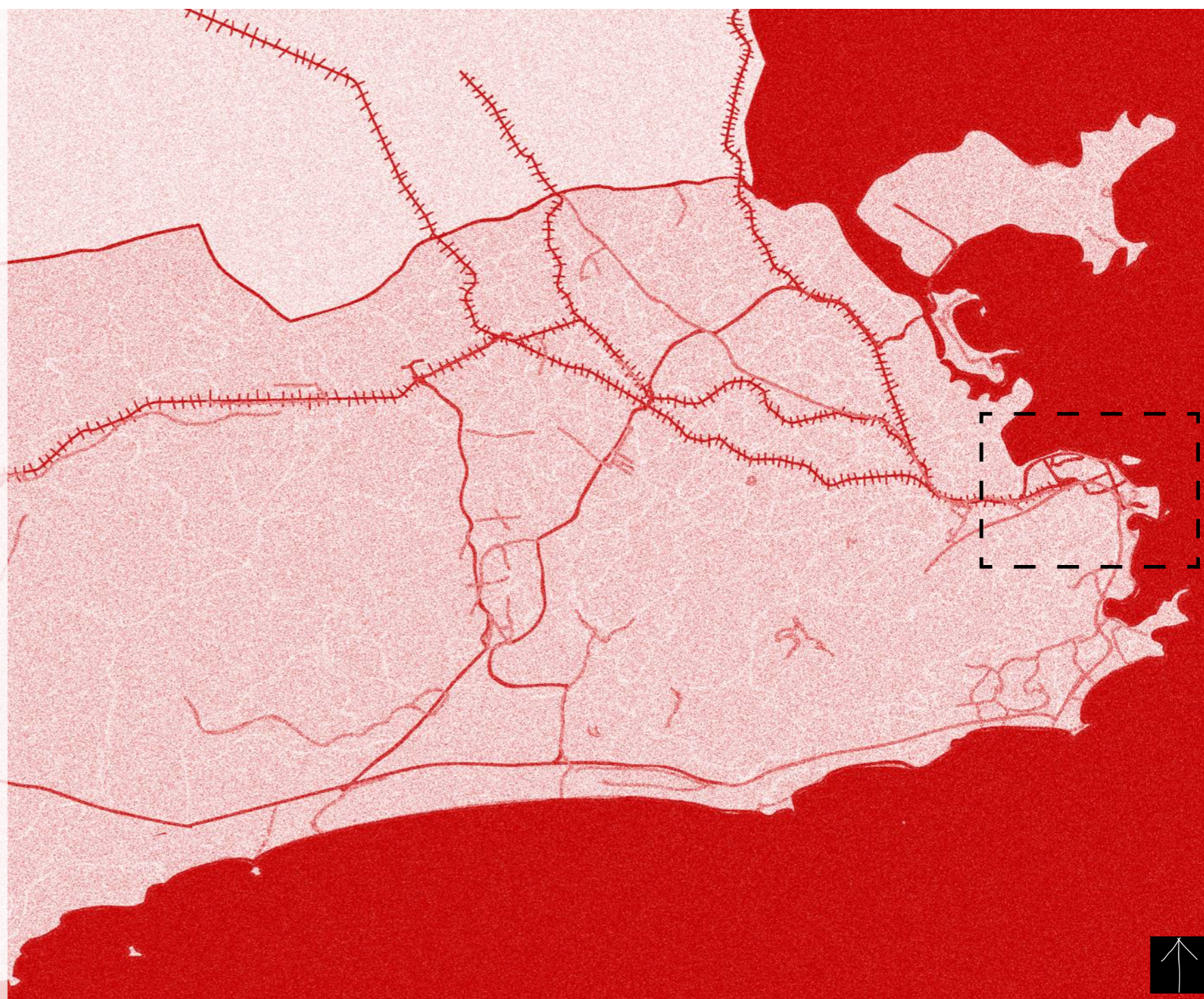
# mobilidade e segregação

Zerovinteum  
Planet Hemp

A cartografia que representa as linhas de transporte público tem como finalidade principal analisar o processo de segregação social através da mobilidade (ou ausência dela). A partir dessa cartografia - que não considera as linhas de ônibus - fica claro como o transporte rodoviário vai se construindo na cidade como única alternativa de deslocamento, em especial para as regiões periféricas da cidade - zonas oeste e norte. Sendo assim, é possível compreender a importância do rodoviário como forma de deslocamento na cidade. Ainda que inicialmente esse fosse um elemento que buscava-se contrapor com o ensaio projetual, foi-se mostrando, com o avanço das leituras, as complexidades atreladas à uma ruptura com o modelo rodoviário.

Como é trazido por Carvalho em "Cidade Porosa", o Rio de Janeiro tem sua história e processo de formação marcado pela criação de fissuras - ruas, grandes avenidas, derrubada de morros, remoções - relacionadas a um modelo de desenvolvimento para o Rio e para o Brasil. No que diz respeito ao recorte sobre o qual o ensaio projetual se debruça, essas questões passam a ser mais visíveis pela análise da Avenida Presidente Vargas.

Além de ser uma importante via de escoamento de pessoas e produtos, a Presidente Vargas é um dos poucos pontos da cidade no qual as duas linhas de metrô se cruzam. Outro elemento importante é a presença das linhas de trem, que representam um modal essencial para o funcionamento da cidade.



# enchentes, autonomia e utopia

Rompeu o couro

Marcelo D2, Juçara Marçal,  
Bk', Baco Exu do Blues e  
Anelis Assumpção



Fonte: ImagineRio

A sobreposição dessas duas cartografias - uma de 1502, que destaca a presença marcante do mangue no território carioca e a outra de 2020, ilustram em grande medida o como o processo de ocupação do Rio de Janeiro se deu por diversos aterros, sejam eles do mangue que ocupava parte significativa do que hoje é a região central da cidade ou da expansão do Rio sobre a Baía de Guanabara.

As mudanças do local do porto e a determinação do espaço que cabia às classes a cada estrato social e as obras de infraestrutura ligadas ao mangue também se colocam como elementos centrais para entender esse processo de alteração na morfologia da cidade.

Nesse sentido, a questão do corte dos morros, com destaque para o exemplo emblemático do morro do Castelo - tendo enorme influência nos processos de transformação da cidade -, é um elemento central para entender a lógica transformação da cidade do Rio de Janeiro e dos processos de apagamentos que se relacionam com esse.

Ao ler sobre o processo de ocupação da Cidade Nova no Rio de Janeiro, as obras de aterro do mangue, vinculadas em primeiro momento à vinda da família real portuguesa e presentes em diferentes narrativas sobre a cidade (Carvalho traz a obra "Memória de um Sargento de milícias" como simbólica nesse sentido, marcam o processo de urba-

nização do Rio, bem como a história da segregação socioespacial da cidade, delimitando o espaço da população negra e/ou pobre e a expulsando desse quando era de interesse das elites cariocas.

A água foi subestimada no processo de aterro do mangue e de apagamento desse, deixando que se afluísse apenas uma pequena parcela do que hoje se identifica como canal do mangue, bem como no sucessivos aterros, possibilitando uma expansão do perímetro do Rio de Janeiro rumo à baía de Guanabara, fazendo com que parte considerável da cidade do Rio de Janeiro ainda sofra impactos das enchentes que tomam a cidade todos os anos nos períodos de chuvas intensas.

É essencial destacar que a questão das enchentes e inundações na capital carioca não se limita a essa região e nem é causa exclusiva do tamponamento dos cursos d'água que ali passavam e do aterro do mangue. Em diversos pontos da cidade, todos os anos, as chuvas tomam as ruas, complicando a vida baseada em carros do Rio.

O processo de urbanização das cidades brasileiras, que traz o tamponamento e retificação dos rios como elemento importante, tem parte de responsabilidade disso, mas no Rio, não pode-se ignorar a centralidade da ocupação dos morros e a destruição da mata nativa como agravadores.

# modos de morar

Bom-senso  
Tim Maia

A cartografias a seguir têm como objetivo evidenciar as formas de ocupação e tipologias habitacionais que servem como referência para a elaboração desse projeto - favelas, e cortiços, no primeiro mapa. Vale destacar que as ocupações e quilombos urbanos também foram modos de morar considerados nas leituras da cidade, mas não foi possível encontrar dados oficiais sobre a presença destes na cidade.

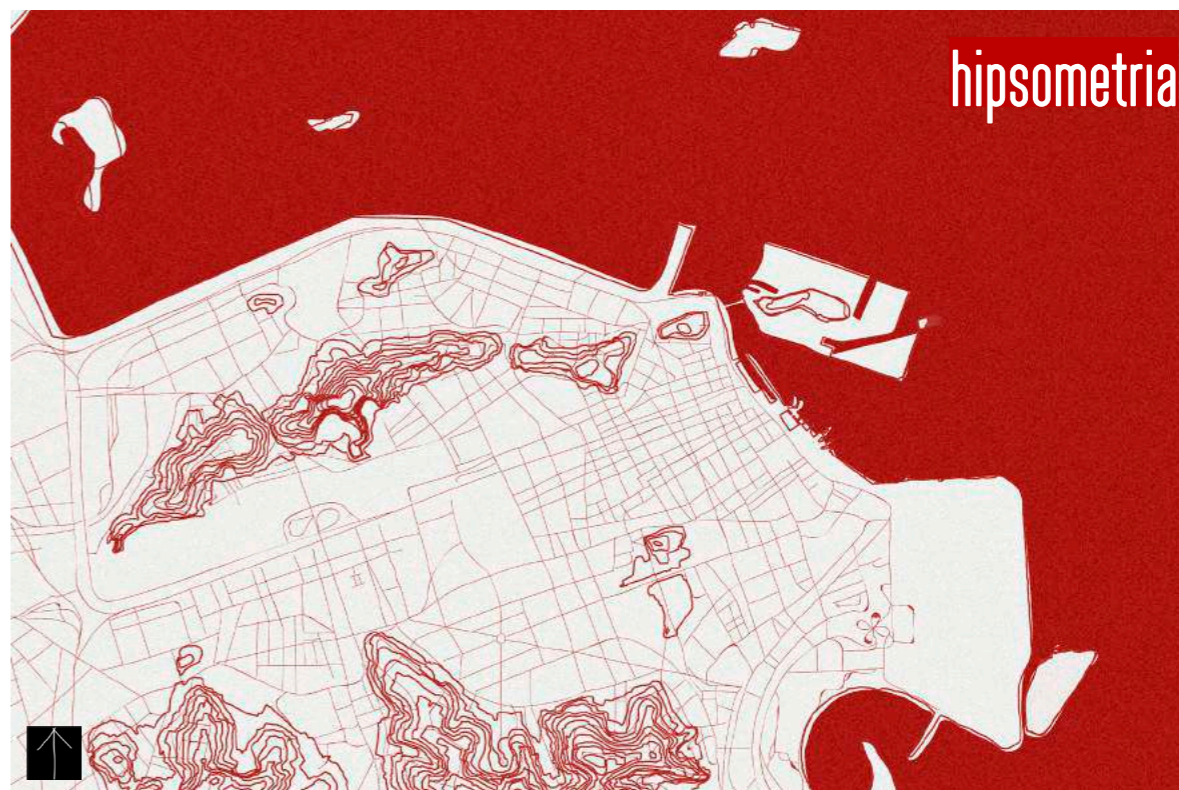
Retoma-se que o objetivo não é, de forma alguma, romantizar as formas de habitação precárias ou produzir uma imitação mimética desses espaços. Ao contrário, busca-se pensar nos elementos desse - nas formas de sociabilidades, dos espaços coletivos, no caráter comunitários - os elementos que caracterizam a busca pela emancipação social e o morar carioca, não pela perspectiva das elites, mas da periferia.

Ainda que partindo da periferia de São Paulo, em AmarElo Prisma, Emicida traz a necessidade de inverter a visão do que é central - não pensando de forma geográfica, mas conceitual -, colocando o corpo negro no centro, o morar da periferia no centro, os conhecimentos tradicionais no central. É a partir disso que se tornou possível pensar em novos paradigmas de sociedade, não se invertendo as lógicas de opressão e dominação, mas pensando na emancipação dos povos e dos corpos, buscando transformar a periferia pelas demandas da periferia e não pela perspectiva de colonização do imaginário que parte das elites.

É importante somar a presença dessas formas de ocupação a outras camadas de análise. Uma delas diz respeito à presença de equipamentos de saúde e educação na região, que não se sobrepõem às áreas predominantemente habitacionais. Outro elemento de análise que se destaca é a possibilidade de sobreposição da presença de núcleos habitacionais com o relevo da cidade, o que reforça a ocupação dos morros para moradia como elemento importante de leitura da cidade do Rio de Janeiro.



Fonte: MPRJ e Observatório da Metr pole



Fonte: Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro



Fonte: Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro



Fonte: Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro



# pindorama carioca

diretrizes projetuais	66
área de projeto	68
implantação	72
a casa	82

Edição sobre a obra de Wallace Pato

Em nguni, idioma do grupo linguístico zulu, falado em alguns lugares do sul da África, não há palavra que designe o parentesco a partir do sangue. A expressão que define a relação de parentesco é ubudlelane: os que comem juntos. É na mesa, no balcão, no compartilhamento da comida, na união pela celebração da festa, que a ideia de parentesco se estabelece.

Luiz Antonio Simas

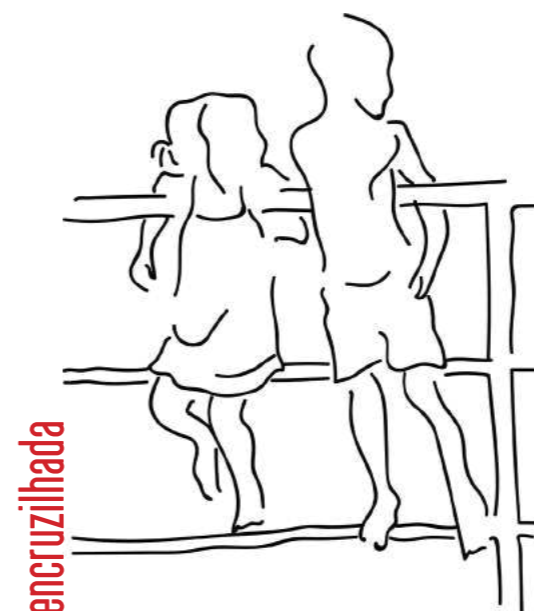
# diretrizes projetuais

Vitória pros pretos  
MC IG

O projeto tem como elemento central a conjugação entre os edifícios dormitórios e os edifícios coletivos. Os edifícios dormitório têm como função central a de abrigo e criação de espaços de convívio - nas lajes e em menor escala no interior das unidades -, bem como a criação de unidades comerciais no térreo dos edifícios.

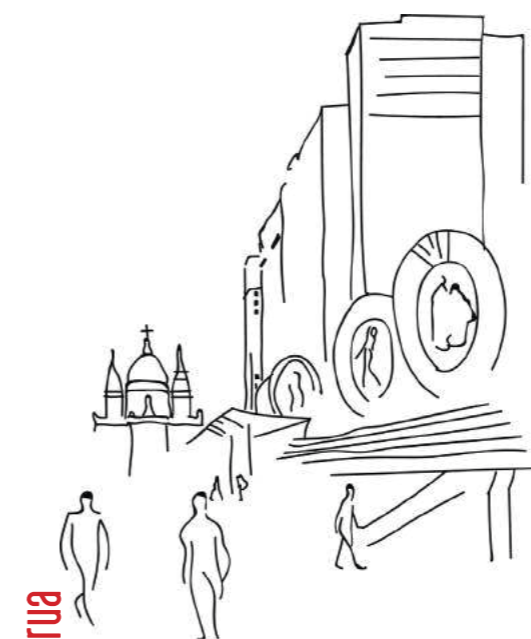
O edifício coletivo tem como função central a coletivização das atividades de reprodução social. Os dois primeiros pavimentos tem um programa fixo, que envolve cozinha, área de refeição, banheiros, lavanderia, espaços coletivos de estar e área destinada às crianças e aos idosos e o terceiro possui um série de ateliês que podem se adaptar a diferentes demandas dos moradores - como escritórios, salas de estudos, salas de costura, ateliês de arte etc.

Os edifícios podem ser ligados através de passarelas entre as lajes do edifício dormitório e os pavimentos do edifício coletivo.



encruzilhada

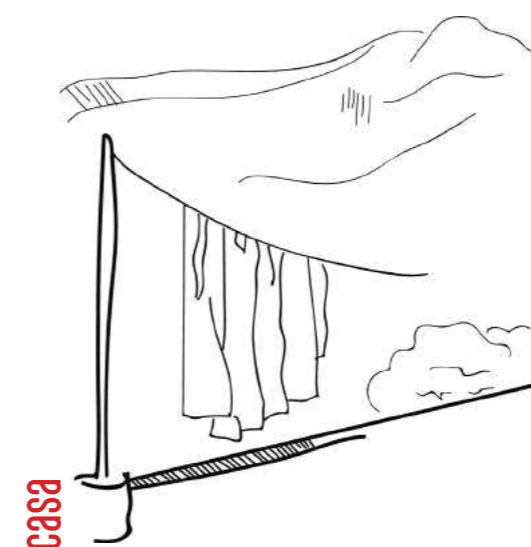
Escala da cidade. Dimensão da utopia, de um pensamento contra hegemônico, de uma prática contra hegemônica. Transformar a cidade em terreiro, retomada da memória do lugar, deixar aflorar os espaços em disputa, os apagamentos, os subalternos. A encruzilhada é a disponibilidade para a alteridade, a disponibilidade para transitar para dimensões mais plurais do ser e da vida. A escala da encruzilhada é a de afloração de passados apagados.



rua

Dimensão coletiva de sociabilidade. É no espaço da rua que acontecem as atividades cotidianas. A rua é o espaço da troca, da pluralidade. A rua é o terreiro. O projeto na escala da rua vai se desenvolver na relação com a avenida Presidente Vargas, na via central de Pindorama e nos caminhos no interior do bairro.

A rua é o território do corpo na cidade; é o espaço do encantamento.



casa

Composição entre os edifícios na escala do corpo, da sociabilidade da família e os edifícios de atividades coletivas e de reprodução social. Desmembramento da ideia da casa e do ambiente doméstico. Espaço que possibilita a coletivização das atividades de cuidado e lazer. Apropriação de práticas de sociabilidade já comuns em cortiços, favelas e ocupações. Espaço de subversão da centralidade do indivíduo em detrimento do coletivo.

# área de projeto



museu do amanhã

morro da providência

igreja da candelária

avenida presidente vargas

campo de santana

recorte de projeto



morro da providência

central do brasil >

elevando 31 de março

avenida presidente vargas

marquês de sapucaí

< canal do mangue

Imagem: Landsat / Copernicus



# implantação

Zé do caroço  
Seu Jorge

A implantação de Pindorama foi pensada a partir da perspectiva de retomada da rua pelos corpos. A primeira ação foi o enterramento dos trilhos do trem, liberando o nível da rua para a ocupação. Partindo de elementos dados do viário do entorno, foi feito um traçado base a partir do qual foi feita a alocação dos edifícios, sem que fosse feito um desenho de viário para o bairro. A partir dos mapas de leitura, definiu-se os equipamentos a serem inseridos, bem como as áreas livres.

Ainda que o espaço entre os edifícios seja

o bastante para permitir a passagem de automóveis, Pindorama é pensado de forma independente do carro, possuindo apenas uma via central, na qual se localiza uma linha de VLT. Por se tratar de uma área muito extensa, fez-se a opção de detalhamento das áreas livres e verdes, bem como das dinâmicas de conexão entre os edifícios apenas nos recortes, de forma a facilitar a leitura do projeto e possibilitar maior cuidado no desenho.

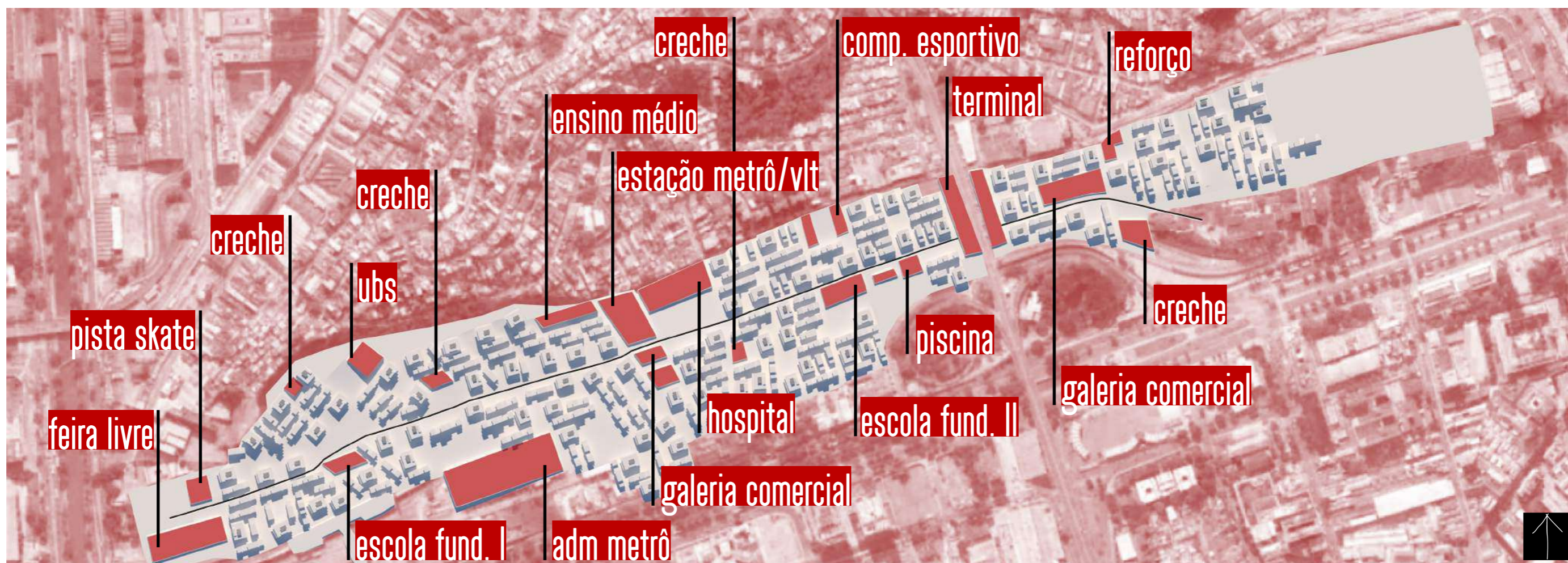
O percurso de afloramentos do passado - que será melhor descrito adiante também passa pela intervenção. É importante ressaltar a relação de conexão que o desenho do bairro busca estabelecer entre a Avenida Presidente Vargas e a Zona Portuária. Reforço que, em uma proposição como Pindorama, não faz sentido discussões sobre quais os espaços públicos e privados proponho, portanto, a distinção entre espaços coletivos - a casa, composta na conjugação entre os edifícios coletivos e dormitório, que será melhor analisado a seguir - e institucionais.

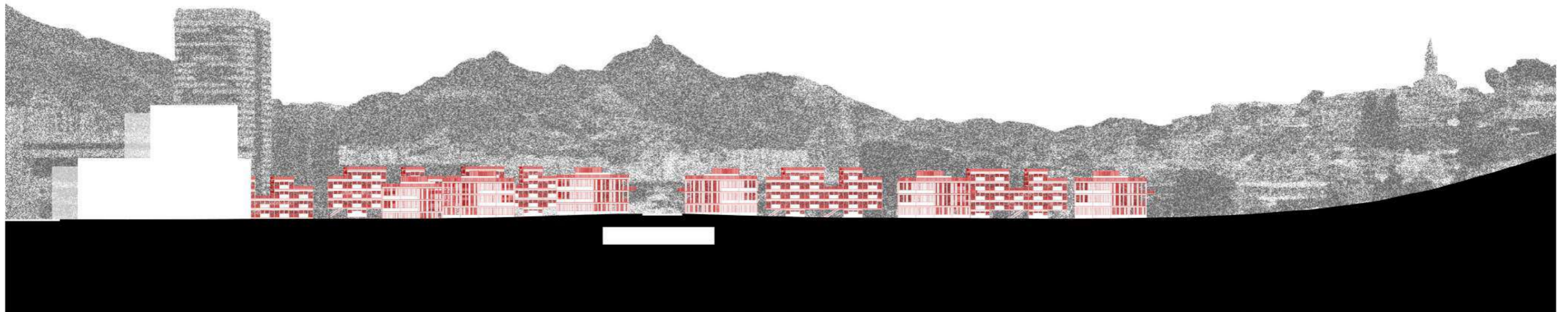
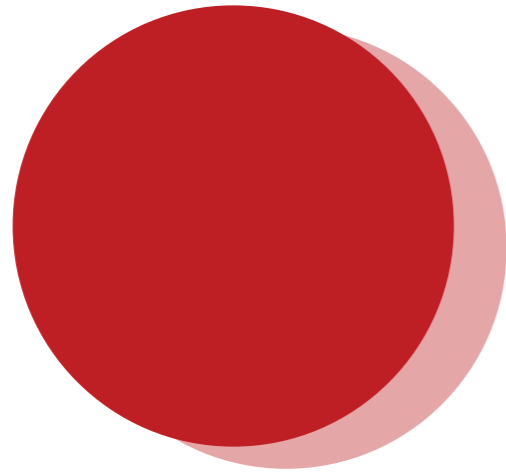
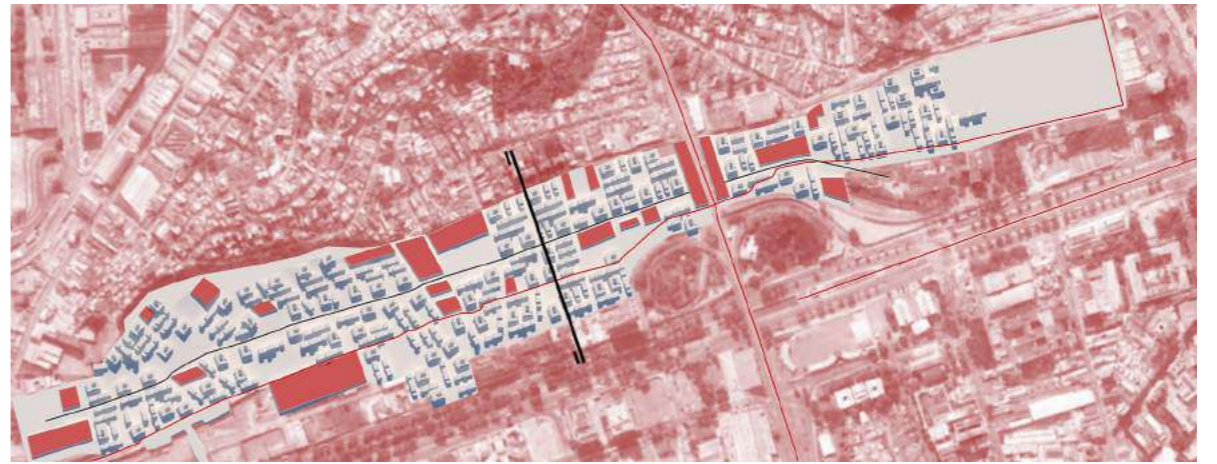


## equipamentos

O desenho da implantação foi feito a partir da localização de equipamentos distribuídos a partir dos eixos de: **cultura e lazer** [biblioteca pública; praças; terreiros; campos de futebol / vestiário; parquinhos infantis; pista de skate]; **educação** [escolas de ensino fundamental I e II; creches; reforço escolar]; **saúde** [ubs; hospital]; **comércio e serviços** [galerias comerciais; feira livre]; **serviços públicos** [hortas comunitárias; pomar; centros de reciclagem].

Alguns dos espaços livres foram desenhados nos recortes que serão apresentados adiante.





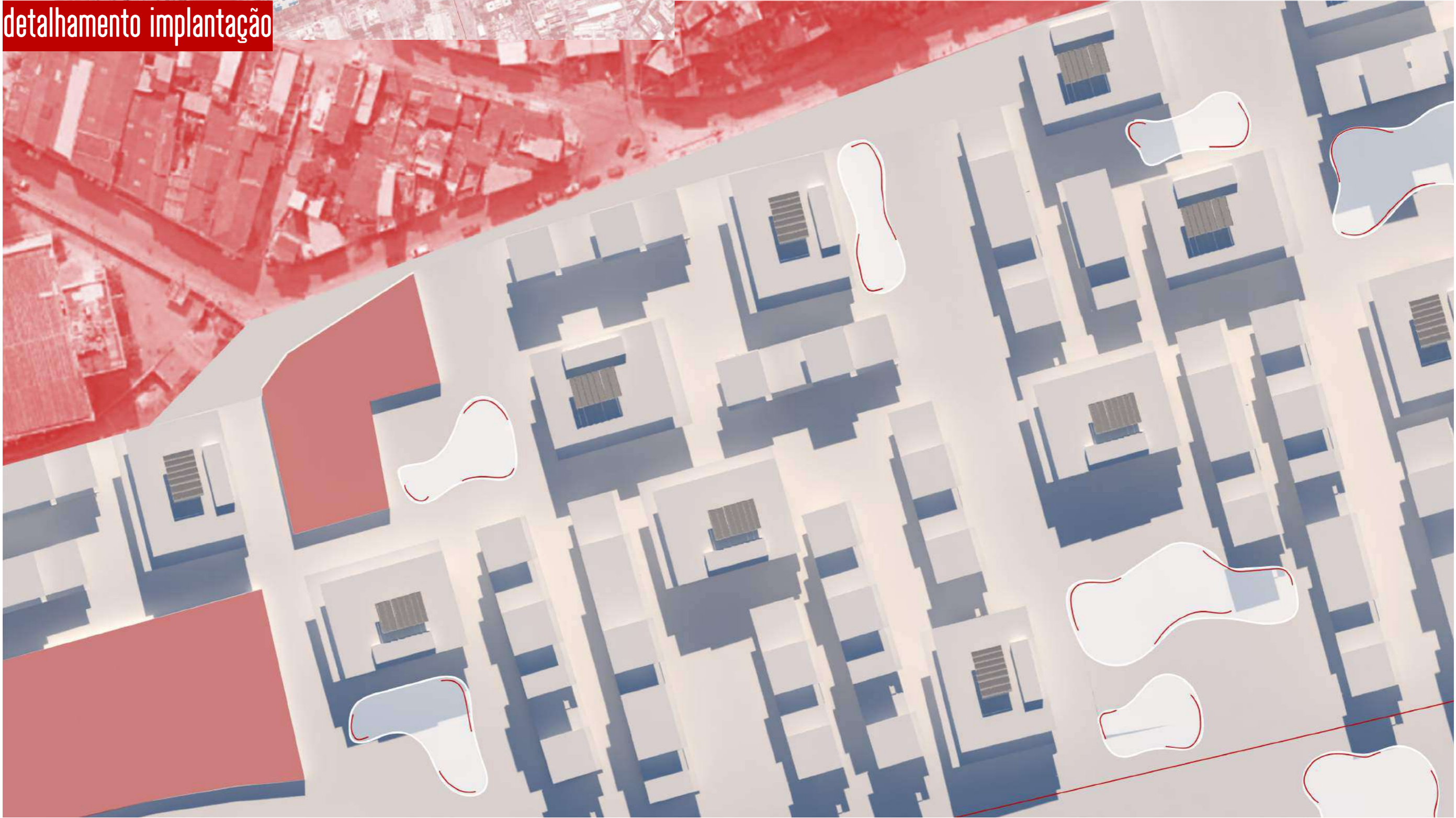


detalhamento implantação





detalhamento implantação

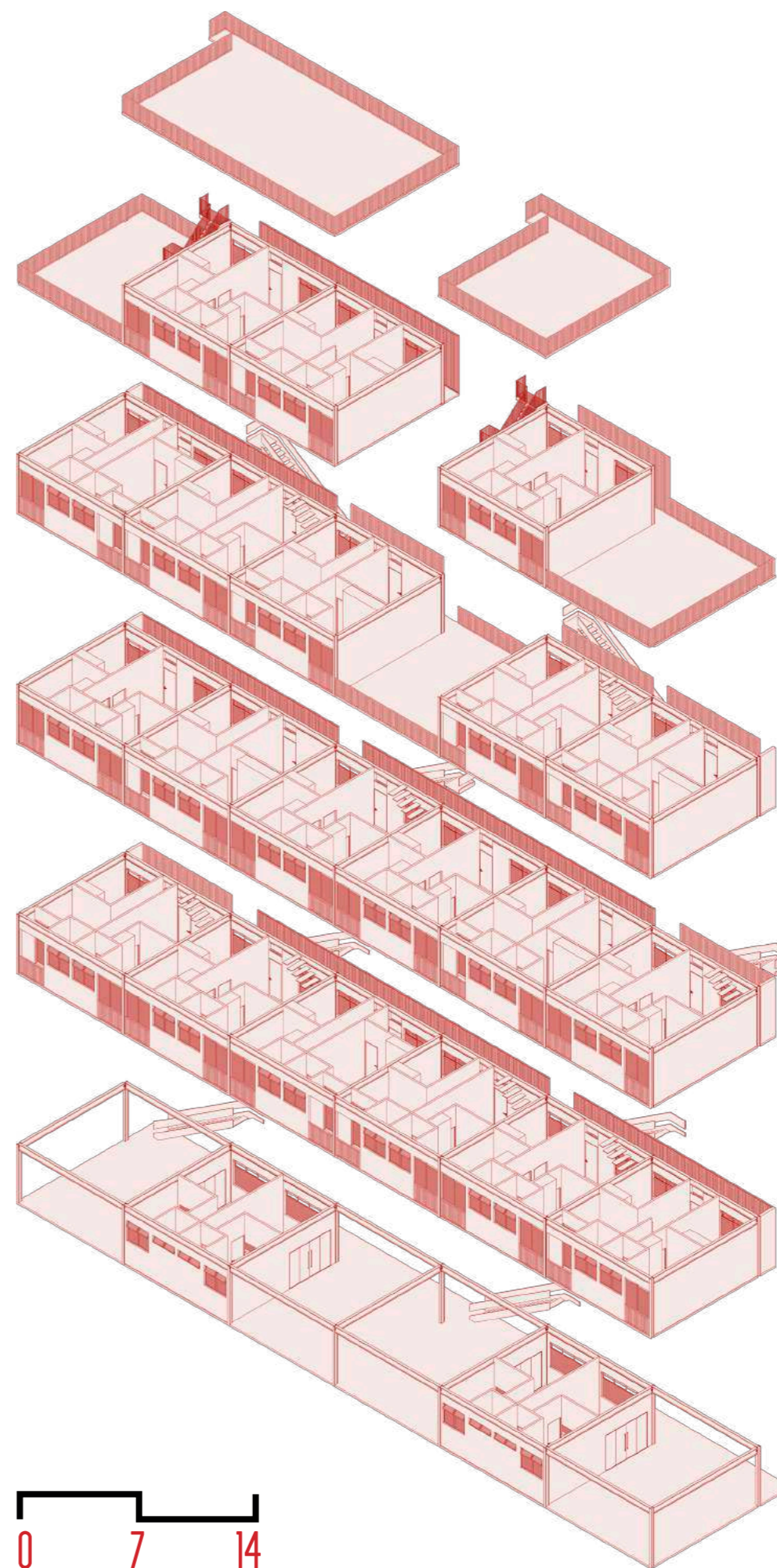


Como nossos pais  
Elis Regina

## edifício dormitório

O projeto do edifício dormitório parte de uma proposta de adaptabilidade das unidades para diferentes tamanhos e modelos de família. Os edifícios dormitório tem um programa que se limita a quartos e banheiros, consolidando a casa a partir de sua conjugação com os edifícios coletivos - que serão mostrados a seguir. A partir de um módulo principal, é possível criar apartamentos de 1 a 4 quartos. No edifício modelo aqui proposto, as 4 unidades do térreo são destinadas a pequenos comércios, tendo o restante da planta do térreo livre para circulação, uso dos moradores e/ou apropriação por esses comércios. Os módulos foram pensados a partir de um eixo hidráulico espelhado, fazendo com que a construção do edifício seja mais barata. A modulação é feita a partir de uma estrutura metálica que une 2 módulos (7x7m).

A proposta se apropria também da ocupação das lajes como espaço de convívio, lazer e estar, visto que as unidades dormitório não possuem áreas de convívio - afora pequenas sacadas e salas em algumas unidades.

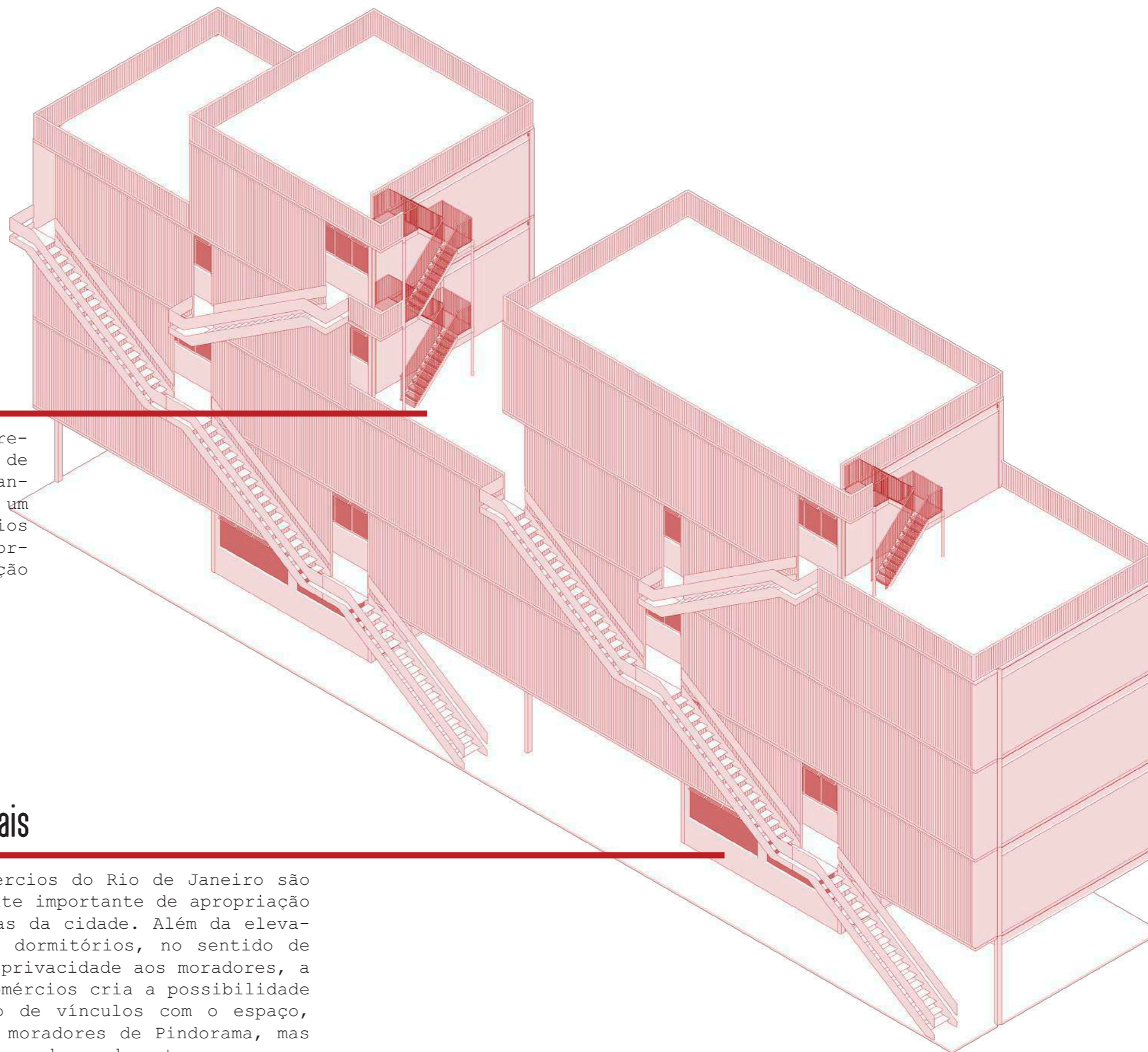


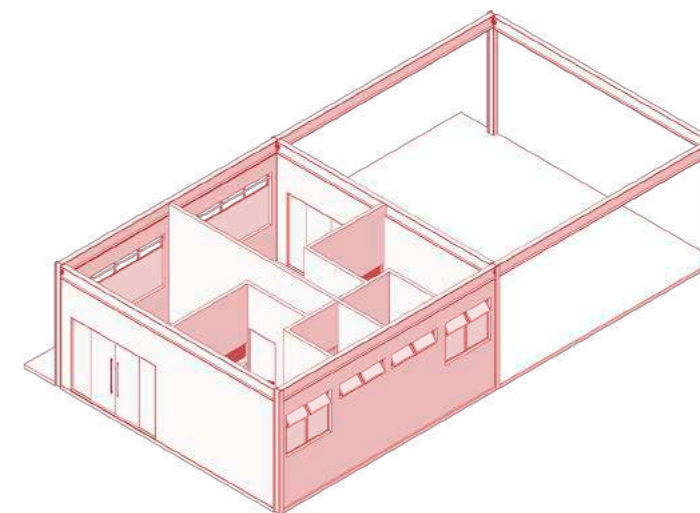
## apropriação das lajes

As lajes são um elemento bastante frequente nas comunidades e favelas do Rio de Janeiro, se configurando como um importante espaço de sociabilidade. Esse foi um elemento que foi apropriado nos edifícios dormitórios, propondo diferentes proporções, alturas e dinâmicas de apropriação para os moradores.

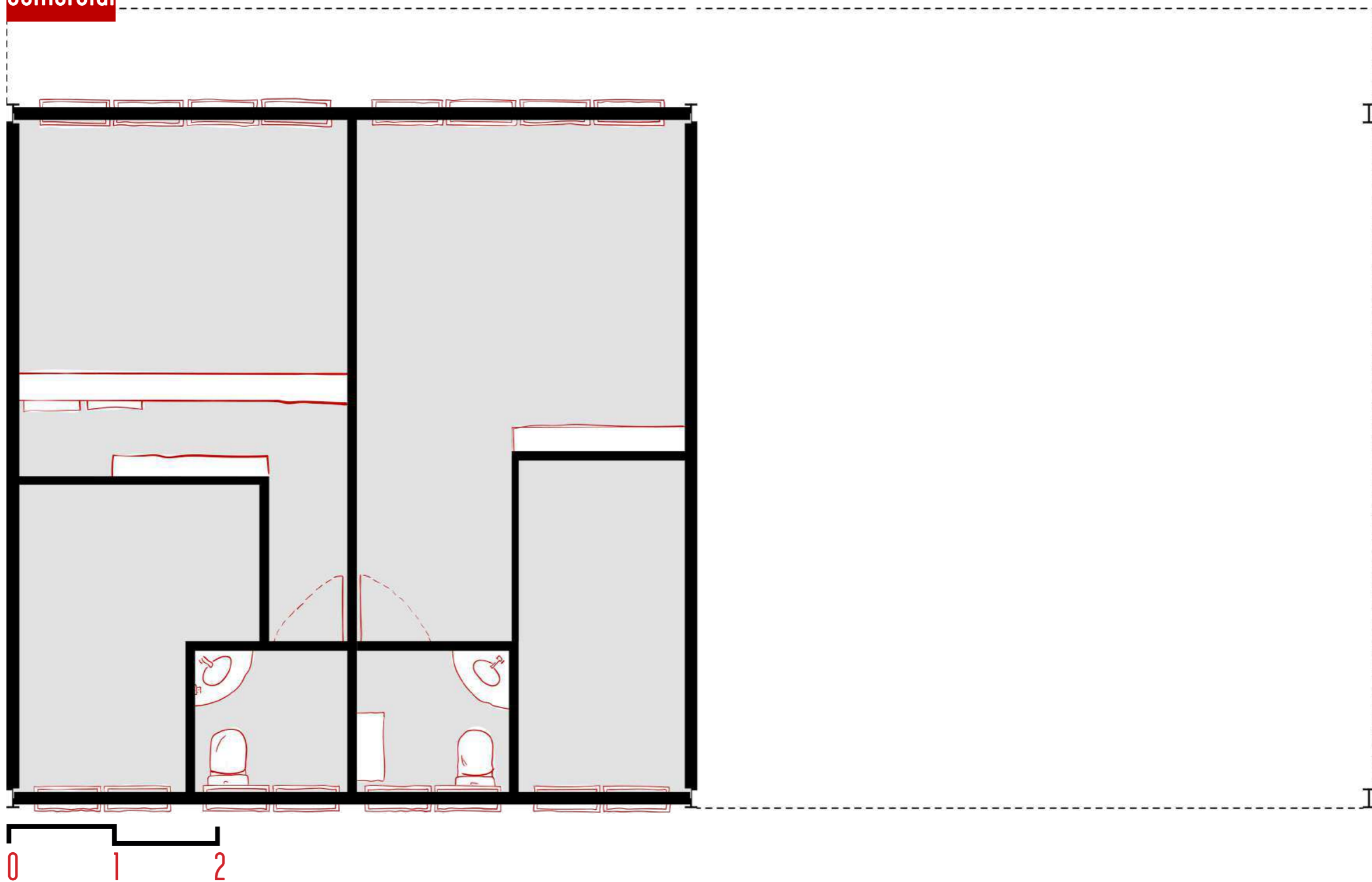
## unidades comerciais

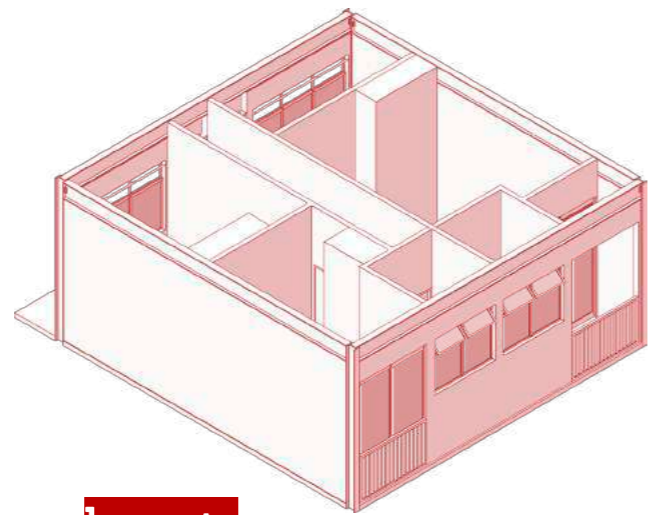
Os pequenos comércios do Rio de Janeiro são um elemento bastante importante de apropriação e ativação das ruas da cidade. Além da elevação do térreo dos dormitórios, no sentido de proporcionar mais privacidade aos moradores, a presença desses comércios cria a possibilidade de estabelecimento de vínculos com o espaço, não apenas com os moradores de Pindorama, mas também dos demais moradores do entorno.





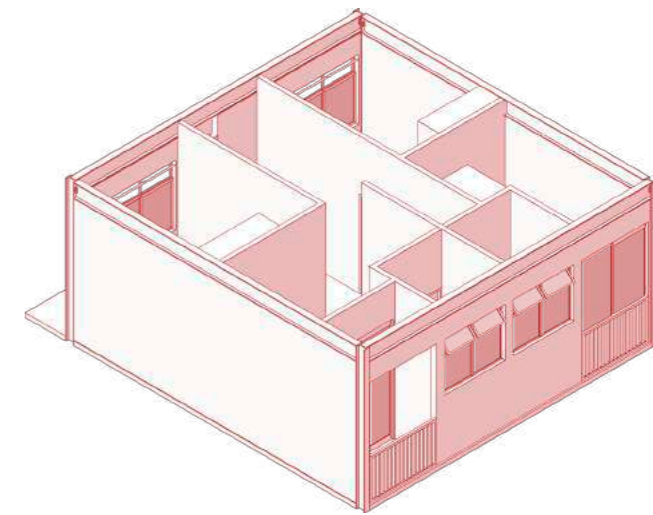
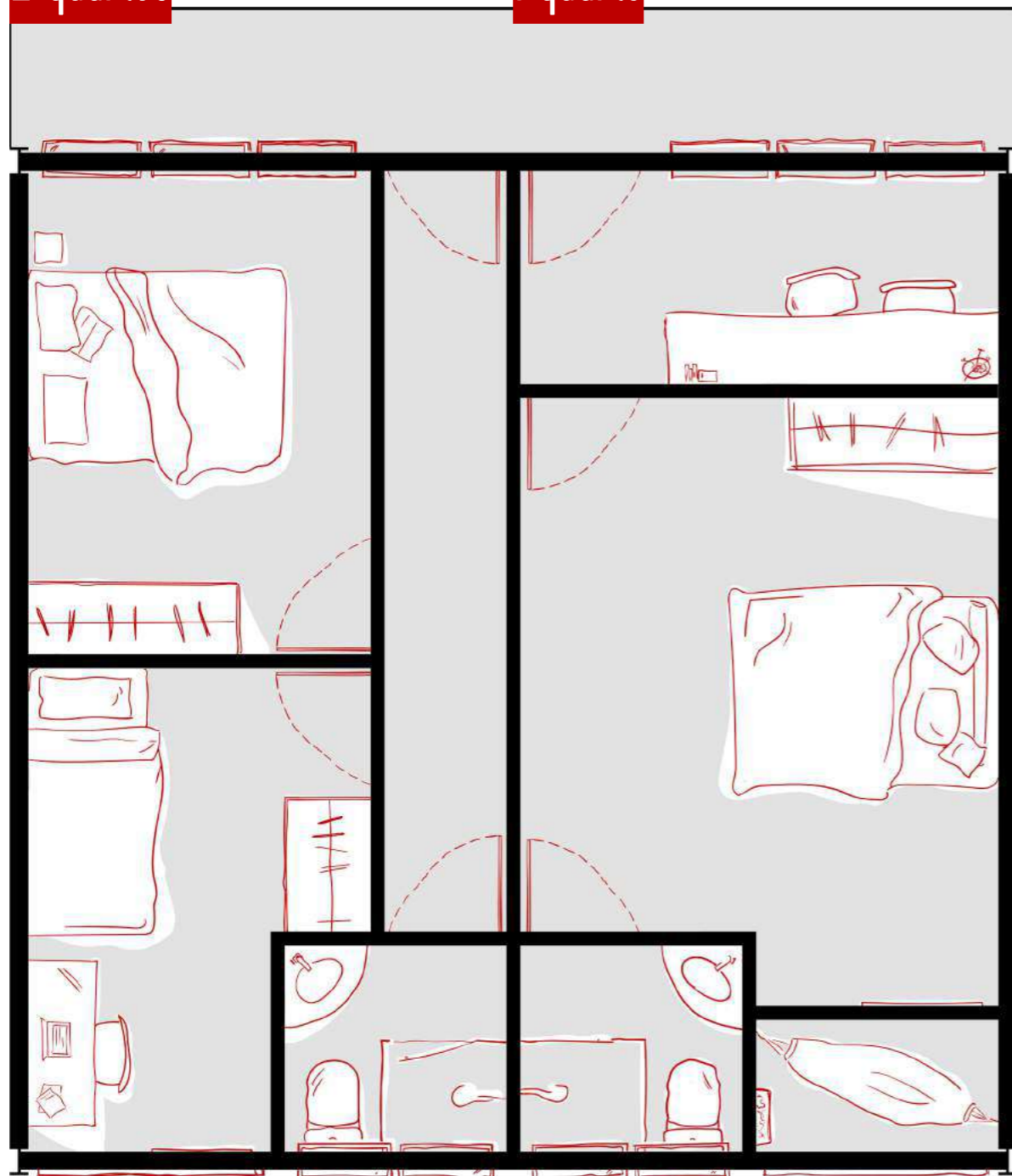
comercial



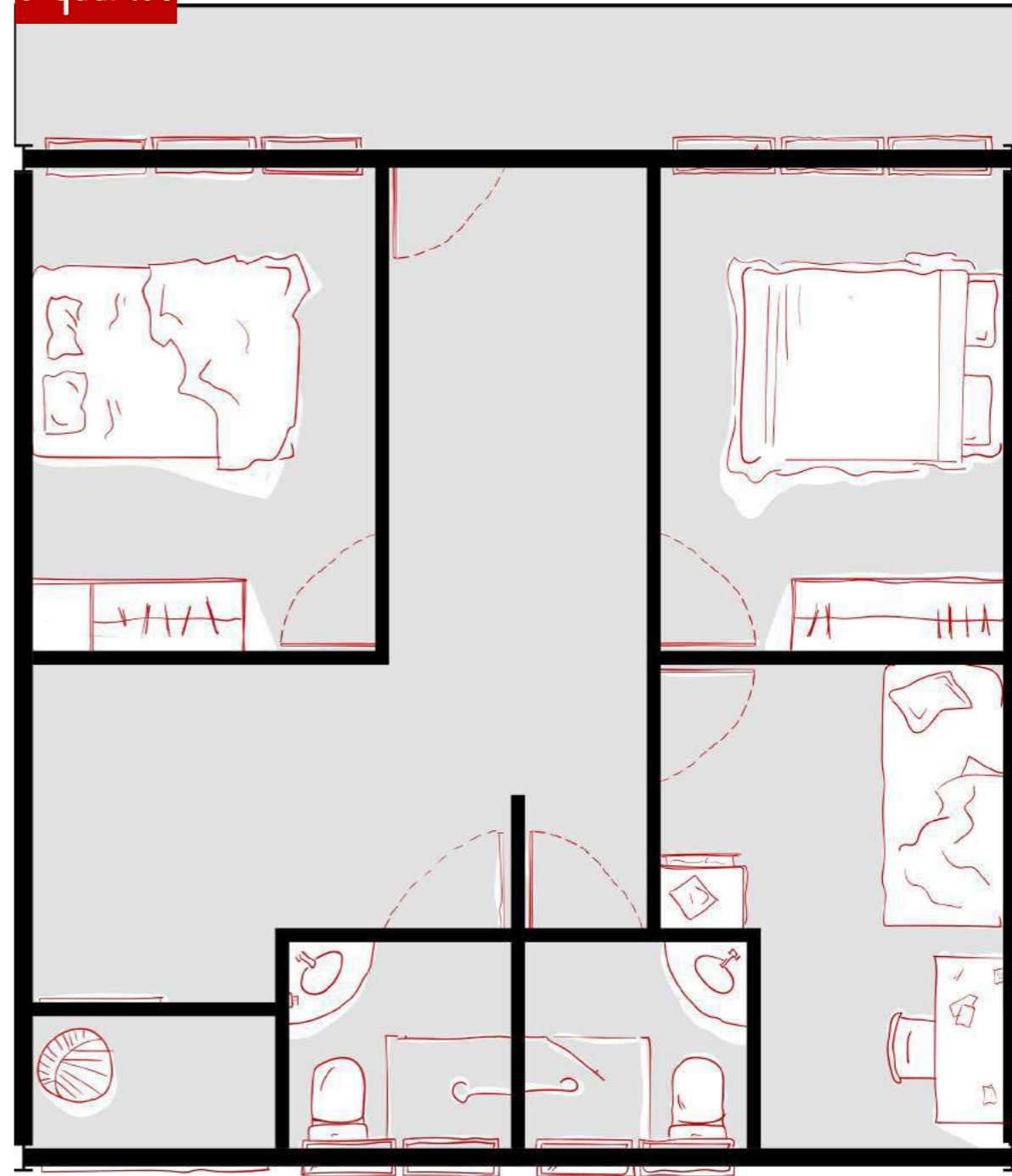


2 quartos

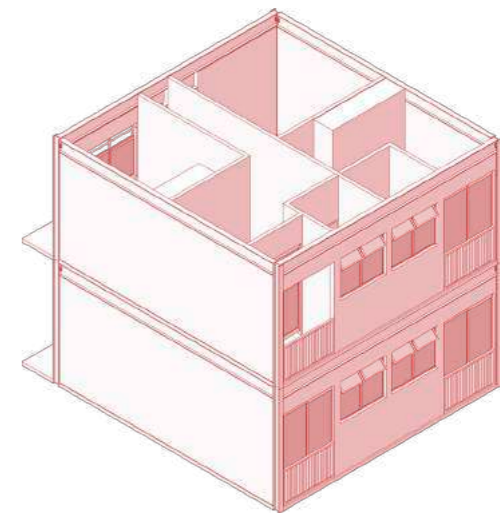
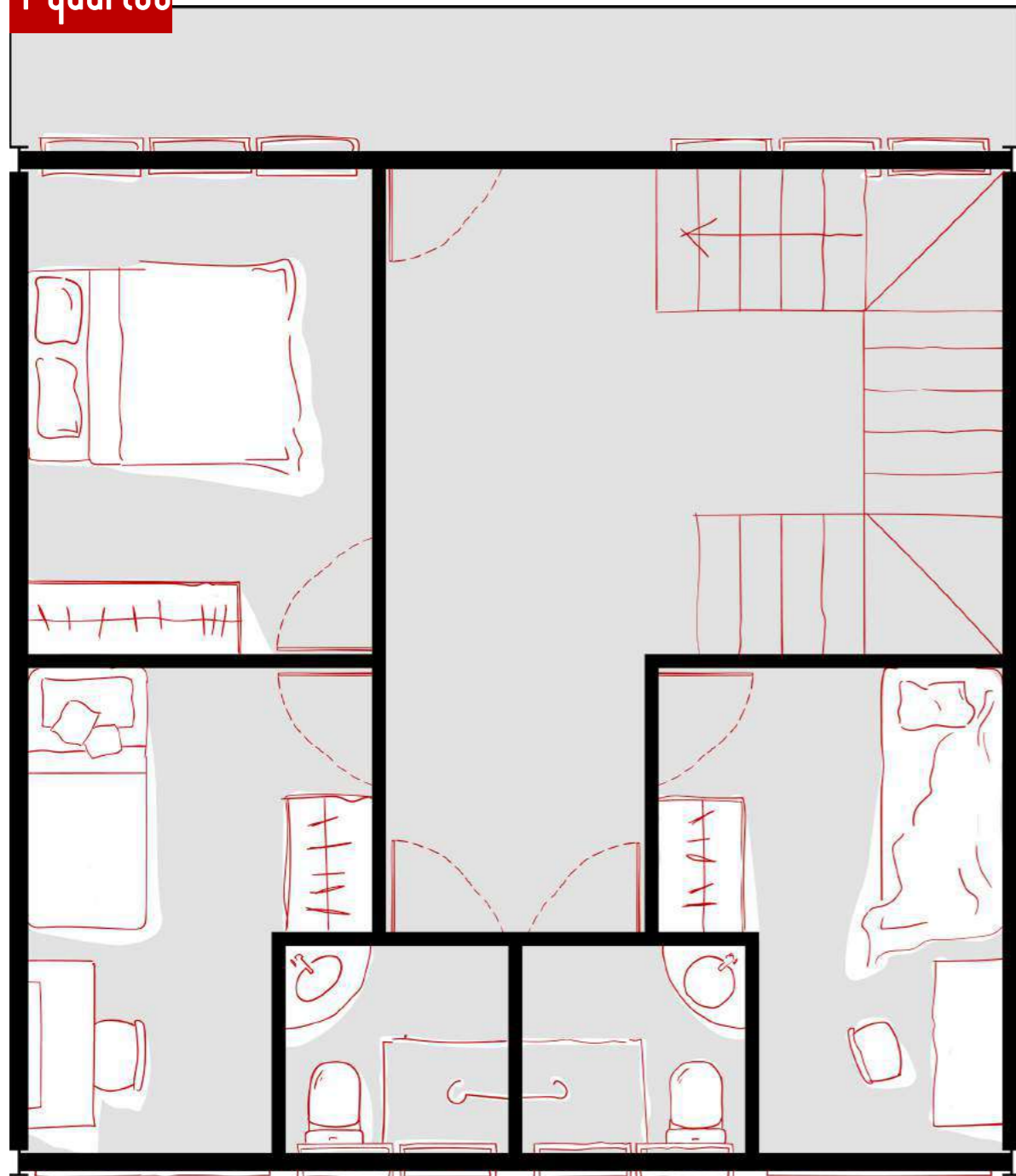
1 quarto



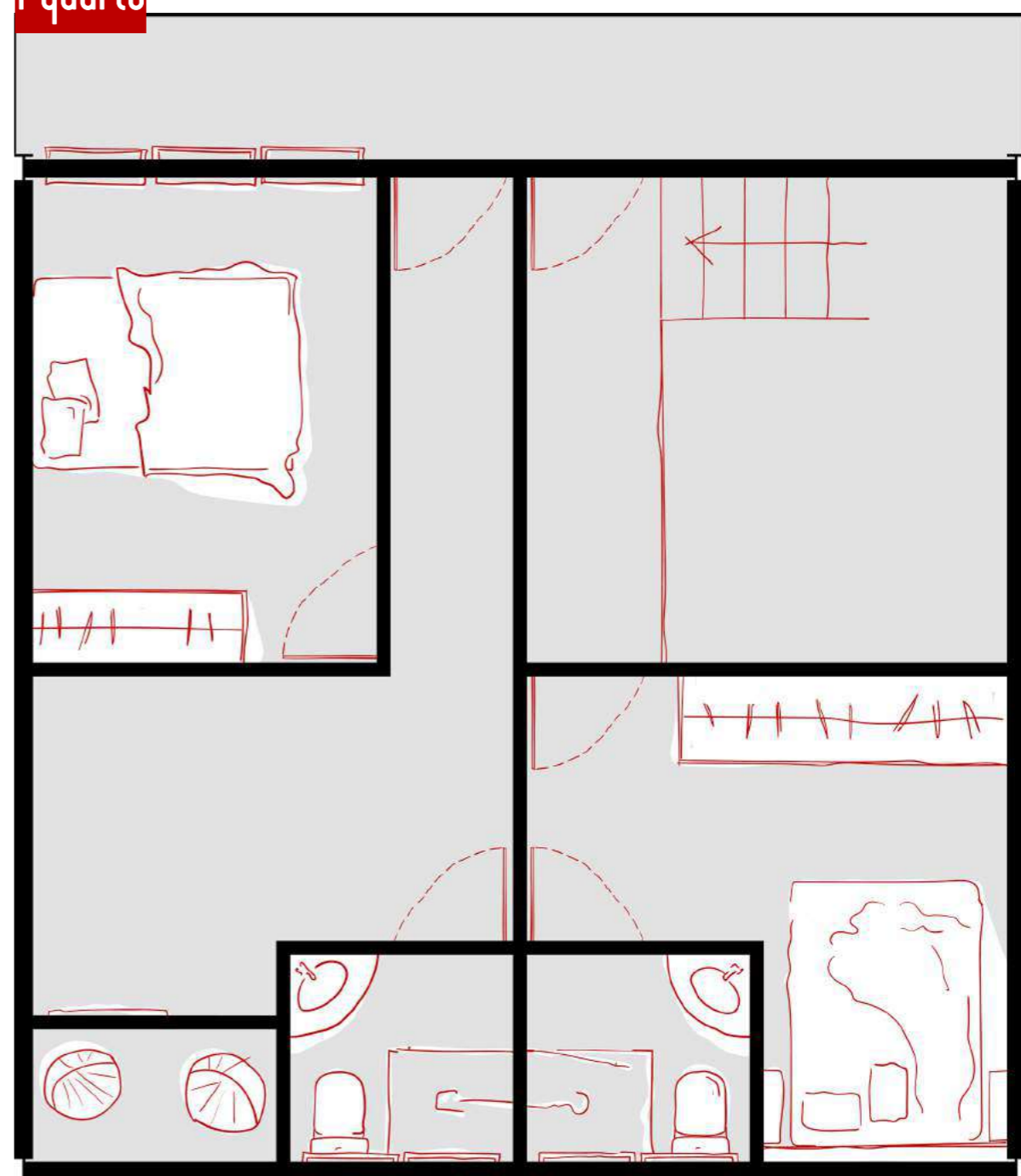
3 quartos

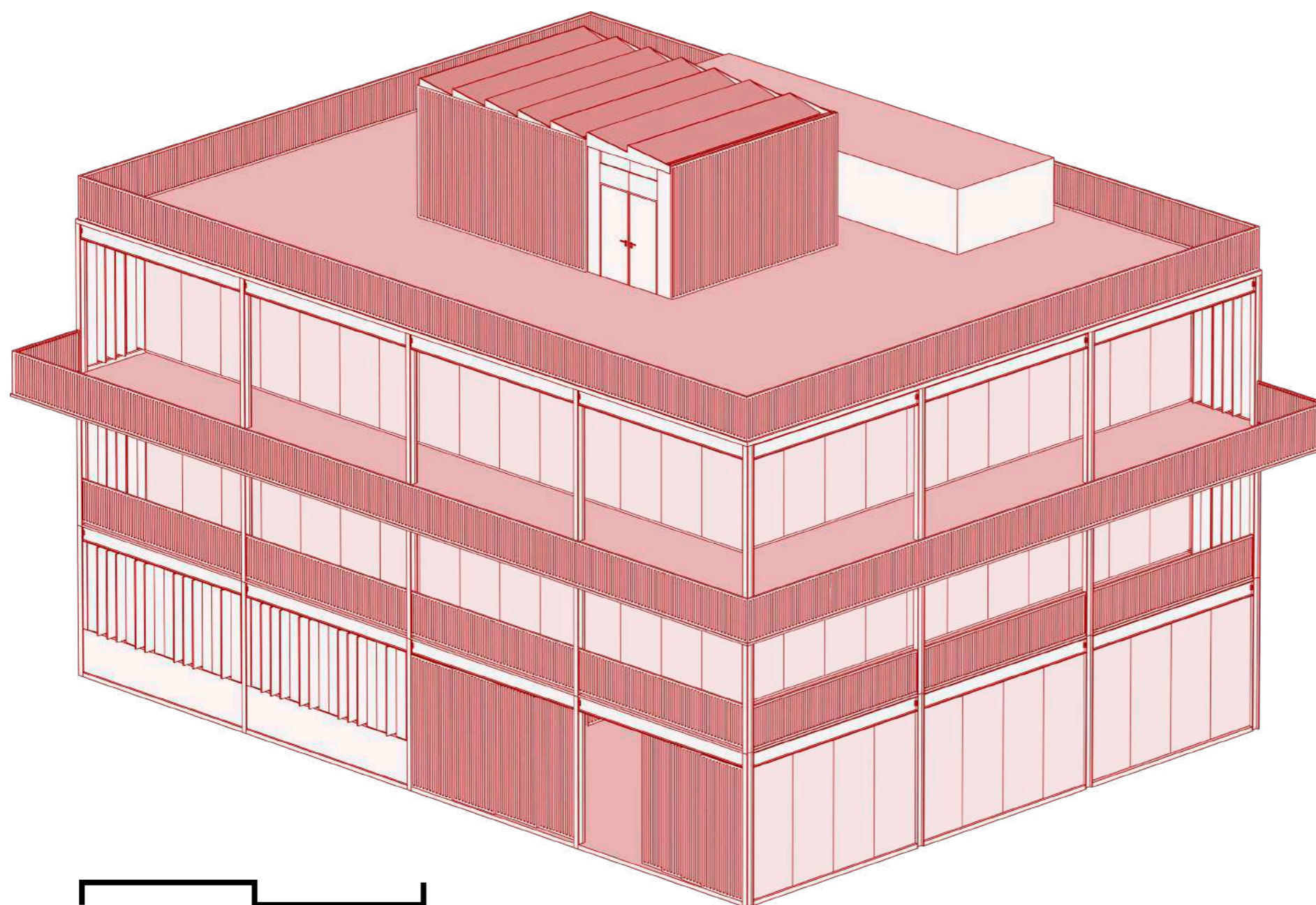


4 quartos



1 quarto





0 5 10

## edifício coletivo

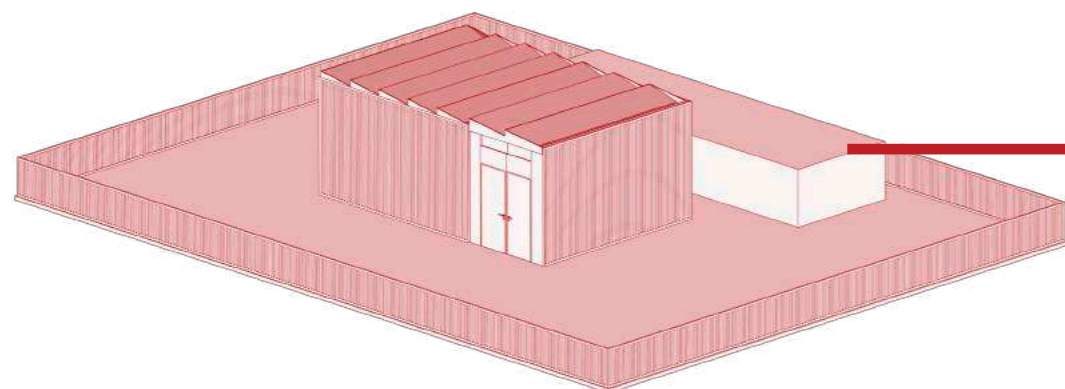
O projeto do edifício coletivo é composto por 3 pavimentos, além da laje, que pode ser utilizada pelos moradores. Ainda que tenha como função central as funções de reprodução social e de estar dos moradores de pindorama, ele foi pensado de forma a ser usado também pelos demais moradores da região, possuindo espaços que podem contribuir com a qualidade de vida não apenas dos moradores de pindorama, mas também dos bairros adjacentes.

O programa do primeiro pavimento é mais voltado para o público, especialmente para os idosos - considerando possíveis dificuldades de mobilidade -, sendo composto por banheiros, lavanderia, espaço de atividade de idosos, brinquedoteca, área de lazer e uma área de luz. A área de luz é pensada como um espaço voltado para as crianças, localizado no centro do edifício e sendo visível de todos os pavimentos do edifício, sendo assim, a tarefa de observação das crianças é coletivizada entre todos os presentes no edifício.

O segundo pavimento é mais voltado para a alimentação. Nele se localiza a despensa, a cozinha, a área de refeição, além de banheiros e de uma área aberta na lateral do edifício, que pode ser uma área ampliada para refeições ou um espaço de estar.

O terceiro pavimento possui o programa mais flexível. Ele é o mais aberto para a área externa, havendo apenas banheiro e uma série de ateliês - cujo tamanho pode se adaptar à demanda dos moradores. Os ateliês podem ser usados, como salas de arte, estúdios de gravação, escritórios, oficinas etc.

O edifício é feito em sistema pilar/viga metálicos, com perfil em I, com modulação de 5 x 5 metros e pé direito de 3 metros. O fechamento do edifício é em tijolo, vidro e brises de madeira, possibilitando a iluminação e circulação do ar, considerando as temperaturas da cidade do Rio de Janeiro. O fechamento possibilita também a vista da região.



## cobertura

A proposição da cobertura do edifício coletivo dialoga com a dinâmica de sociabilidade das lajes já colocadas nos edifícios dormitório. Vale destacar também a proposição da cobertura da área de luz, que foi pensada de forma a possibilitar a entrada de luz.

## terceiro pavimento

pavimento voltado para os espaços mais ligados ao lúdico, à criação, à dimensão doméstica do encantamento. A proposição é que isso possa se adaptar às diferentes composições dos moradores que usam esse espaço. Espaço de exploração da dimensão criativa dos corpos e do coletivo; espaço das pluralidades.

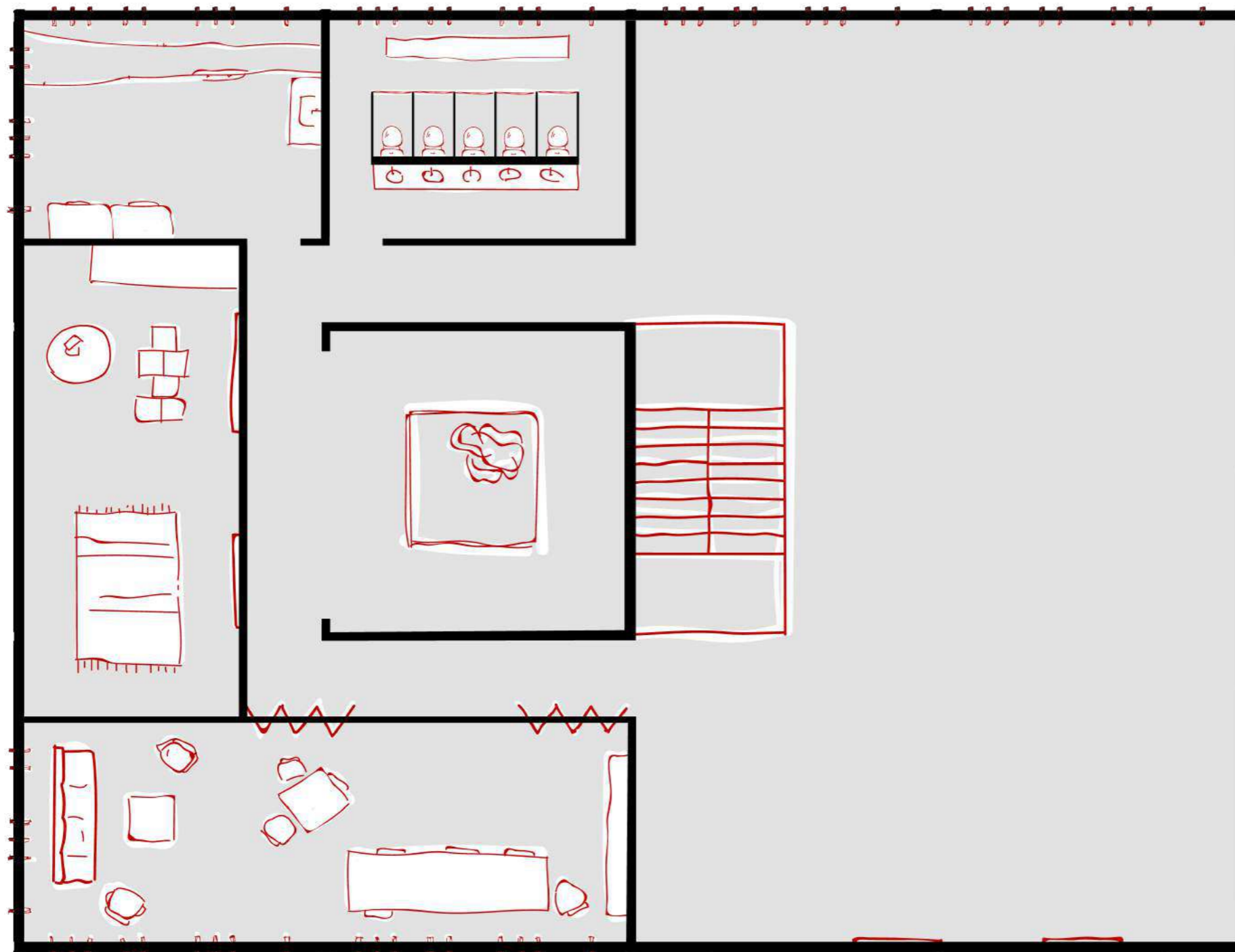
## segundo pavimento

Espaço das atividades da família (ubudlelane). Espaço destinado à alimentação: ao cozinhar, ao comer junto, ao estar junto. A cozinha tem espaço privilegiado uma vez que carrega em si camadas de memória e tradição, a potência da nutrição e o encantamento do estar junto.

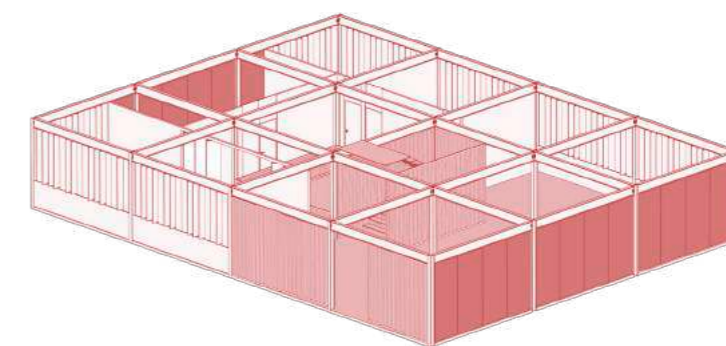
## pavimento térreo

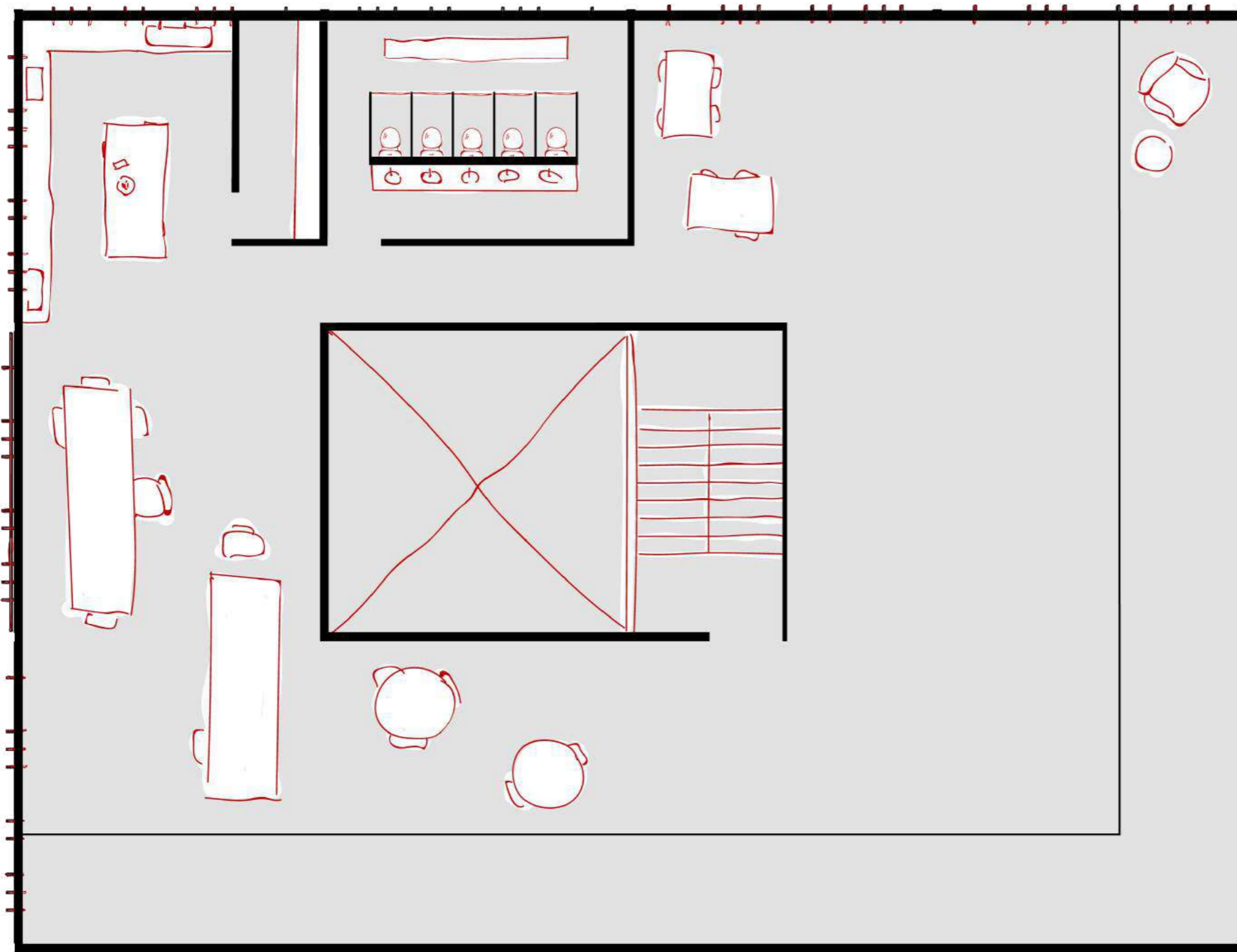
Espaço de atração e coletivização para além da escala dos moradores. Pensado a partir dos corpos extremos da existência humana: os mais velhos e os mais novos. Valorização da relação entre esses corpos como momento de encantamento e de aprendizado.



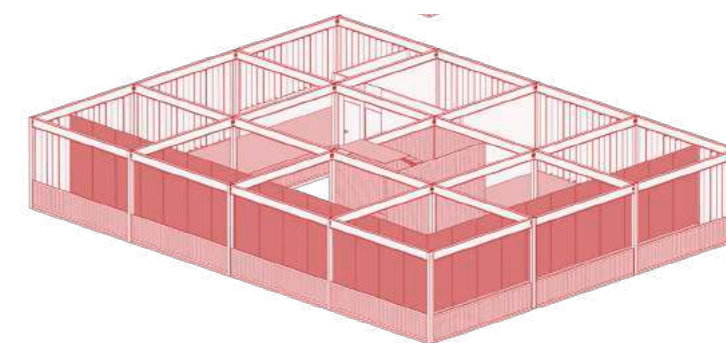


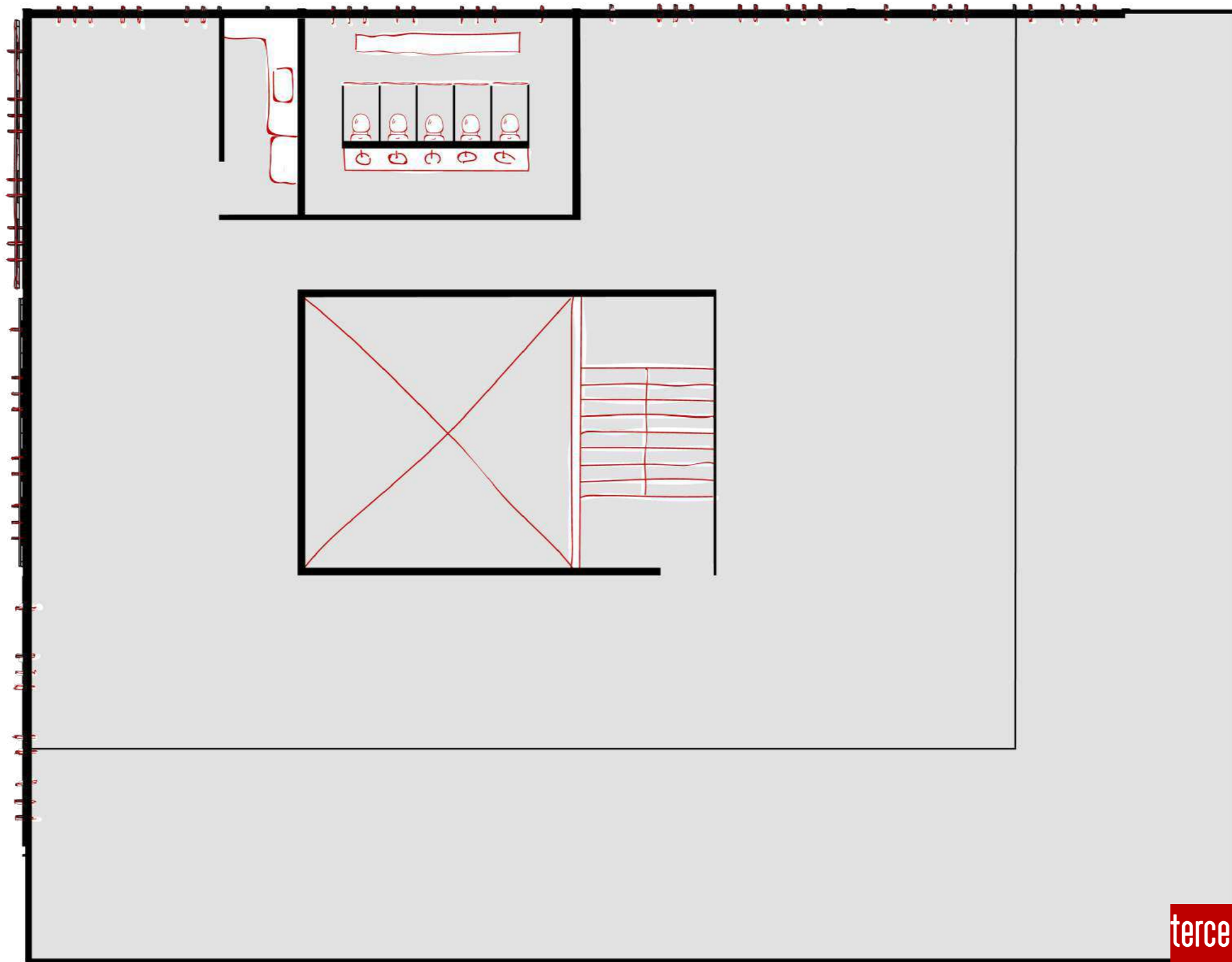
primeiro pavimento



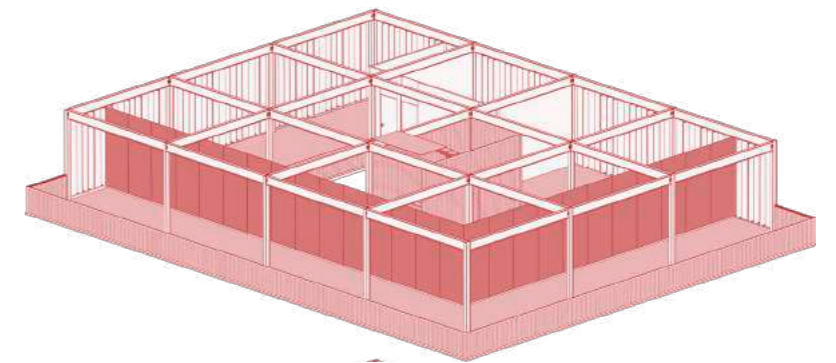


**segundo pavimento**





terceiro pavimento







# percurso e narrativa

a narrativa	106
o percurso	107
o território	112
a história	116

Edição sobre a obra de Wallace Pato

*Para muitos é difícil admitir isso, mas os inventores do que há de mais forte na cidade do Rio de Janeiro não discutiram filosofia nas academias e universidades, não escreveram tratados, não pintaram os quadros do Renascimento, não foram convidados a frequentar bibliotecas, não compuseram sinfonias, não conduziram exércitos em grandes guerras, não redigiram as leis, não fundaram empresas e só frequentaram os salões empedernidos para servir às sinhas.*

Luiz Antonio Simas

# a narrativa

Praça Onze  
Graça Braga

A proposta de construção de uma nova narrativa sobre o território da zona portuária remonta o já citado oriki de Exu. "Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só lançou hoje." É a partir dessa subversão da narrativa do passado que se alteram as condições materiais de construção de um futuro que só existe em potência. Em entrevista, Luiz Antonio Simas fala da necessidade de redescoberta do passado brasileiro, como única forma de construção de futuro.

A partir desse entendimento, retomo a proposta de construção de uma narrativa a partir do percurso. Nos levantamentos feitos ao longo da realização deste trabalho, foram sendo encontradas diversas histórias que foram apagadas e/ou escondidas do imaginário coletivo da cidade do Rio de Janeiro. Sejam as praias da Baía de Guanabara que foram aterradas para a expansão da zona portuária; a praça Onze, hoje um diminuto e deserto canteiro central da avenida Presidente Vargas cujo único habitante é um Zumbi dos Palmares decapitado; a Candelária, palco do massacre de crianças que dormiam nas escadas da igreja; ou a Pedra do Sal, cujo nome completo é Quilombo Urbano da Pedra do Sal, conhecido e turistificado por suas rodas de samba, mas que se configura como um dos mais importantes espaços de resistências da cultura e das populações afro-brasileiras na cidade do Rio de Janeiro.

O percurso busca criar um código comum que marque a história desses lugares, sem criar a ideia de uma narrativa única que responda ao passado desses territórios. É uma intervenção ao mesmo tempo discreta e monumental, que tem como função principal criar questionamentos, incitar a curiosidade e reviver a importância da oralidade como forma de produção de sentidos. De acordo com Silvio Almeida<sup>15</sup>:

<sup>15</sup> ALMEIDA, Silvio. *As estratégias de sobrevivência através da oralidade*. 08 minutos, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U2VJUNjLBuc>

"A oralidade tem como principais agentes os chamados Guardiões da Palavra Falada, os verdadeiros responsáveis por transmitir crenças, valores e costumes de geração em geração, mantendo assim a coesão entre determinados grupos sociais. [...] O Brasil traz enquanto característica marcante um cenário de diferentes fluxos migratórios populacionais; fenômenos que acionam a necessidade de reconhecer diferentes formas em que a tradição oral se estrutura na contemporaneidade. Por exemplo a contação de histórias, receitas de cozinha, a música... Ou seja, mecanismos que sistematizam impactos através das formas de produzir saber, de produzir sentidos. A oralidade é uma forma de transmissão de saberes e de produção de sentidos." (ALMEIDA, 2020)

A narrativa que se propõe é, portanto, plural, cotidiana e local. É um percurso que ativa os guardiões e as guardiãs da palavra falada, que dá a eles um papel central dentro da experiência de viver a cidade. O percurso proposto não é pensado para ser seguido, mas para produzir estranhamento na miudeza da vida cotidiana. É um percurso que incita a jogar a pedra para acertar o pássaro de ontem.

## o percurso

História pra ninar gente grande  
Maria Bethânia

O percurso proposto tem como base a ligação entre espaços e acontecimentos levantados, no sentido de criar um estranhamento capaz de estimular o questionamento e a oralidade. O percurso é guiado por uma espécie de peça metálica contínua que desenha uma linha que guia o trajeto, pouco acima do nível do chão. A proposta é que haja um desconforto no contato com a percurso, considerando uma diferença nesse desnível com relação ao nível da rua quando o trajeto se localiza em um espaço de passagem de automóveis - com uma elevação um pouco maior, de cerca de 2cm - e de circulação de pedestres - com uma elevação de cerca de 5mm com relação ao nível do chão.

avenida perimetral

cais do valongo

pretos novos

pedra do sal

morro da providência

rua direita

elevado 31 de março

candelária

presidente vargas

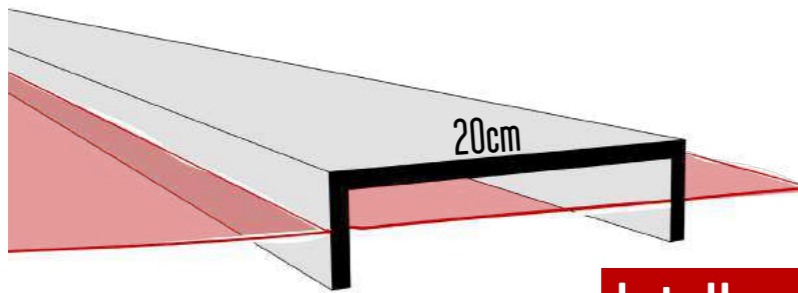
praça onze

canal do mangue

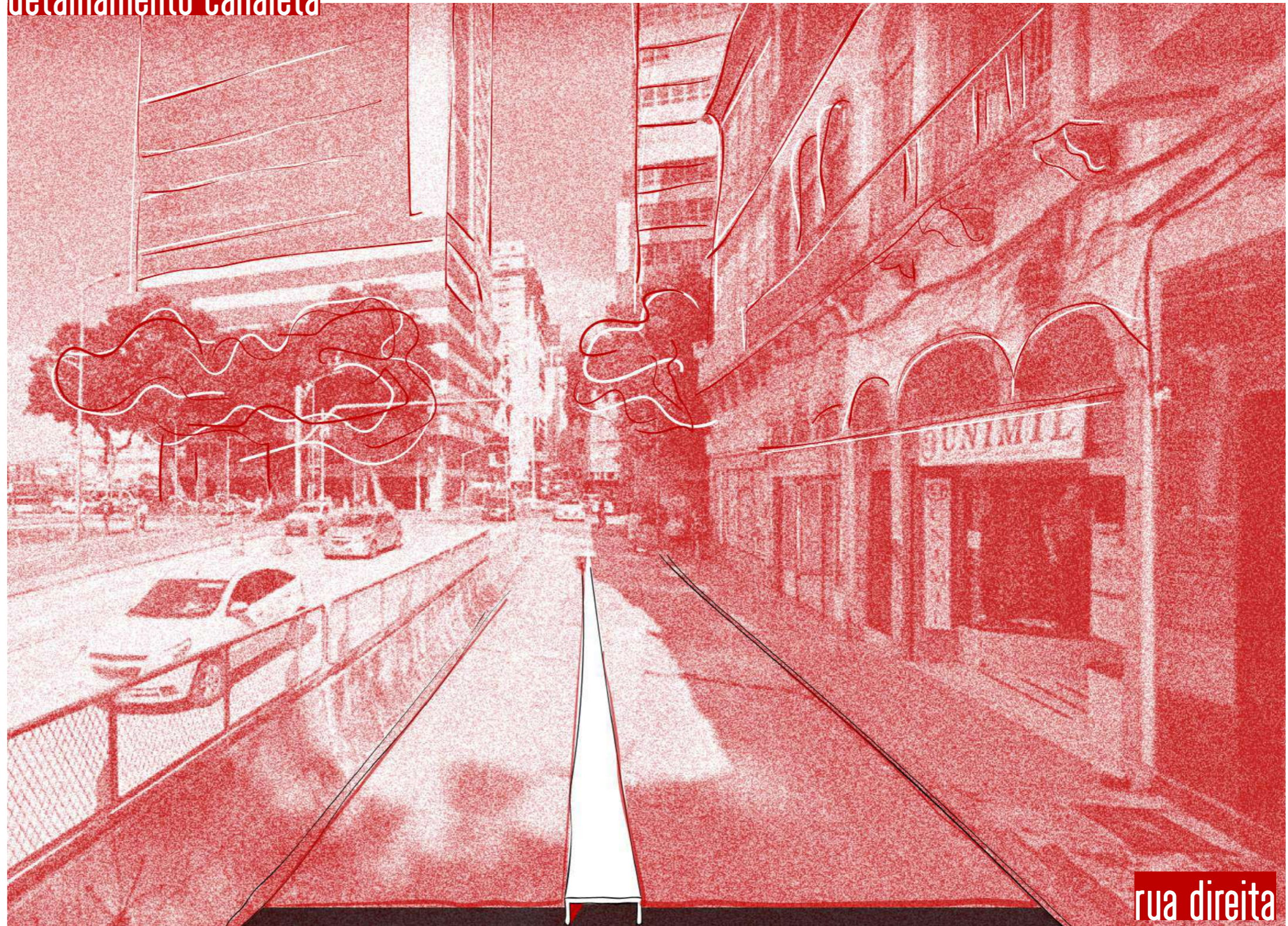
catumbi

morro do castelo >





detalhamento canaleta



rua direita

# o território

Enquanto Seu Lobo Não Vem  
Caetano Veloso, Gilberto Gil  
& Rita Lee | Tropicália

A partir do traçado do percurso, foi feita a escolha de três pontos focais, considerados elementos bastante importantes para o entendimento dos elementos de leitura propostos e de uma série de acontecimentos mais recentes da cidade do Rio de Janeiro, em especial da Zona Portuária.

O primeiro recorte é a região da Pedra do Sal. O quilombo urbano da Pedra do Sal, para além da - maravilhosa - roda de samba é um dos principais territórios de resistência da cultura e religiões afro-brasileiras no Rio de Janeiro. Recentemente a Pedra do Sal tem passado por um intenso processo de turistificação, que de maneira geral tem como consequência um embranquecimento da região e a redução do caráter de luta do território. Inserir a Pedra do Sal como recorte é uma tentativa de politização desse território, de retomada de figuras históricas como João da Baiana e da resistência contra as tentativas de sufocamento de práticas religiosas afro-brasileiras e expressões culturais como o samba e o funk.

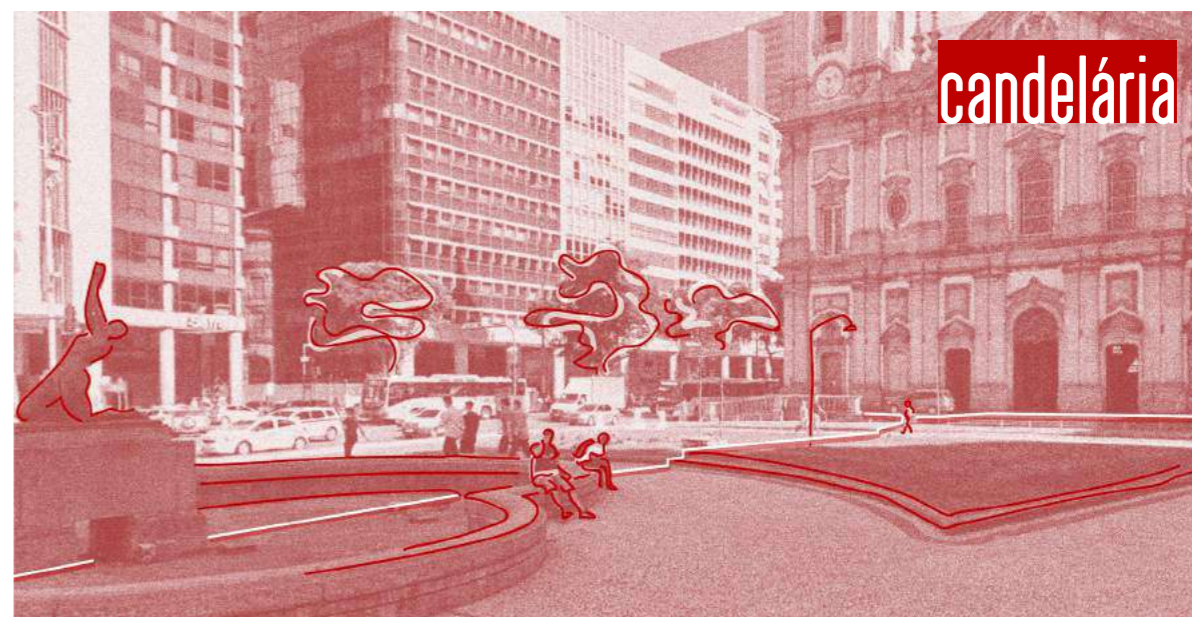
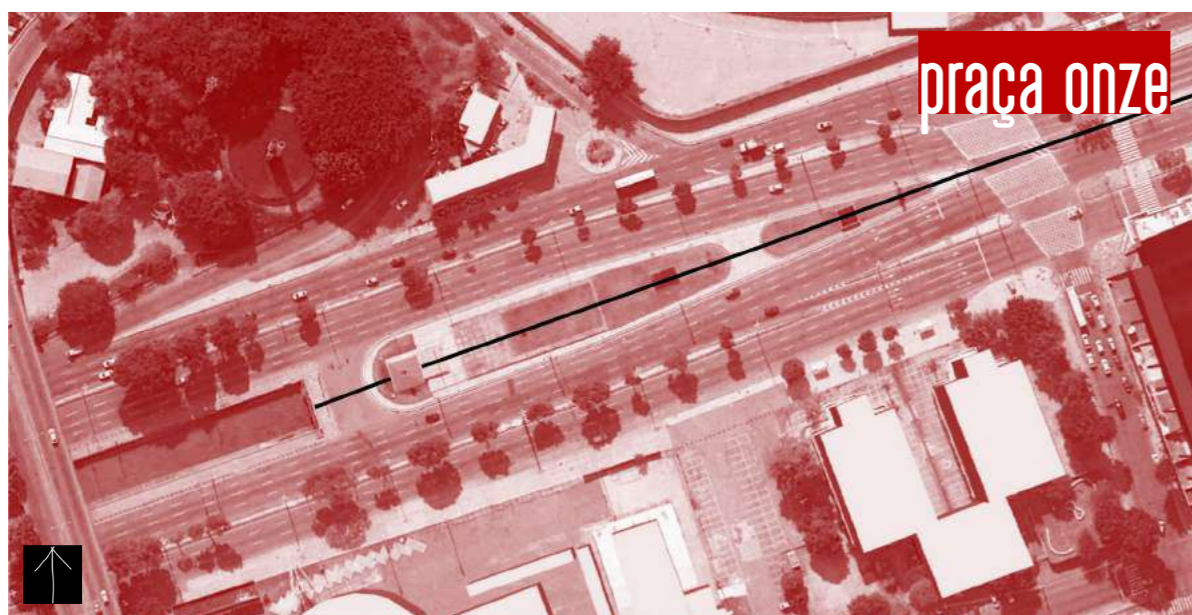
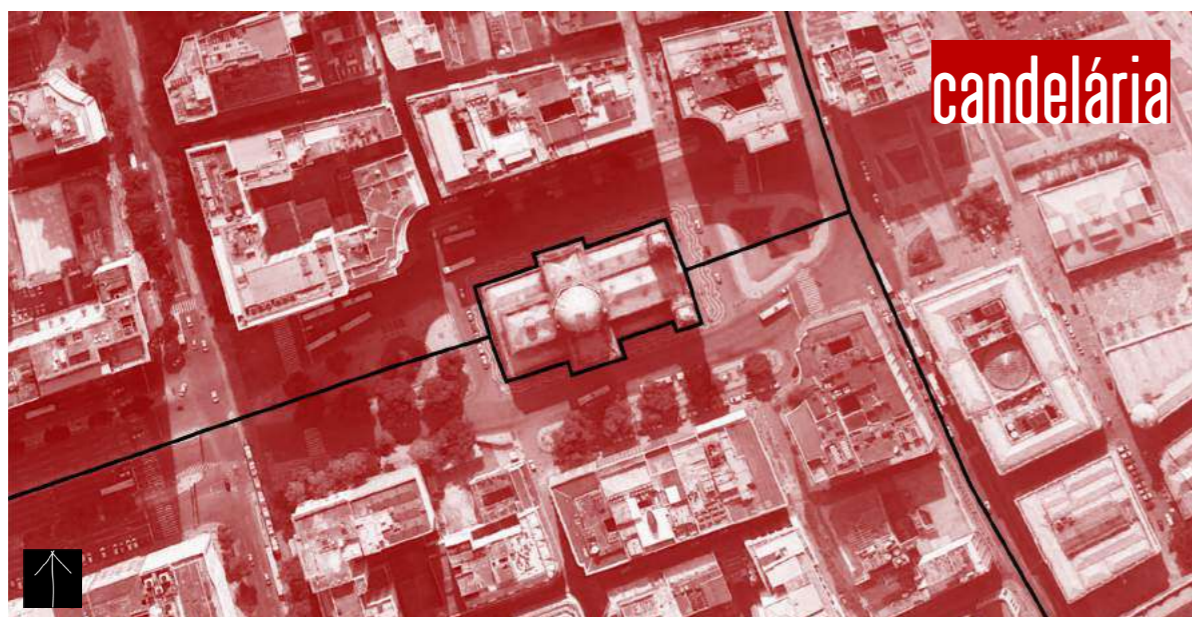
O segundo recorte, na Igreja da Candelária, é feito em memória dos oito jovens assassinados durante o que ficou conhecido como Chacina da Candelária, em 1993. Na chacina, foram mortos Paulo Roberto de Oliveira, de 11 anos, Anderson de Oliveira Pereira, de 13 anos, Marcelo Cândido de Jesus, de 14 anos, Valdevino Miguel de Almeida, de 14 anos, "Gambazinho", de 17 anos, Leandro Santos da Conceição, de 17 anos, Paulo José da Silva, 18 anos e Marcos Antônio Alves da Silva, 19 anos - todos eles pobres e negros. Os autores do crime foram identificados, indiciados e seguem em liberdade.

A história da Chacina da Candelária não é algo que esteja apagado. É uma memória presente no imaginário popular, um dos crimes mais chocantes da história recente do Brasil. Entretanto, acredito que seja importante demarcar esse crime no território, não apenas por sua crueldade mas pela frequência com a qual crimes de ódio são cometidos contra pessoas em situação de rua. Com os agravantes ter sido um crime cometido contra crianças e jovens entre 11 e 19 anos de idade e pela magnitude do crime, o tratamento dado a esses indivíduos não foi um caso

isolado na Chacina da Candelária. A Candelária é um caso bastante simbólico da forma como os mais marginalizados entre as populações marginalizadas são tratadas. É um exemplo extremo da necropolítica que impera e não pode ser esquecido.

O terceiro recorte escolhido é o mais próximo da área de projeto e o mais simbólico ponto de apagamento dentre os levantados. O que se chama hoje de Praça Onze nada mais é que um alargamento do canteiro central da Avenida Presidente Vargas. Originalmente praça 11 de junho - data da Batalha do Riachuelo - a Praça Onze foi um importante território do samba e da cultura carioca. Em 1944 é construída a Avenida Presidente Vargas, estrategicamente deslocada para passar por cima da Praça Onze, um importante reduto da cultura negra, de ciganos, judeus e comunistas e anarquistas imigrantes europeus. O único fragmento que restou da praça é hoje apenas um alargamento do canteiro central da Presidente Vargas, com um busto do Zumbi dos Palmares, sendo um dos poucos monumentos da cidade dedicado a símbolo de resistência contra a opressão. Nesse recorte, a intervenção é interrompida ao entrar em contato com o canal do Mangue, entendido como um elemento que já cumpre a função de delimitar um trajeto.





# a história

Reza Forte  
BaianaSystem feat. BNegão

As histórias do território que são trazidas aqui são uma versão simplificada da sucessão de eventos e camadas que esses espaços sobrepõem. Trazer a narrativa desses apagamentos através da forma escrita e pela minha voz não condiz com a proposta da intervenção. Na busca de uma valorização da oralidade e dos guardiões da palavra e buscando subverter os narradores da história, eu não acredito que esteja no meu papel como mulher branca, não moradora da região ou pessoa com vivência concreta do território contar essas histórias.

A partir dessas reflexões eu tomei duas decisões. A primeira foi fazer um apanhado superficial desses acontecimentos, apenas a título de registro, para delimitar com mais clareza os territórios levantados.

A segunda foi fazer um vídeo mostrando essas histórias e dando voz a esses narradores, a partir de um conjunto de entrevistas, documentários, vídeos e músicas que contam, pela voz dos guardiões, a história da zona portuária do Rio de Janeiro, não pela visão das estátuas, mas dos guerreiros.

Gostaria de destacar também que não houve uma metodologia de seleção desses eventos/territórios. A única decisão pragmática que foi tomada foi a de levantar espaços e não pessoas. Isso porque acredito que a cidade conte a história de luta de seus moradores e que, ao propor pindorama, o foco está na capacidade do coletivo em produzir mudanças no espaço e na sociedade e não na ação de liderança de indivíduos específicos, ainda que ela seja central. Essa decisão não busca de forma alguma reduzir a importância de figuras como Tia Ciata, Luiza Mahin, Dandara, Luiz Gama ou Zumbi. A tentativa é, ao contrário, ampliar o espectro da luta para além de indivíduos; entender a importância dessas pessoas como símbolos de movimentos, de revoltas, de quilombos; como símbolos de resistência de um povo que, ao contrário do que nos ensinam na história, não ficou em silêncio frente à exploração: não ficaram em silêncio os ocupantes da Praça Onze quando essa foi destruída pela Av. Presidente Vargas, ou os sambistas com a criação da lei da vadiagem, ou os estudantes perseguidos pela Ditadura Militar.

“Meus heróis não viraram estátuas, mas morreram lutando contra aqueles que viraram.”<sup>16</sup> A história que se busca narrar aqui é a da luta, a partir de seu palco; não a dos vencedores.

## praias da baía de guanabara

Com a expansão da zona portuária em decorrência do aumento da importância econômica e do crescimento da cidade do Rio de Janeiro ocorreu um processo de derrubada de morros e de aterramento de áreas para expandir a zona portuária. Com isso, uma série de praias que existiam na baía de Guanabara foram aterradas. É importante lembrar que, à época, não havia ainda a relação com as praias que existe hoje, sendo essas um espaço muito mais de contemplação do que de lazer ativo.

## o cais e a avenida perimetral

A região do cais passou por diferentes processos e transformações ao longo da urbanização do Rio. Destaco aqui a construção da Perimetral que isolou a região portuária da baía de Guanabara, contribuindo também com o processo de desvalorização da região e se destacando com importante obra de garantia da soberania no rodoviarismo. A demolição da perimetral se insere no projeto do Porto Maravilha evidenciando a necessidade de valorização da área para atrair investimentos privados, através dos instrumentos das CEPACs.

## morro da providência

Um dos primeiros morros da cidade a ser ocupado por assentamentos irregulares, ainda no século XIX. Na época da ocupação, era chamado de Morro da Favella, termo que, com o tempo, passou a designar todos os assentamentos desse tipo. O morro da providência sofreu com diversas remoções e ameaças durante as obras do Porto Maravilha, vinculadas à narrativa de valorização da zona portuária.

## cais do valongo e da imperatriz

O Cais do Valongo é um antigo cais do Rio de Janeiro, que recebeu o título de Patrimônio Histórico da Humanidade pela UNESCO em 2017, por ser o único vestígio material da chegada dos africanos escravizados nas Américas. O cais ficou ativo entre 1811 e 1831, durante os quais entre 500 mil e um milhão de escravizados desembarcaram. Entre 1850 e 1920, a área em torno do antigo cais tornou-se um espaço ocupado por negros escravizados ou libertos de diversas nações - área que Heitor dos Prazeres chamou de Pequena África.

<sup>16</sup> Uma história de amor e fúria. Direção de Luciano Bolognesi. Brasil; Buriti Filmes; Gullane Cinemation Studios; Lightstar Studios, 2013 (74 min)

## cemitério dos pretos novos

O Instituto dos Pretos Novos é um importante marco do processo de apagamento dos negros e negras escravizados que perderam a vida após a chegada ao porto do Valongo. Estima-se que mais 20 mil corpos se encontrem no cemitério. Preto novo era a denominação dada aos africanos trazidos prisioneiros antes de serem vendidos como escravos no Brasil. O cemitério dos pretos novos funcionou entre 1772 e 1830, se consolidou como vala comum de negros e negras que morriam seja no trajeto em condições insalubres até o Rio de Janeiro ou contraindo doenças do novo continente, visto suas condições de saúde já muito fragilizadas. Durante alguns períodos do tráfico de escravos, estima-se que metade das pessoas trazidas para serem vendidas como escravos não chegava com vida ao mercado de escravos. Os corpos que não eram atirados ao mar eram enterrados em covas superficiais no cemitério dos pretos novos.

## quilombo urbano da pedra do sal

Destaco aqui o quilombo urbano da pedra do sal, localizado no espaço conhecido como pequena África. A luta do quilombo por reconhecimento começou em 2004, quando a Igreja Católica aumentou os aluguéis na área, despejando muitos dos ocupantes pobres. Os moradores defendem a presença de um quilombo por direito para as tradições afro-brasileiras na região, como o Candomblé e o samba.

## morro do castelo

O desmonte do morro do Castelo teve início em 1920 para a construção de diversos edifícios institucionais e a abertura de avenidas. O morro era parte constituinte da urbanização do rio, em especial pela visão da baía de Guanabara, que facilitava a defesa, e o entorno pantanoso. O desmonte do morro é trazido para ilustrar os muitos desmontes de morros que marcam a história do Rio de Janeiro e das expulsões que são decorrentes delas.

## rua direita | 1º de março

A antiga Rua Direita foi a rua mais antiga do Rio de Janeiro e era a mais importante da cidade no século XIX. Originariamente, ligava o Largo da Misericórdia ao Morro de São Bento. Em 1875, passou a se chamar 1º de Março em homenagem à vitória aliada na Batalha de Aquidabã, que pôs fim à Guerra do Paraguai. Atualmente liga a Avenida Antônio Carlos à ladeira São Bento.

## chacina da candelária

A chacina da candelária foi um crime cometido em 1993, que vitimou 11 crianças e jovens, entre 11 e 19 anos de idade, que dormiam nas ruas em frente à Igreja da Candelária em 23 de julho de 93. A chacina teve repercussão e impacto nacional, tendo influenciado artistas como os Racionais MC 's.

## avenida presidente vargas

A avenida Presidente Vargas, foco central da intervenção, acumula diversas camadas de apagamentos. desde a destruição da praça Onze, berço do samba e da cultura popular carioca; o estímulo ao processo de fragmentação da cidade, pela soberania do rodoviarismo; o autoritarismo da ditadura vargas e do exército brasileiro. Além de todas as camadas, a avenida se constitui quase que como um cordão de isolamento da população que habita a zona portuária com relação ao resto da cidade.

## praça onze

A praça Onze era um dos principais espaços de sociabilização do bairro da Cidade Nova antes da construção da avenida Presidente Vargas. a praça representa um importante marco da cultura popular carioca, em especial no que diz respeito ao samba. Não é à toa que a cidade do samba, palco institucional do carnaval carioca, se localiza logo ao lado de seu sítio "original".

## bairro do catumbi

O Catumbi é um bairro da região Central do Rio de Janeiro, conhecido por ser a sede da primeira fábrica da Cervejaria Brahma. O Catumbi foi parcialmente destruído para a construção do Sambódromo da Marquês de Sapucaí, que leva o nome de uma das principais ruas que foram destruídas.

Leia o QR code ao lado para acessar o vídeo produzido no âmbito deste trabalho sobre os processos de apagamento nas zonas central e portuária do Rio de Janeiro





# a encruzilhada

o espaço incriado

122

revolução e emancipação

123

agradecimentos

124

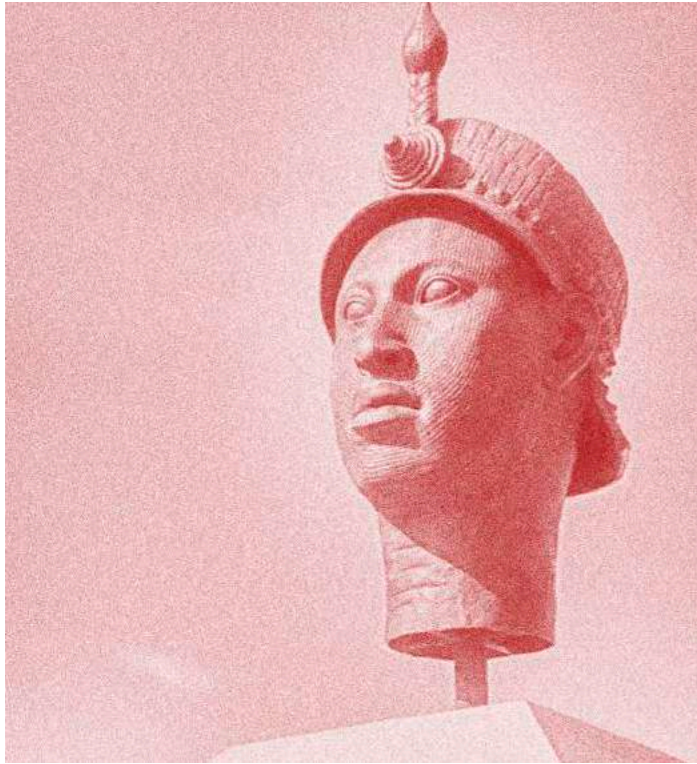
*As ruas são de Exu, o morador das encruzilhadas, lugar em que não há fixidez. Mas Exu não mora só na encruza: ele tem a artimanha também de morar ao som de um assovio ou nos desenhos de um surdo de terceira no meio da bateria de uma escola de samba*

Luiz Antonio Simas

Edição sobre a obra de Wallace Pato

# o espaço incriado

Quando a gira girou  
Zeca Pagodinho



O ensaio projetual aqui apresentado não se entende como uma leitura ou um projeto fim, mas como um elemento no caminho de uma trajetória maior. Retomando a imagem do tridente de Exu, entende-se o presente ensaio projetual com um caminho único inicial que bifurca, podendo se desdobrar em outros elementos.

O desafio que se apresenta não cabe em um projeto de arquitetura e urbanismo, elaborado por uma pessoa em um período de tempo de pouco mais de um ano. As questões aqui trazidas são apenas esboçadas em projeto, por isso a escolha em chamá-lo de ensaio projetual. Mas o objetivo central é exatamente o de explorar possibilidades de projeto que vão além de demandar imediatas para um determinado espaço, pensando a arquitetura não apenas como uma forma de responder a questões - falta de escolas, de moradia, de hospitais, de parques ou praças - mas de proposição de outras formas de ler a cidade e de pensar a sociedade a partir dela.

Pindorama não é uma tentativa - por si só - de construir uma utopia de emancipação social, mas de criação das condições materiais para que essa utopia possa ser pensada, proposta e construída.

# agradecimentos

Quem tem um amigo (tem tudo)  
Emicida part. Zeca Pagodinho,  
Tokyo Ska Paradise Orchestra e Prettos

Vou começar agradecendo acima de tudo aos meus amigos. Ao Halfen pelas revisões, atendimentos e dicas; à May por ter sido minha parceira ao longo de todo esse processo, me dando dicas, conselhos e me ajudando diretamente de tantas maneiras - não teria conseguido sem você amiga -; a Ju, não só por esses últimos dias de trabalho, mas pelos últimos anos sendo a amiga com que eu sei que eu posso contar; a Giu pela ajuda, por comprar minhas brisas e por sempre se esforçar para que eu me sinta parte; ao Cri por sempre ter o dom de saber do que eu estou precisando; ao Vivaldi por ser minha amizade constante mais inconstante; ao Tutu pelos espaçados e produtivos carinhos e por todas as cervejas de terça feira; a Cami por sempre me ajudar tanto a tomar decisões; a Marcela por conseguir me ajudar mesmo estando na Itália, ao Colina e Jorge por todos os memes, indicações de vídeos, músicas e filmes e por não desistirem de mim mesmo quando eu sou uma péssima amiga; a Bo por todas as trocas e confidências e por todos os milhões de áudios que trocamos nesse tempo longe uma da outra; a Pipinha, pela confiança e cumplicidade; ao Pixar por me lembrar da minha capacidade e me estimular a ser uma pessoa melhor; a Inês, por topa essa loucura e por mais de 10 anos de amizade; ao Marquinhos por me deixar contagiar pelo seu brilho.

Se quem tem um amigo tem tudo, não consigo nem expressar minha riqueza em ter tantos. Amo cada um de vocês e tantos outros que eu não consigo listar.

Queria agradecer muito a minha parceira nesse processo todo, Marcela, por todos os momentos de troca, de desabafo e por termos passado por isso juntas. Também ao Tomás e David pelo acompanhamento, puxões de orelha e empurrões.

Agradeço imensamente à Cibele por, ao longo de todos esses anos, ter visto um potencial em mim que me fez querer ser alguém de quem ela se orgulhasse.

Por fim, um agradecimento especial aos meus pais e ao meu irmão, por aguentarem todos os meus muitos surtos ao longo do último ano - mas não só - e por terem feito de mim quem eu sou. Amo vocês.



# referências

Edição sobre a obra de Wallace Pato

referências bibliográficas

00

vídeos e podcast

00

filmes e músicas

00

*As ruas pensam, têm ideias, filosofia e religião. Como tal, nascem, crescem, mudam de caráter. E, eventualmente, morrem.*

João do Rio

# referências bibliográficas

ABREU, Maurício de A. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, 2006.

ANDRADE, Carlos R. Monteiro de; BONDUKI, Nabil; ROSSETTO, Ros-sella (org.). **Arquitetura & Habitação Social em São Paulo: 1989 - 1992**. II Bienal internacional de Arquitetura de São Paulo, 1993.

AQUINO, Eduardo Silvério. **PRAIAPAISAGEM: a redescoberta do espaço público na praia**. Tese de doutorado apresentada ao programa de pós graduação da FAUUSP, sob orientação de Agnaldo Aricê Caldas Farias. São Paulo, 2014.

BARAVELLI, José Eduardo. **O COOPERATIVISMO URUGUAIO NA HABITAÇÃO SOCIAL DE SÃO PAULO: Das cooperativas FUCVAM à Associação de Moradia Unidos de Vila Nova Cachoeirinha**. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação da FAU/USP como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre. São Paulo, 2006.

BUZZAR, Miguel Antonio. **Rodrigo Brotero Lefèvre e a vanguarda da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2019.

CAMARGO, Camila Moreno de. **Habitação Coletiva Popular na Área Central de Campinas: tendências e caracterização**. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós Graduação da Escola de Engenharia de São Carlos, sob orientação de Telma de Barros Correia. São Carlos, 2010.

CARVALHO, Bruno. **Cidade porosa: dois séculos de história cultural do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

CONSTANT. **La Nueva Babilonia**. Barcelona: Editora GG, 2009.

COSTA, Lúcio. **O urbanista defende sua cidade**. In: COSTA, Lucio. Registro de uma vivência (op. cit.), p. 301.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FERRO, Sérgio. **O canteiro e o desenho. Projeto Editores Associados**. São Paulo, 1982.

**Nota sobre a Usina**. In: Usina: entre o projeto e o canteiro. São Paulo: Edições Aurora, 2015.

FREIRE, Paulo. **Psicologia do Oprimido**. Editora Paz e Terra. São Paulo, 2002.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GONÇALVES, Guilherme Leite; COSTA, Sérgio. **Um porto no capitalismo global: desvendando a acumulação entrelaçada no Rio de Janeiro**. São Paulo: boitempo, 2020.

HARVEY, David. **O direito à cidade**. Revista Piauí, edição 82. São Paulo, julho de 2013.

**From managerialism to entrepreneurialism: the transformation in urban governance in late capitalism**. Geografiska Annaler. Series B, Human Geography, Vol. 71, No. 1, The Roots of Geographical Change: 1973 to the Present. (1989), pp. 3-17.

LEFÈVRE, Rodrigo Brotero. **Projeto de um acampamento de obra: uma utopia**. Dissertação de mestrado apresentada no curso de pós graduação da FAUUSP, sob orientação do professor Nestor Goulart Reis Filho. São Paulo: 1981.

LOPES, João Marcos de Almeida. **O anão caolho**. Novos estudos 76. São Paulo, 2006.

MELO, Rúrion. **Teoria crítica e os sentidos da emancipação**. Caderno CRH, Salvador, v. 24, n. 62, p. 249-262, Maio/Ago. 2011.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

OLIVEIRA, Francisco. **O vício da virtude: autoconstrução e acumulação capitalista no Brasil**. Novos estudos 74. São Paulo, 2006.

RIBEIRO, Renato Ferreira. **A reinvenção da emancipação social e a experiência da Venezuela**. Revista Sem Aspas. Araraquara, 2012.

**Rio on watch | relatos das favelas cariocas**. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br>

SIMAS, Luiz Antônio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

Usina ctah. **Usina: entre o projeto e o canteiro**. / organização Ícaro Vilaça e Paula Constante; prefácio Sérgio Ferro. São Paulo: edições Aurora, 2015.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Editora Ubu, 2020.

# vídeos, filmes e podcasts

Podcast Lado B do Rio, Central3 podcasts | Disponível em: [https://open.spotify.com/show/6JUiLP2hZ0hcQOocZ6NT0b?si=wazV-BiV2QS2XduhLsGy\\_ow](https://open.spotify.com/show/6JUiLP2hZ0hcQOocZ6NT0b?si=wazV-BiV2QS2XduhLsGy_ow)

Podcast Águas de Kalunga, Museu de Arte do Rio | Disponível em: <https://open.spotify.com/show/1rjGhvJCzki5U1L9pXbPn?si=-FjCazOmdS9-nVslhsreS0w>

Podcast AmarElo Prisma, por Emicida | Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0xfztI0qN9g4CuTpgcq5WS?si=qycVPPUXSSup-du30wcL-Bg>

Podcast Encruzilhadas, Central3 podcasts | Disponível em: [https://open.spotify.com/show/6mj9Clq2kK3rbnIgaXkssp?si=dzZ1pY\\_WSqmTAVZhWbBQoA&utm\\_source=whatsapp](https://open.spotify.com/show/6mj9Clq2kK3rbnIgaXkssp?si=dzZ1pY_WSqmTAVZhWbBQoA&utm_source=whatsapp)

Podcast Benzina, por Orlando Calheiros e Stefane Borges | Disponível em: [https://open.spotify.com/show/0eYpoEXySk4pSUv-GLinjn?si=mc8hDVYqQSu9xLmbbJv-wA&utm\\_source=whatsapp](https://open.spotify.com/show/0eYpoEXySk4pSUv-GLinjn?si=mc8hDVYqQSu9xLmbbJv-wA&utm_source=whatsapp)

Podcast Guilhotina, Le Monde Diplomatique Brasil | Disponível em: [https://open.spotify.com/show/6dvrYjHmxjz9pqBzCk4Y81?si=-cv9dix9ETo-5x4xVa3W\\_ZQ&utm\\_source=whatsapp](https://open.spotify.com/show/6dvrYjHmxjz9pqBzCk4Y81?si=-cv9dix9ETo-5x4xVa3W_ZQ&utm_source=whatsapp)

Tese Onze, por Sabrina Fernandes | Disponível em: <https://www.youtube.com/c/TeseOnze>

O funk consciente e as políticas econômicas brasileiras - Chavoso da USP, por Thiago Torres | Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y8vs5FrpMww>

Entrelinhas, por Silvio Almeida | Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCW3nde-8K-5BaHAMQLZ7ycg>

O corpo encantado das ruas, com Luiz Antonio Simas, por Guilherme Wisnik - Escola da Cidade | Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=7-YaLUd0vrQ&ab\\_channel=EscoladaCidade](https://www.youtube.com/watch?v=7-YaLUd0vrQ&ab_channel=EscoladaCidade)

Virgínia Fontes - O que é acumulação primitiva. TV Boitempo | Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=odEH0AEFMvc>

Emicida. **AmarElo - É tudo pra ontem** (2020)

BOLOGNESI, Luiz. **Uma história de amor e fúria** (2013)



iau.usp \_ 2021  
tgi ii | analu gonçalves

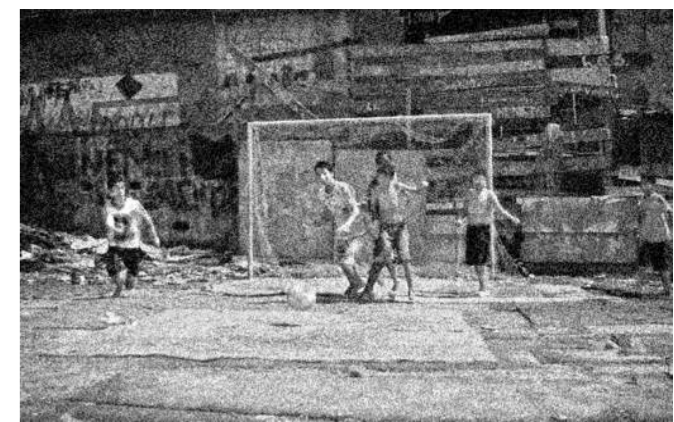
elaborado durante a pandemia de covid 19

# leituras do território

As reflexões e questionamentos que motivaram o presente trabalho partem de uma questão central: a emancipação social a partir do morar. Ao longo da trajetória de trabalho, essa questão passa a se ancorar progressivamente no território da zona portuária do Rio de Janeiro, agregando aspectos culturais, sociais, históricos, físicos e de sociabilidade local à uma proposta de habitação que busca construir um espaço onde é possível pensar outras formas de morar.

Esse trabalho pode e deve ser entendido mais como um ensaio projetual do que como uma proposta de intervenção. A escolha do espaço para o desenvolvimento dele parte da análise do Rio de Janeiro como espelho, como território síntese do Brasil. Parece lógico localizar uma proposição utópica que busca consolidar nossos paradigmas de sociabilidade no âmbito doméstico - mudanças nas relações familiares, priorização dos espaços coletivos em detrimento dos individuais, incorporação de práticas populares de sociabilidade, coletivização das atividades de reprodução social etc. - e, talvez mais importante, uma nova relação com o passado, uma redescoberta do passado e da história do Brasil em seu espaço síntese. Se, nas palavras de Carlos Lessa, "o Rio é o Brasil, e o futuro do Brasil está comprometido!", talvez seja o momento de recontar a história do Rio, de redescobrir seu passado para pensar em outros futuros possíveis.

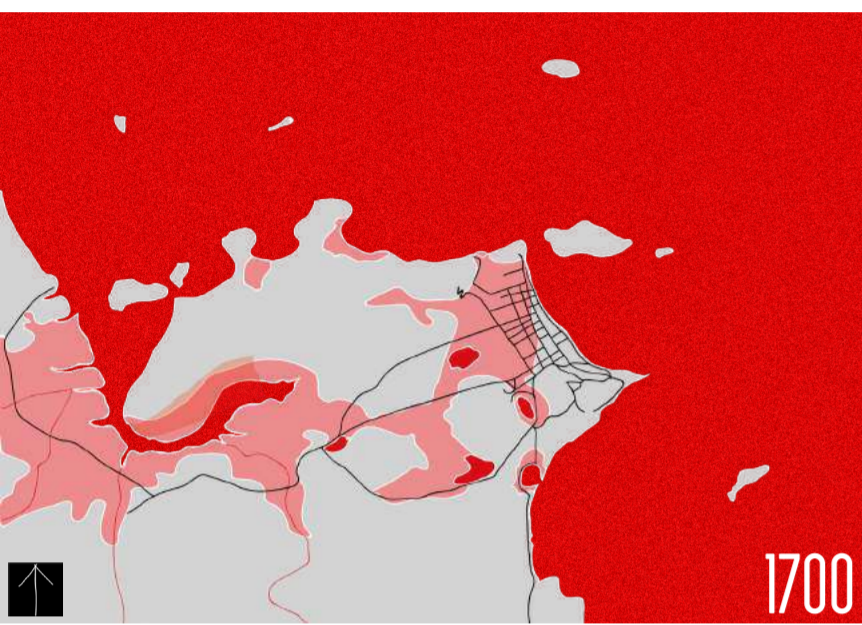
A partir dessas chaves de leitura, o presente trabalho lê a emancipação como prática coletiva e universal de libertação humana, considerando que não existe liberdade parcial. Pensando a emancipação a partir do ambiente doméstico, as questões de raça, classe e gênero são colocadas em foco, com uma proposta emancipatória que parte não apenas da questão do trabalho, mas considerando também dinâmicas e práticas de sociabilidade cotidianas.



1502



1860



1700



1900



1800



1940



1843



1980



## pindorama carioca

utopia e emancipação social na zona portuária do Rio de Janeiro

ana luiza gonzalves | tgi.ii \_ iau.usp

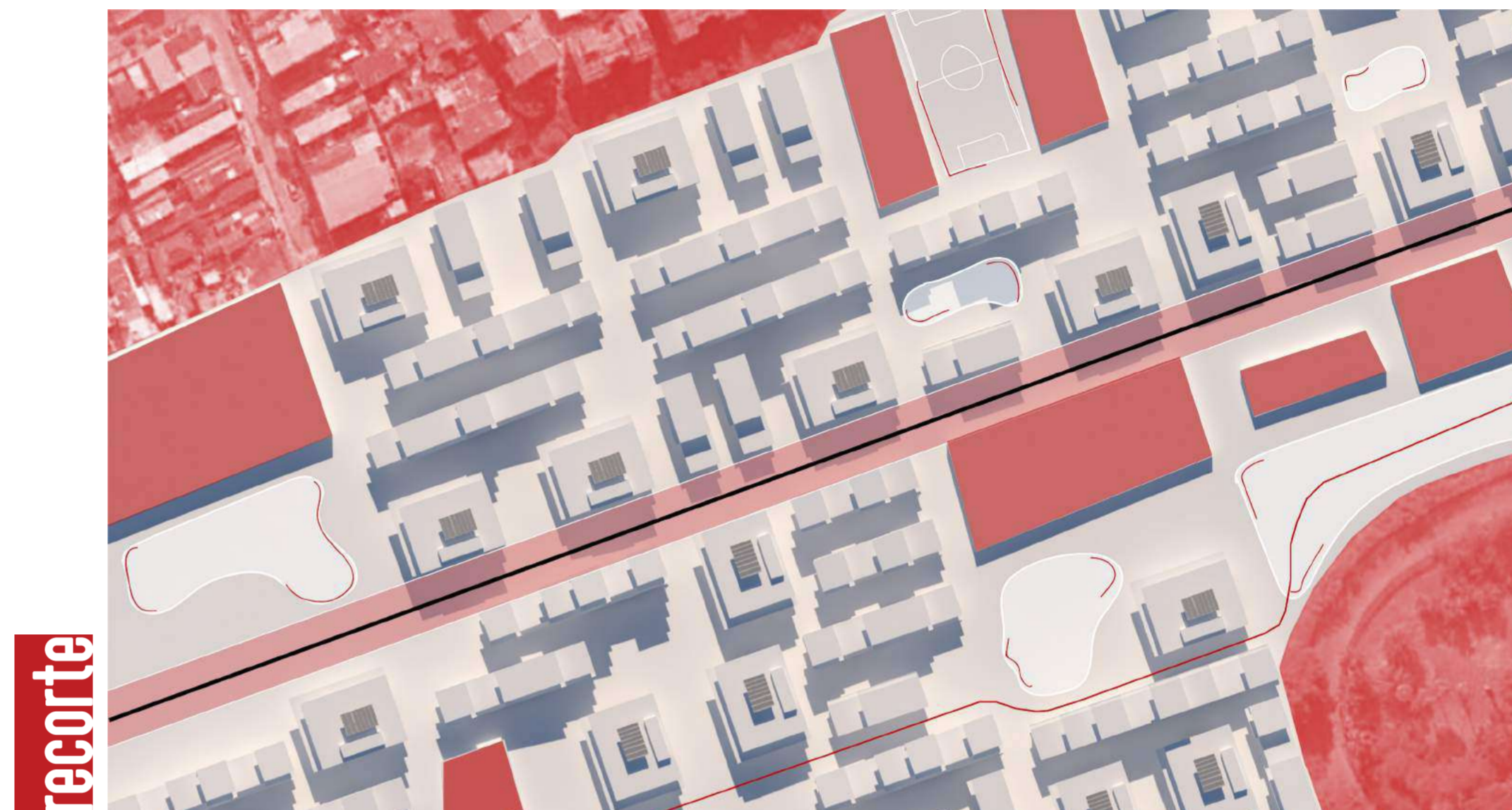
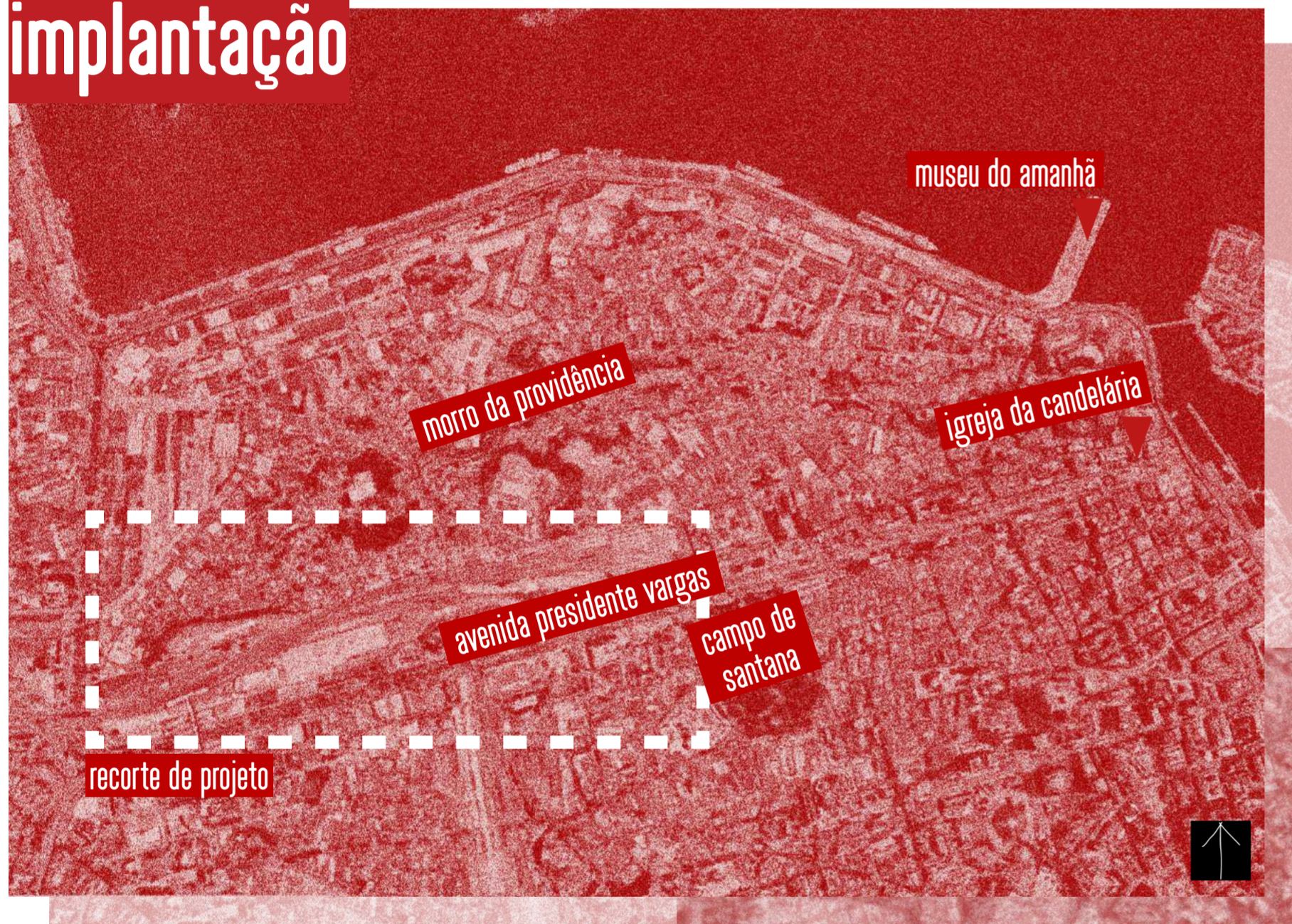
A implantação de Pindorama foi pensada a partir da perspectiva de retomada da rua pelos corpos. A primeira ação foi o enterramento dos trilhos do trem, liberando o nível da rua para a ocupação. Partindo de elementos dados do viário do entorno, foi feito um traçado base a partir do qual foi feita a alocação dos edifícios, sem que fosse feito um desenho de viário para o bairro. A partir dos mapas de leitura, definiu-se os equipamentos a serem inseridos, bem como as áreas livres.

Ainda que o espaço entre os edifícios seja o bastante para permitir a passagem de automóveis, Pindorama é pensado de forma independente do carro, possuindo apenas uma via central, na qual se localiza uma linha de VLT. Por se tratar de uma área muito extensa, fez-se a opção de detalhamento das áreas livres e verdes, bem como das dinâmicas de conexão entre os edifícios apenas nos recortes, de forma a facilitar a leitura do projeto e possibilitar maior cuidado no desenho.

O percurso de afloramentos do passado - que será melhor descrito adiante também passa pela intervenção. É importante ressaltar a relação de conexão que o desenho do bairro busca estabelecer entre a Avenida Presidente Vargas e a Zona Portuária. Reforço que, em uma proposição como Pindorama, não faz sentido discussões sobre quais os espaços públicos e privados Propenho, portanto, a distinção entre espaços coletivos - a casa, composta na conjugação entre os edifícios coletivos e dormitório, que será melhor analisado a seguir - e institucionais.



## implantação

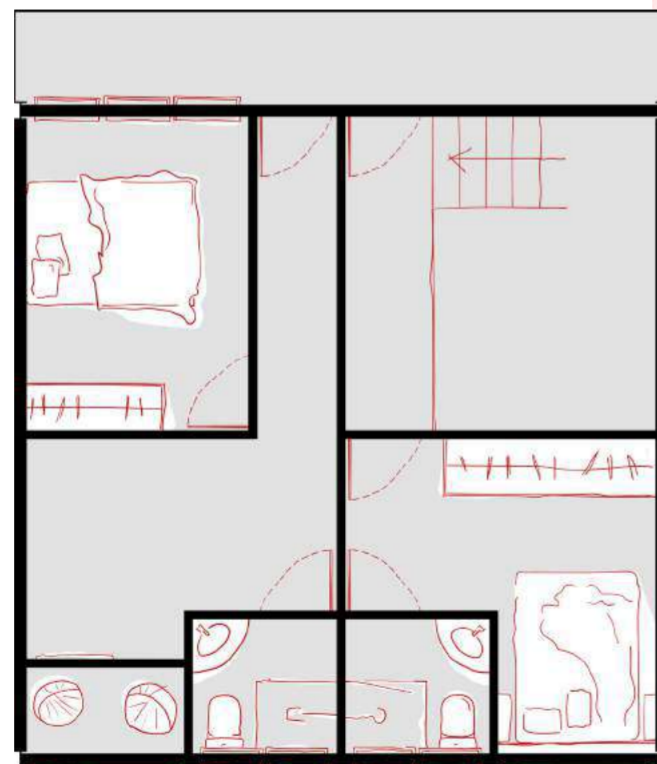
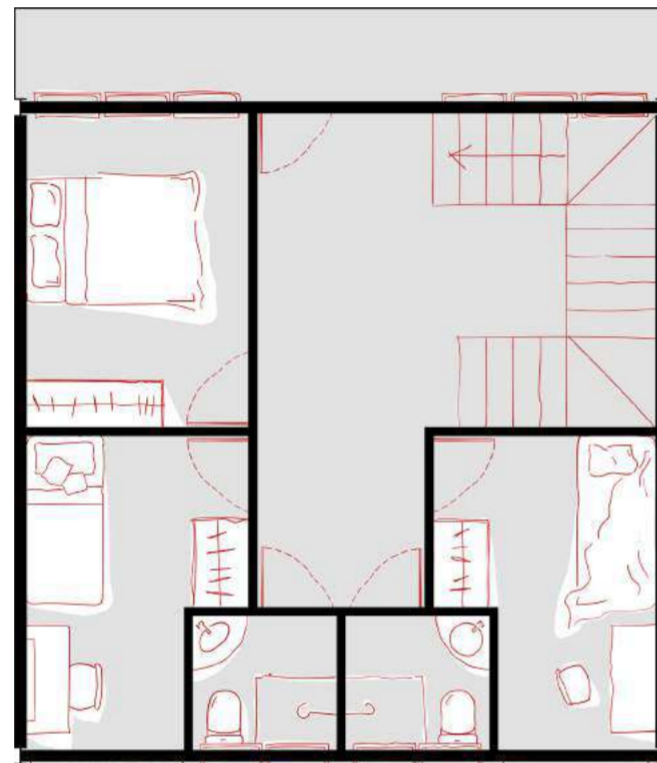
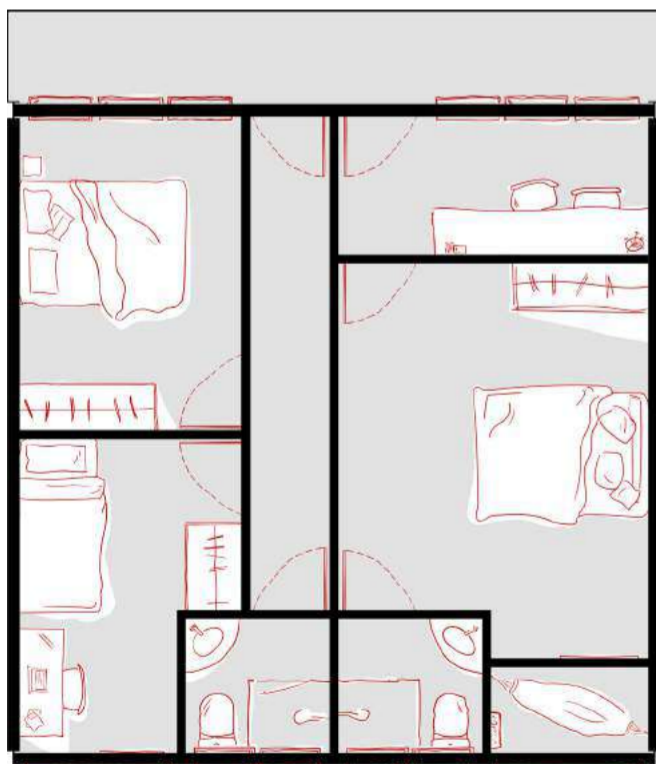
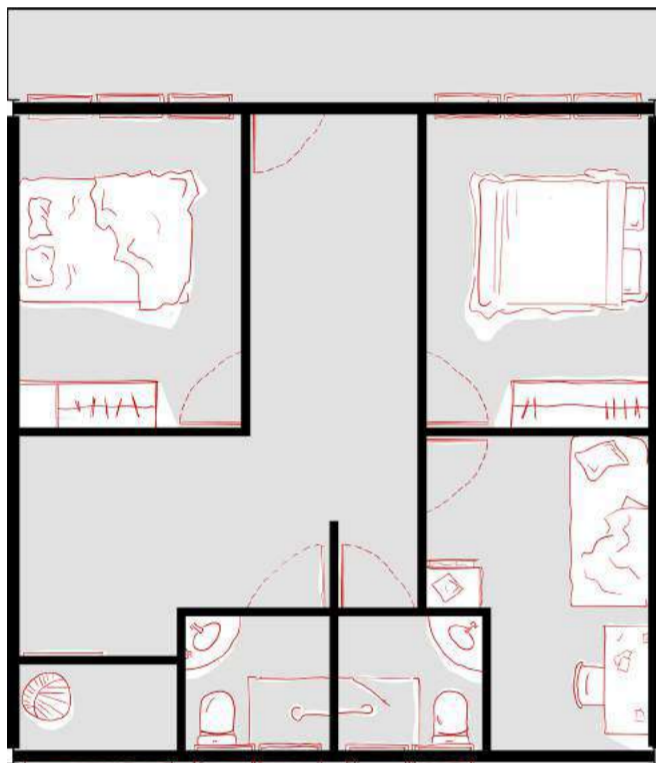
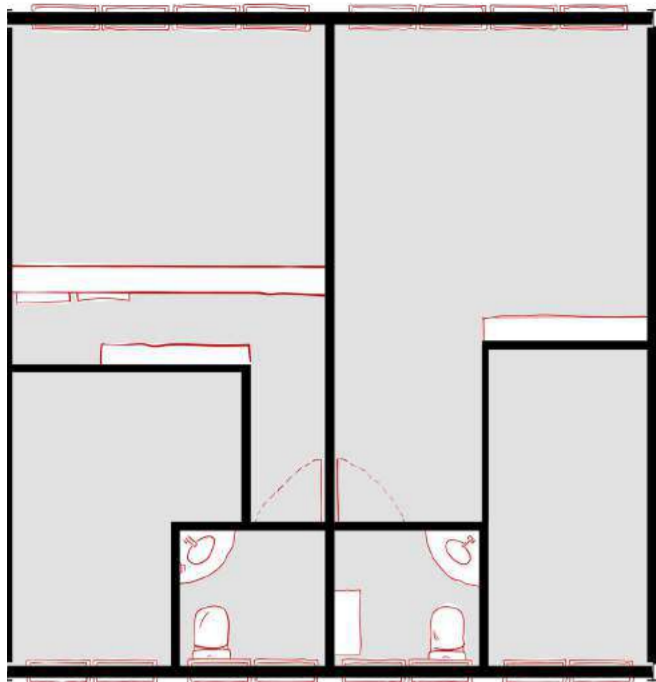


## pindorama carioca

utopia e emancipação social na zona portuária do Rio de Janeiro

ana luiza gongalves | tgi.ii \_ iau.usp





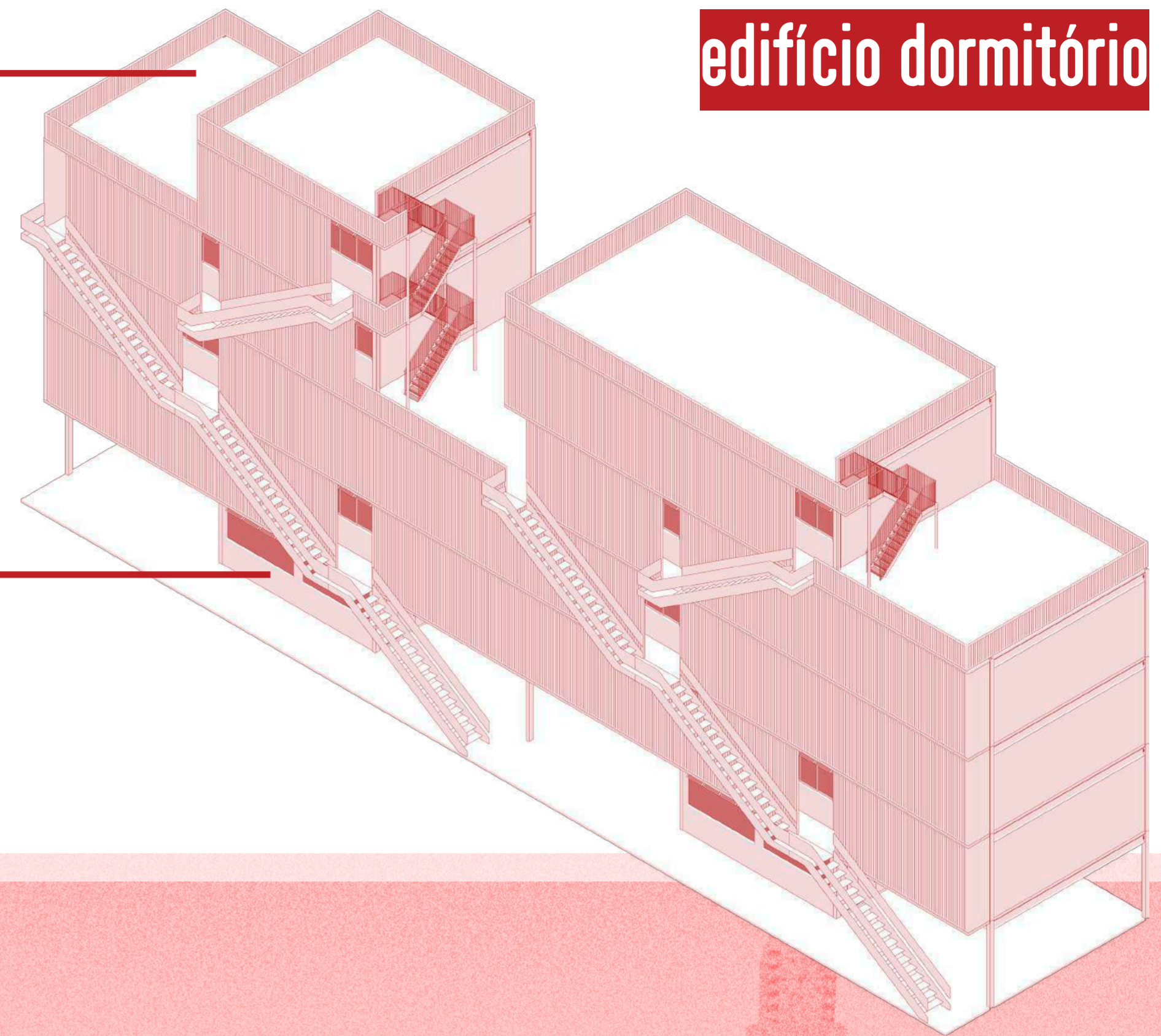
## apropriação das lajes

As lajes são um elemento bastante frequente nas comunidades e favelas do Rio de Janeiro, se configurando como um importante espaço de sociabilidade. Esse foi um elemento que foi apropriado nos edifícios dormitórios, propondo diferentes proporções, alturas e dinâmicas de apropriação para os moradores.

## unidades comerciais

Os pequenos comércios do Rio de Janeiro são um elemento bastante importante de apropriação e ativação das ruas da cidade. Além da elevação do térreo dos dormitórios, no sentido de proporcionar mais privacidade aos moradores, a presença desses comércios cria a possibilidade de estabelecimento de vínculos com o espaço, não apenas com os moradores de Pindorama, mas também dos demais moradores do entorno.

# edifício dormitório



## pindorama carioca

utopia e emancipação social na zona portuária do Rio de Janeiro

ana luiza gonzalves | tgi.ii \_ iau.usp

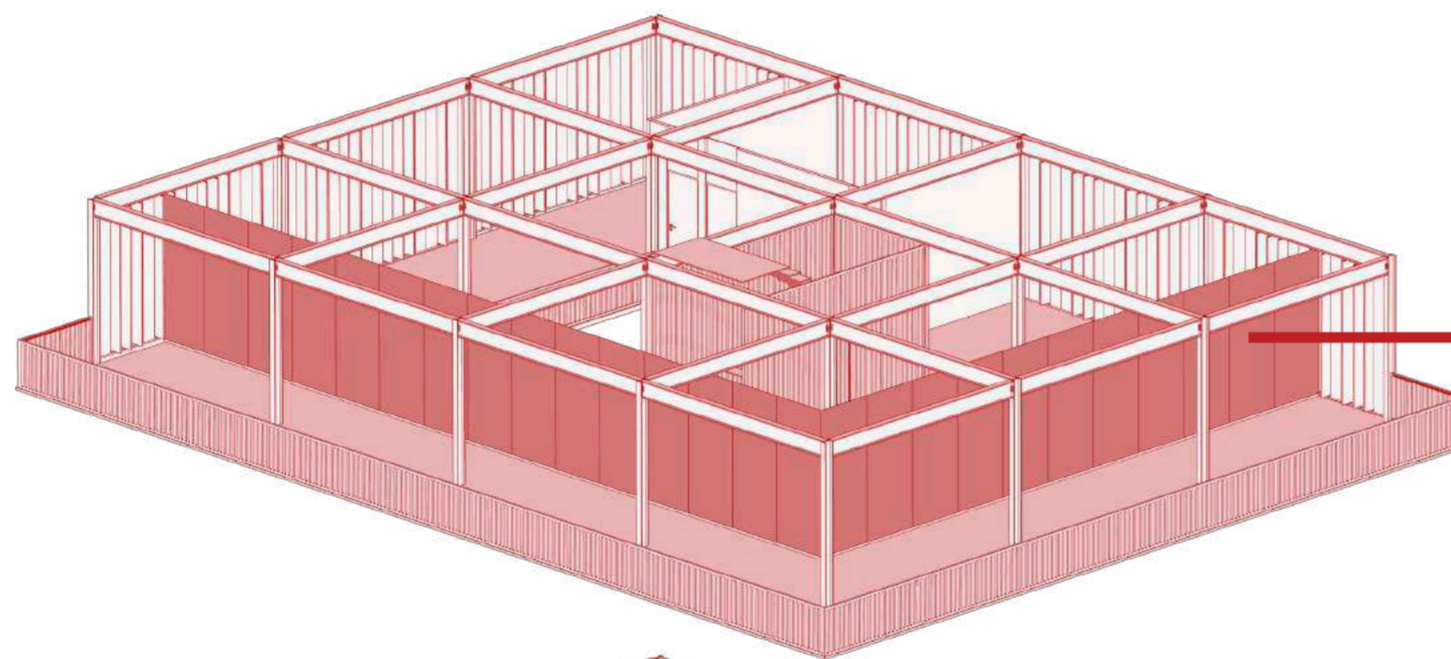
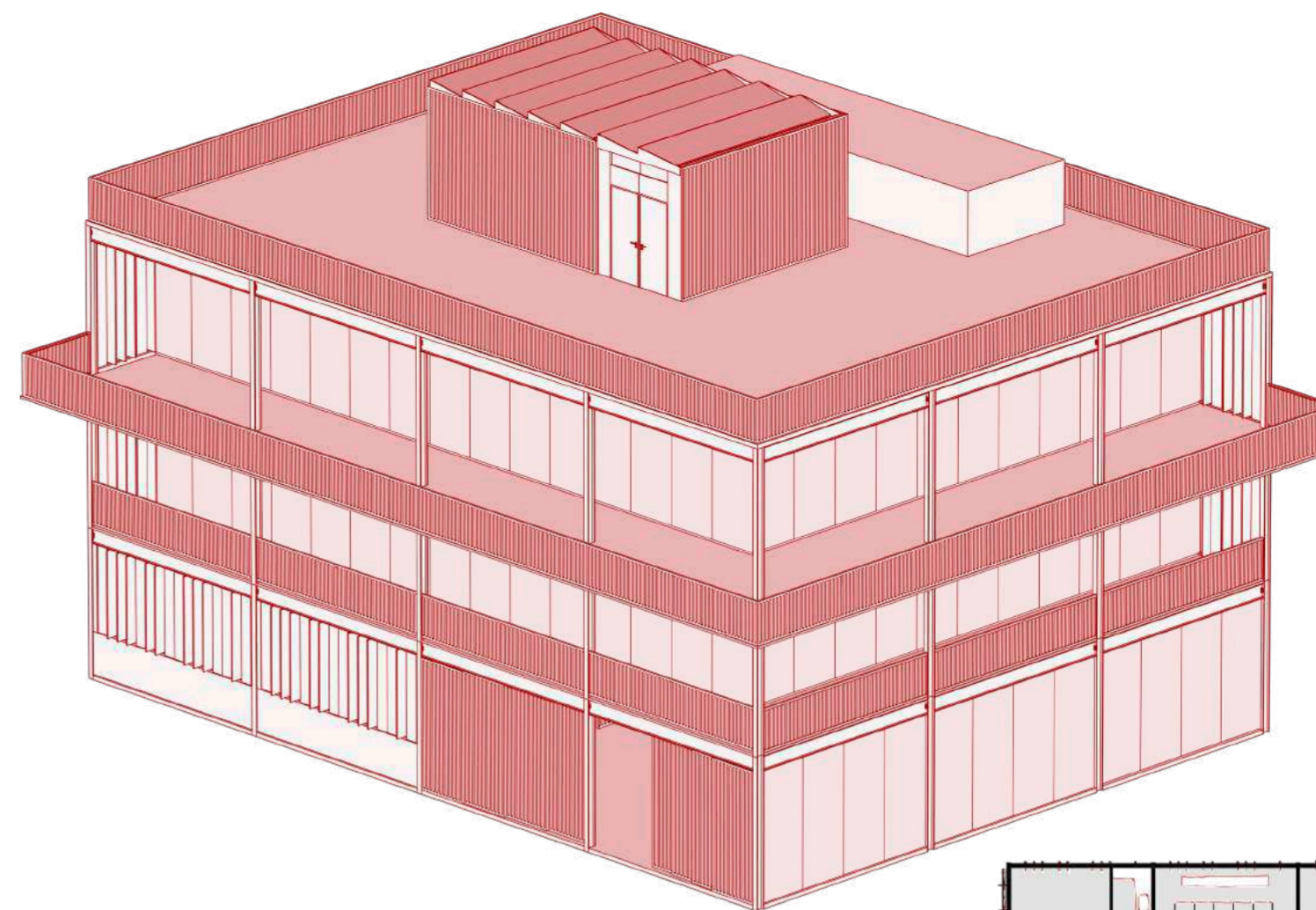
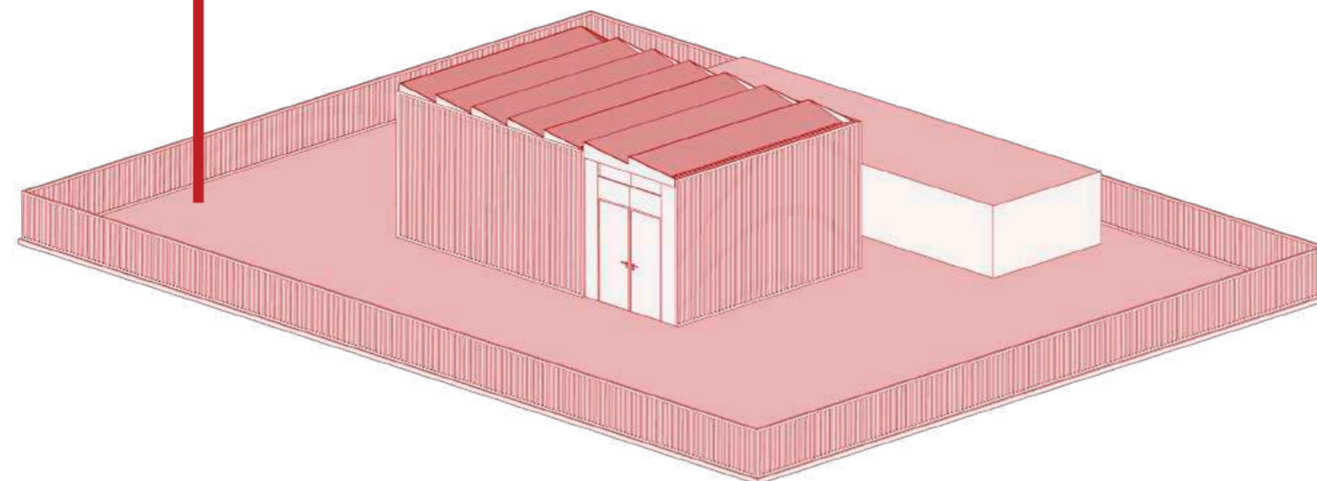
# edifício coletivo

O projeto do edifício coletivo é composto por 3 pavimentos, além da laje, que pode ser utilizada pelos moradores. Ainda que tenha como função central as funções de reprodução social e de estar dos moradores de pindorama, ele foi pensado de forma a ser usado também pelos demais moradores da região, possuindo espaços que podem contribuir com a qualidade de vida não apenas dos moradores de pindorama, mas também dos bairros adjacentes.

O edifício é feito em sistema pilar/viga metálicos, com perfil em I, com modulação de 5 x 5 metros e pé direito de 3 metros. O fechamento do edifício é em tijolo, vidro e brises de madeira, possibilitando a iluminação e circulação do ar, considerando as temperaturas da cidade do Rio de Janeiro. O fechamento possibilita também a vista da região.

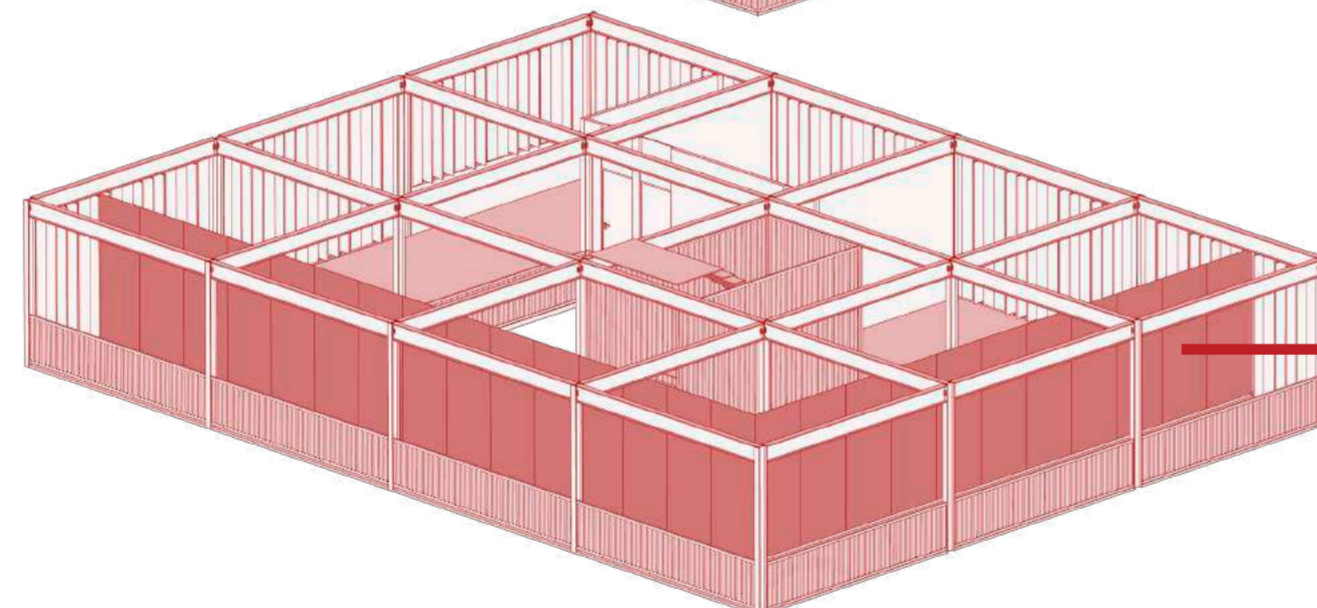
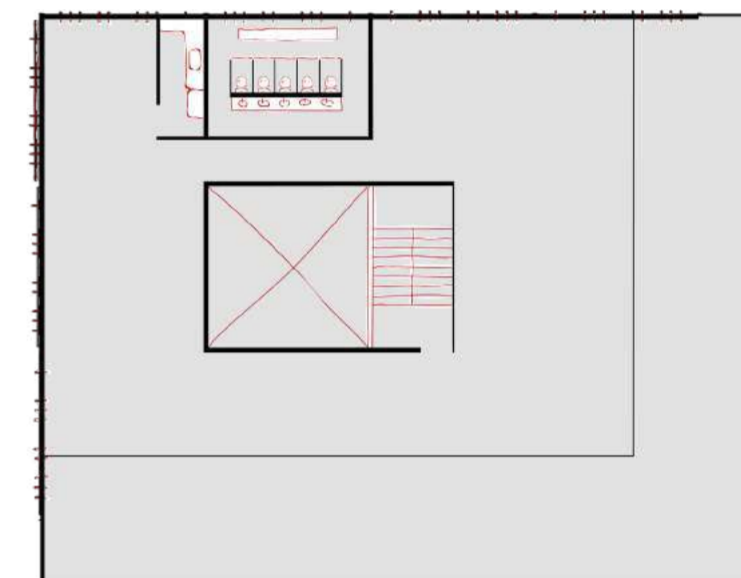
## cobertura

A proposição da cobertura do edifício coletivo dialoga com a dinâmica de sociabilidade das lajes já colocadas nos edifícios dormitório. Vale destacar também a proposição da cobertura da área de luz, que foi pensada de forma a possibilitar a entrada de luz.



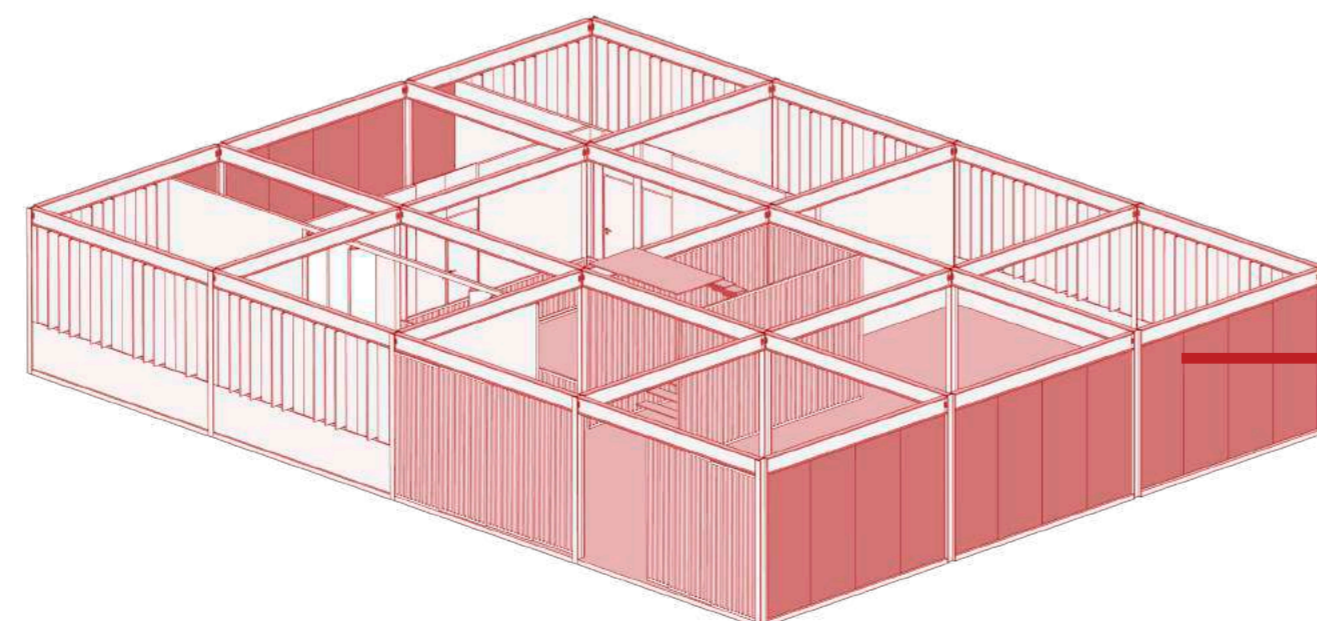
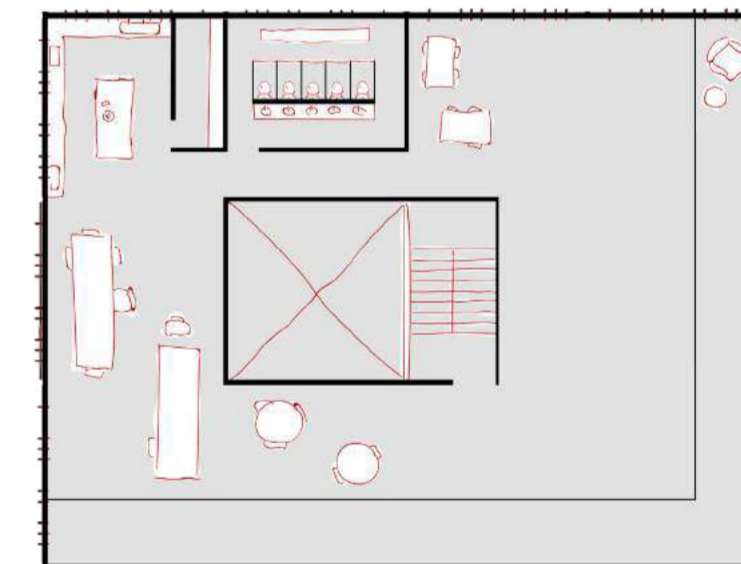
## terceiro pavimento

pavimento voltado para os espaços mais ligados ao lúdico, à criação, à dimensão doméstica do encantamento. A proposição é que isso possa se adaptar às diferentes composições dos moradores que usam esse espaço. Espaço de exploração da dimensão criativa dos corpos e do coletivo; espaço das pluralidades.



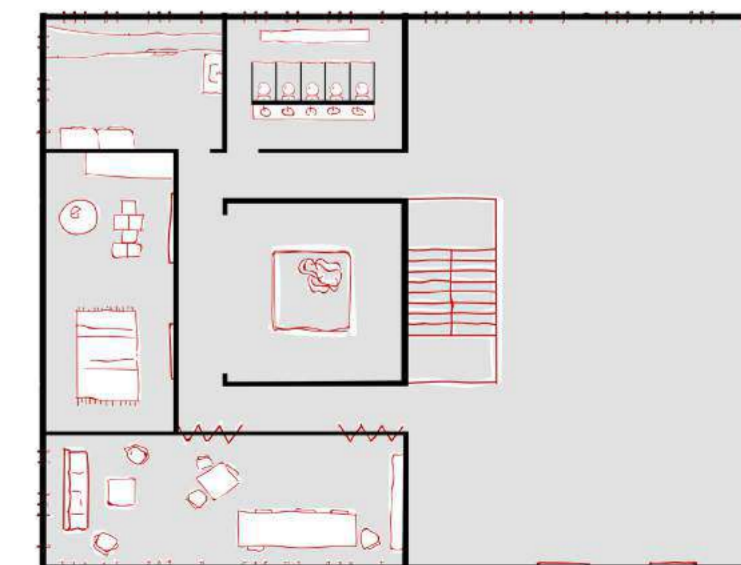
## segundo pavimento

Espaço das atividades da família (ubudlelane). Espaço destinado à alimentação: ao cozinhar, ao comer junto, ao estar junto. A cozinha tem espaço privilegiado uma vez que carrega em si camadas de memória e tradição, a potência da nutrição e o encantamento do estar junto.



## pavimento térreo

Espaço de atração e coletivização para além da escala dos moradores. Pensada a partir dos corpos extremos da existência humana: os mais velhos e os mais novos. Valorização da relação entre esses corpos como momento de encantamento e de aprendizado.

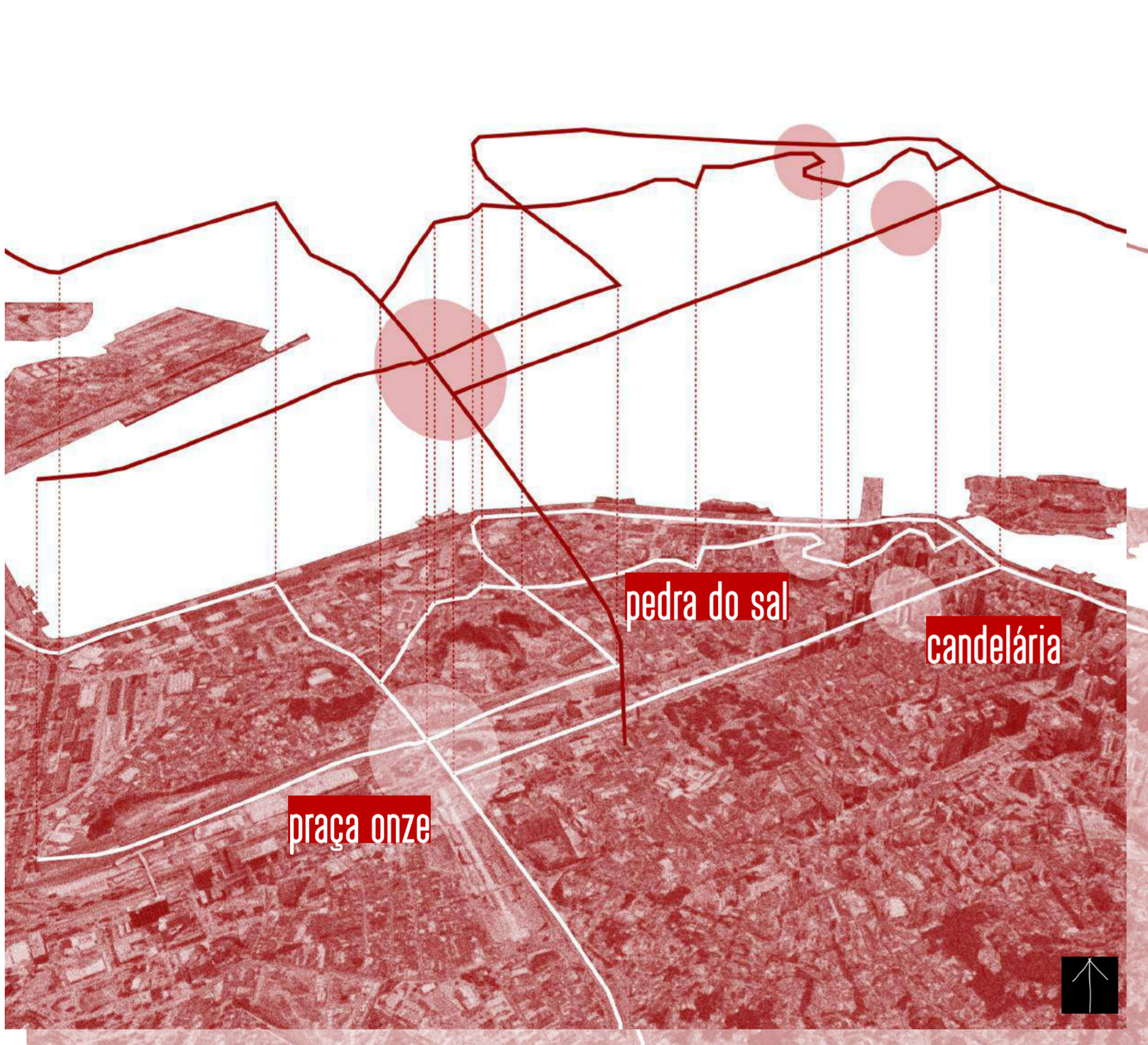


## pindorama carioca

utopia e emancipação social na zona portuária do Rio de Janeiro



ana luiza gongalves | tgi.ii \_ iau.usp



A proposta de construção de uma nova narrativa sobre o território da zona portuária remonta o já citado oriki de Exu. "Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só lançou hoje." É a partir dessa subversão da narrativa do passado que se alteram as condições materiais de construção de um futuro que só existe em potência. Em entrevista, Luiz Antonio Simas fala da necessidade de redescoberta do passado brasileiro, como única forma de construção de futuro.

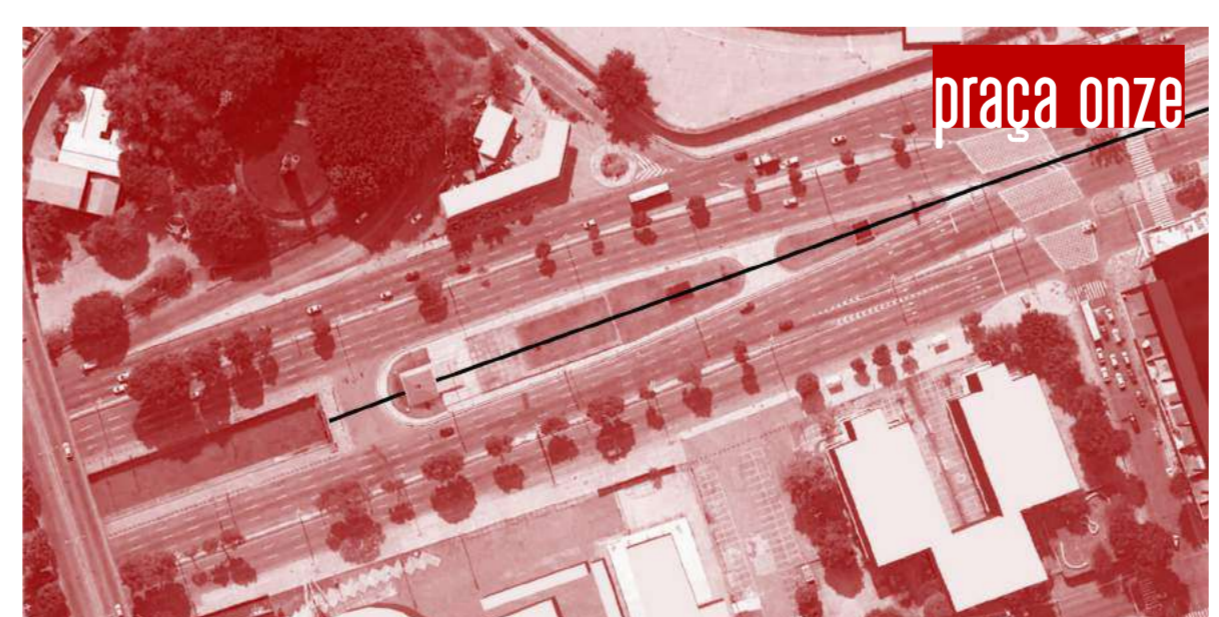
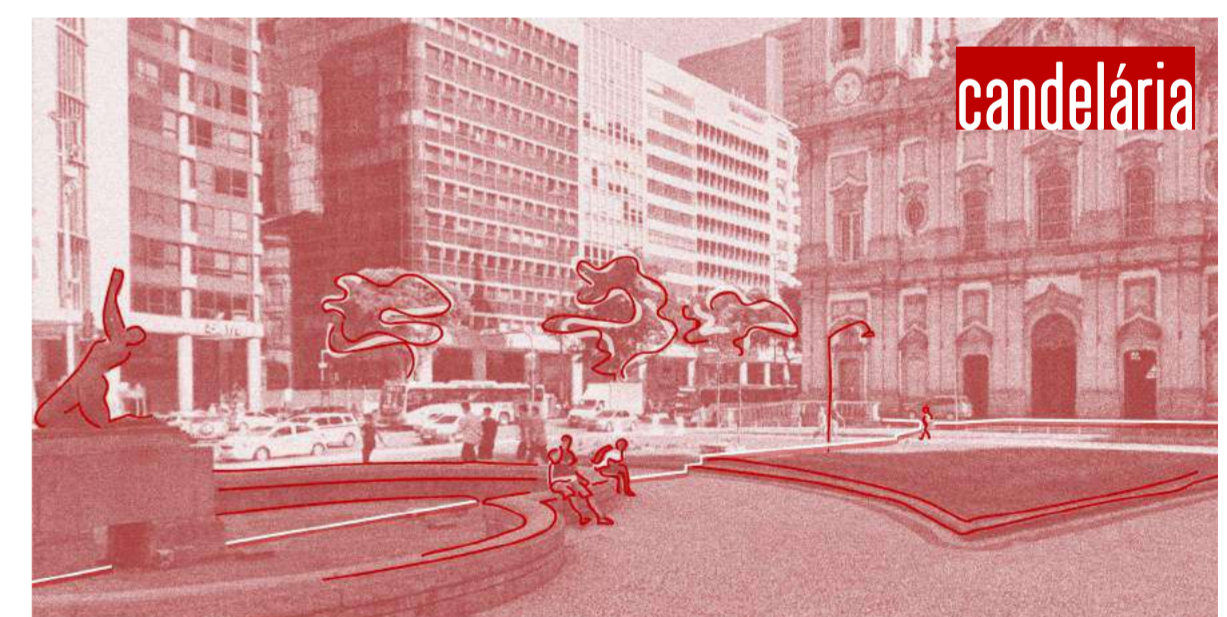
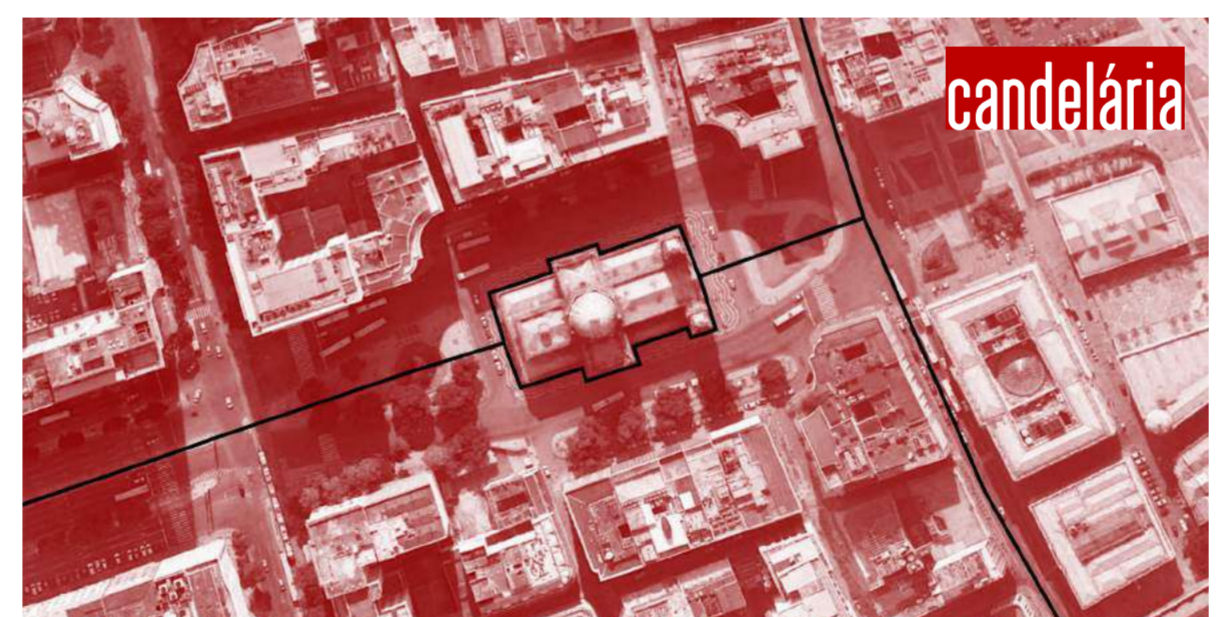
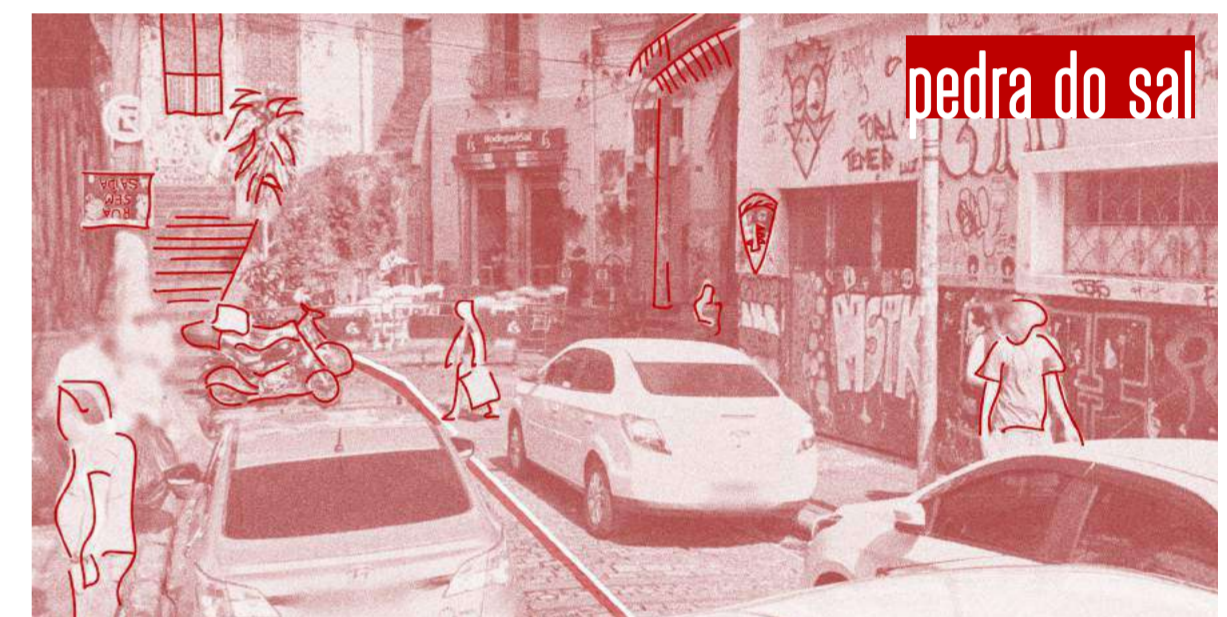
A partir desse entendimento, retomo a proposta de construção de uma narrativa a partir do percurso. Nos levantamentos feitos ao longo da realização deste trabalho, foram sendo encontradas diversas histórias que foram apagadas e/ou escondidas do imaginário coletivo da cidade do Rio de Janeiro. Sejam as praias da Baía de Guanabara que foram aterradas para a expansão da zona portuária; a praça Onze, hoje um diminuto e deserto canteiro central da avenida Presidente Vargas cujo único habitante é um Zumbi dos Palmares decapitado; a Candelária, palco do massacre de crianças que dormiam nas escadas da igreja; ou a Pedra do Sal, cujo nome completo é Quilombo Urbano da Pedra do Sal, conhecido e turistificado por suas rodas de samba, mas que se configura como um dos mais importantes espaços de resistências da cultura e das populações afro-brasileiras na cidade do Rio de Janeiro.

O percurso busca criar um código comum que marque a história desses lugares, sem criar a ideia de uma narrativa única que

responda ao passado desses territórios. É uma intervenção ao mesmo tempo discreta e monumental, que tem como função principal criar questionamentos, incitar a curiosidade e reviver a importância da oralidade como forma de produção de sentidos. De acordo com Silvio Almeida:

"A oralidade tem como principais agentes os chamados Guardiões da Palavra Falada, os verdadeiros responsáveis por transmitir crenças, valores e costumes de geração em geração, mantendo assim a coesão entre determinados grupos sociais. [...] O Brasil traz enquanto característica marcante um cenário de difêrentes fluxos migratórios populacionais; fenômenos que acionam a necessidade de reconhecer diferentes formas em que a tradição oral se estrutura na contemporaneidade. Por exemplo a contação de histórias, receitas de cozinha, a música... Ou seja, mecanismos que sistematizam impactos através das formas de produzir saber, de produzir sentidos. A oralidade é uma forma de transmissão de saberes e de produção de sentidos." (ALMEIDA, 2020)

A narrativa que se propõe é, portanto, plural, cotidiana e local. É um percurso que ativa os guardiões e as guardiãs da palavra falada, que dá a eles um papel central dentro da experiência de viver a cidade. O percurso proposto não é pensado para ser seguido, mas para produzir estranhamento na miudeza da vida cotidiana. É um percurso que incita a jogar a pedra para acertar o pássaro de ontem.



Leia o QR code ao lado para acessar o lado para acessar o vídeo produzido no âmbito deste trabalho sobre os processos de apagamento nas zonas central e portuária do Rio de Janeiro